BIBLIOTHECA UNIVERSAL
Dedicada ao Visconde de Castilho
N.º 17

Manuel Pereira Lobato

A BARONEZA DE LA PUEBLA

ROMANCE ORIGINAL

DO SECULO XVI

LISBÔA
LUCAS & FILHO—EDITORES
Rua dos Calafates, 93
1875

A Baroneza de La Puebla

I

A CARTA REGIA

Em agosto de 1574 chegaram a Lisboa dois senhores hespanhoes, o barão de La Puebla, e D. Luiz Pizarro, noivo o primeiro, o segundo irmão de D. Branca, dama de D. Catharina. [1]

Branca teria dez annos quando seus paes a prometteram em casamento ao barão que apenas contava

[1] Vide *Fidalgos do Coração de Ouro.*

quinze. Era moda esse costume princepesco, que deu á historia tanta fidalga dissoluta.

Tambem era costume dos reis educarem fidalgos, acceital-os no paço ainda adolescentes, e até aprimorarem a educação dos adultos. As rainhas imitavam-n'os educando donzellas.

Os paes dos noivos estabeleceram por isto, e empenharam-se com os monarchas, que o barão fosse educado em Paris e Branca em Lisboa.

Branca veiu recommendada a D. Catharina d'Austria, então regente do reino, e o barão não sei a quem foi recommendado. Nem é preciso.

Decorreram quinze annos, os noivos não se viram n'esse longo periodo, os paes morreram, e tanto o barão como Branca esqueceram completamente os seus compromissos infantis. Foi uma brincadeira de crianças o que trataram, ella com uma boneca na mão, elle com uma canna em que acabava de montar.

N'esses quinze annos o barão não deixara Paris; saira galanteador, e, o que é mais, afortunado no galanteio. As damas eram formosas, e como em todas as côrtes n'esse seculo de contradicções, não se esquivavam a requebros, e requebros principalmente de um hespanhol, soberbo como todos, vaidoso e feroz, que só com um gesto de califa seduzia a melhor parte do bello sexo.

De feições severas, olhar duro, garbo altivo,

pronuncia aspera e sentimentos pouco generosos, seguia todas as idéas do tempo, na guerra matando sem piedade, na paz seduzindo sem compaixão.

Galanteara mulheres sem numero, não passara um mez sem um duello por causa d'essas mesmas mulheres, e cançado de galantear e de se bater, e de gastar dinheiro que não podia, voltou á patria meio arruinado.

Chegou ao castello de La Puebla, entrou n'essa habitação que não via desde a infancia e onde ha pouco tinham falecido seus paes; viu tudo abandonado, perdido; os criados senhores da casa, os rendeiros senhores das rendas, e os judeus a sugarem-lhe o patrimonio com o juro de onze por cento. Onzenas chamavam a este juro.

Quem dera hoje d'isto! Quem dera muitos judeus! Os filhos-familias os vingariam dos ultrages aos seus avós.

Vendo tudo desprezado e precisando demorar-se, e quando saisse deixar alguem que se interessasse pela casa, resolveu tomar estado, resolveu-se a uma coisa em que não pensara uma vez só, porque aos quinze annos não se pensa. Procurou noiva. As filhas dos seus visinhos não lhe satisfaziam o ideal; eram rudes para quem tratara com altas damas; foi a Madrid escolher uma donzella, primor de belleza e de educação.

Entrando no Escurial para comprimentar o rei, encontrou-se com D. Luiz Pizarro, irmão de Branca, a noiva que lhe tinham promettido.

—Tua irmã? lhe perguntou elle. Onde está? Onde pára essa formosa e encantadora criança que não vejo ha tanto tempo? Está em Lisboa ainda?

—Está. É dama de D. Catharina d'Austria, e o sol da sua côrte, respondeu D. Luiz.

—Vistel-a? Estiveste com ella?

—Ha dois annos talvez.

—Então formosa, formosa a valer!

—Já te disse, o sol de uma côrte!

—Sabes perfeitamente que é minha noiva.

—Perfeitamente. Branca teria dez annos e tu quinze quando se tratou do casamento.

—Bom. Lisongeia-me a tua admiravel memoria. Vou casar com ella. Acompanhas-me a Portugal?

—Acompanho, mas receio que na tua ausencia alguem se apossasse d'aquelle coração affectuoso, porque a tua ausencia foi longa, de quinze annos talvez.

—O quê?! exclamou o barão com relampagos nos olhos. Desgraçado do que não respeitou a minha noiva! Quem é o cavalleiro?

—Ó meu amigo, primeiro que tudo as tuas iras devem voltar-se contra ti mesmo. Esqueceste-te d'ella, não é muito que ella se esquecesse de ti.

O barão scismou. O argumento pareceu-lhe razoavel, a elle que não conhecia Branca, nem o amante tão pouco, e a quem nenhum sentimento a não ser o da vaidade aquecia o sangue, bem facil de aquecer.

—Bem, disse elle. Agora que venho a Madrid para me casar e tornar-me homem serio, é que me roubam a noiva! Aqui ha cinco annos nem um principe de sangue m'a roubava. Partia hoje mesmo para Lisboa, e em oito dias a cabeça do rival estava aos pés de tua irmã. Mas vamos ao caso. Branca é formosa como um sol, prometteram-m'a aos quinze annos, e eu digo-te na verdade que me custa a perdel-a. A quem ama ella?

—Não tenho senão suspeitas. Nada posso affiançar. Escreveram-me de Portugal dizendo que ella corria risco, nada mais sei, mas esse risco entendo que é volta de amorio.

—Mas se corre risco então devemos partir. E mata-se o rival, mata-se o portuguezito que se atreveu a de perto encarar com um sol tão deslumbrante.

—Essa idéa perde-a se és meu amigo. Os teus duellos em Paris fizeram muito ruido em Castella, e Filippe II é inimigo de duellos. O teu rival, a existir, é portuguez, da casa do rei ou da rainha, e tanto a rainha como o rei são muito attendidos na nossa côrte.

— Estás realmente com receios muito improprios da tua edade. Vamos a Portugal. É mais uma aventura. Quero ser teu cunhado.

D. Rodrigo meditou e disse d'ahi a pouco:

— Em Portugal joga-se tão bem a espada como em Castella, e ha cavalleiros briosos como aqui. Se effectivamente Branca se affeiçoou a alguem não somos nós que a traremos de lá. Lembra-me um expediente. Informamos el-rei do que se tratou entre nossos paes, e rogamos-lhe a graça de determinar por uma carta regia que minha irmã case com o noivo que lhe destinaram, e assim acabam todas as questões, e não saíremos de Portugal como cavalleiros de triste figura.

— Acceito o conselho, disse o barão cedendo com alguma difficuldade. Basta de aventuras e duellos. Estou cançado do mundo. Caso com Branca e retiro-me para o meu solar. Volto á vida dos primeiros annos. Montear e pescar acompanhado de um anjo que fará a minha ventura.

O barão de La Puebla chegou a Lisboa acompanhado de D. Luiz Pizarro e um grande sequito de criados. Nos paços de Enxobregas apresentou a D. Catharina a carta de Filippe II.

Branca estava longe de o esperar; não pensava n'elle, nem podia contar com elle. Só uma vez ou outra, do mesmo modo que se lembrava das suas bonecas, é que o barão lhe apparecia á memoria.

Demais não soubera d'elle desde que saíra de Castella. Nem o podia conhecer agora com os seus bigodes enormes, a sua figura altiva, o seu olhar de conquistador.

Não se lembrando do barão, e faria o mesmo se se lembrasse, affeiçoou-se a um moço cavalleiro da casa d'el-rei, amou-o com todas as forças da sua alma, com o interesse do primeiro amor, com o fogo ardente de uma affeição purissima.

Vasco de Mendonça se chamava o fidalgo, fidalgo na ousadia e na belleza, distincto por seus feitos, e bemquisto de todos.

Vasco tambem a amava a ella com extremosa dedicação, com delirio promovido por tanta belleza.

Quando a rainha lhe mandou dizer que a procurava o barão de La Puebla, o qual trazia autorisação do rei de Castella para a desposar, Branca ficou quasi fulminada porque lhe abriam a sepultura em vida; porque a condemnavam a torturas que não podia padecer.

Era melhor matarem-n'a do que rasgal-a com tal golpe. Desposar um homem amando outro era a polé, era o cavalete, era a fogueira applicada a um innocente.

Branca contava vinte e cinco annos. N'essa edade, a mulher, quando ama, tem a vertigem e a loucura do amor; quando calcula excede o ma-

thematico em frieza. Mas ella amava, já o dissemos á leitora.

Era formosa, o sol da côrte de D. Catharina como ouvimos dizer ao irmão. N'ella caíam os olhares dos cortezãos, a ella se dirigiam os requebros dos fidalgos mais distinctos.

Nas festas, que então eram poucas, quem tivesse a felicidade de a ver, ficava maravilhado da sua belleza.

Tinha o rosto oval, da côr das rosas, d'essas rosas de suave colorido que de certo roubaram á donzella as tintas feiticeiras com que nos namoram nos jardins.

Os seus olhos eram castanhos; fixos na terra tinham reflexos de ceo que traduziam o amor purissimo e devotado que distingue os anjos.

Os labios pareciam de uma criança que sorri á mãe que a beija. Os cabellos louro-escuros, longos e assetinados.

Completavam esta visão a quem Deus de certo não distinguiu com prendas tão raras para ser victima do despotismo, o corpo gentil, as formas graciosas, e uma alma dotada de todas as virtudes e capaz de todos os sacrificios.

Que contraste com o noivo que lhe mandava Filippe II!

Recebendo o noivo e o irmão com lagrimas de sangue ainda quiz mostrar que chorava de alegria.

D. Luiz interpretou bem essas lagrimas; até se indignou com ellas. O barão sorriu-se do pranto da donzella que era formosa a valer, e tinha de ser sua, no corpo pelo menos.

Que lhe importava a elle o pensamento? E o que era o pensamento para o illustre tonante?

Essas idéas eram boas para o seculo passado; no seculo da canella, do brocado e das restricções mentaes eram irrisorias; a realidade material era a unica de merecimento.

Sorrindo-se, deleitando-se como o tigre com os gritos da presa, absorvia no seu olhar o vulto elegante da noiva e sentia um certo prazer na dureza da conquista.

O irmão observou a Branca:

— Essas lagrimas, que não devias chorar, são para a tua camara, não são para aqui.

— Choro de alegria, disse ella tentando esboçar um sorriso.

— Seja assim, proseguiu D. Luiz; mas nota que estavas promettida ao meu amigo barão de La Puebla, e que el-rei, nosso senhor, sanccionou a promessa sellando com os seus sellos reaes uma ordem que é uma distincção honrosa.

— Estou prompta a cumprir as ordens de sua magestade, disse Branca pronunciando estas palavras como um suspiro da morte.

— Bem, meu anjo, lhe disse o barão. Estaes

prompta a obedecer ás ordens d'el-rei. É uma prova de respeito e de lealdade. Sois portanto minha esposa.

E beijando-lhe a mão roçou com os cabellos hirsutos do bigode na pelle finissima da delicada donzella, promovendo-lhe uma contracção de nervos.

A não querer supportar a tortura ou padecer morte ignominiosa como não havia de obedecer Branca ás ordens d'esse rei a quem a historia denominou o demonio do meio dia?

Foi triste o casamento, dolorosa a cerimonia.

Quando entrou na capella Branca dirigiu-se ao altar e pediu resignação a Deus. Deus deu-lhe coragem para consummar o sacrificio.

As palavras sacramentaes disse-as com frieza, claras, compassadas como se as repetisse o tumulo em que guardasse o coração.

Vasco tinha acompanhado el-rei a Tanger. Se estivesse em Lisboa talvez a martyr não tivesse forças para entregar a mão a outro homem estando presente o que amava. Succumbiria, e ella desejava o pensamento vivo para afagar em imagem o seu amado cavalleiro, para o ver em sonhos, para o ter ao pé de si em saudosas recordações.

Á tarde embarcou para Alcochete. Atravessou o Tejo, esse Tejo querido da sua mocidade, que tantas vezes scintillara aos seus olhos, em cujos espelhos tantas vezes se mirara, e olhou pela ul-

lando a essa mulher que o perseguia e ameaçava Branca. Enganas-te. Tu é que me seduziste! »

D'esta ameaça nasceu a carta que recebera D. Rodrigo, em que lhe diziam velasse por sua irmã, o que elle não soube traduzir.

Essa donzella chamava-se Maria Valdez. Em breve a encontraremos.

Vasco voltou á Portugal em 1572 depois de servir doze annos em Africa. Serviu como cavalleiro e como fronteiro, e veiu com a aureola de gloria que resplandecia na fronte dos defensores de Mazagão.

Entrando nos paços de D. Catharina conheceu Branca. Já sabia por tradição que estranha formosura era a dama da rainha. Os poetas a haviam cantado. Os poderosos a tinham pretendido. Mas para ella havia um poder e uma poesia superior a tudo, que era o amor em que se desentranhasse o seu coração para um homem que a amasse tambem.

Chegou a Vasco a vez de amar, e Branca sentiu no coração esse sentimento nobre e dominador, que não conhecia ainda, e que devia decidil-a a acceitar a mão de um homem.

Amaram-se, amaram-se loucamente, e em breve talvez sanccionassem o seu amor se D. Sebastião de um momento para o outro não atravessasse o estreito para experimentar o africano.

Acompanhou-o a Tanger como sabemos; e lá chegou a noticia da chegada do barão, mas não a do casamento.

O nome porém do barão não era estranho a Vasco. Branca lhe contara uma vez que seus paes a prometteram em casamento a esse barão castelhano; mas não o tornara a ver, accrescentara ella, e até o julgava morto ou pelo menos esquecido d'esses compromissos da infancia.

Vasco quiz embarcar para Lisboa, os receios cortavam-n'o, o barão podia roubar-lhe o seu thesouro de bellezas; mas o rei não dispensava nenhum fidalgo, e muito menos a elle, que era um cavalleiro experimentado e dextro.

Um incidente porém veiu em soccorro de Vasco. D. Sebastião deportou-o. [1]

Chegando a Lisboa procurou D. Catharina, e soube no paço que o barão de La Puebla lhe tinha roubado o seu thesouro.

O golpe foi terrivel. A sua idolatrada Branca ligara-se a um homem que não amava, a um cavalleiro sem fé, sem lealdade, sem caridade, a um infame protegido por outro que abusava da realeza e da sua missão divina.

Que vida a sua! Que inferno depois d'aquella desgraça!

Quasi morto, quasi succumbindo á dôr, Vasco

[1] Vide *Fidalgos do Coração de Ouro.*

fugiu para a Carriã, para o ermo do seu solar. Só ahi nos braços de dois entes que o estimavam, nos braços de sua mãe e de sua irmã, é que poderia achar algum allivio. Só ahi lhe arrancariam o coração do tumulo de ferro em que o sentia gelado. Os affectos sinceros e duradouros da familia, sómente esses, o poderiam restituir á vida.

Mas a dôr que o rasgava era immensa. Branca era duas vezes sua. Sua pelo amor e pela gratidão.

Elle a salvou d'uma cilada que lhe armara Maria Valdez; elle a tirou das garras d'essa mulher perigosa que o seduzira e guerreara, d'essa mulher que dementada pelo ciume raptara a rival.

Vasco a libertou e entregou á rainha.

Era duas vezes sua e roubaram-lh'a tão desapiedadamente. Entregaram-n'a a outro que não respeitaria a saudade nem a dôr da escrava do rei castelhano.

Carriã era o nome do seu solar. Ficava perto do mosteiro de Alcobaça. Ahi fôra educado, e d'ahi partira a fazer as suas primeiras armas nas terras dos infieis.

Era Vasco em extremo bemquisto da sua familia, pela sua natural bondade, pela sua corajosa dedicação, pela sua audacia e perseverança.

Além d'isto era o unico herdeiro e representante do solar.

Depois que viera de Africa instara o santo egoismo das duas senhoras para que deixasse o serviço.

Vasco tinha ambições, e o paiz armava-se e o rei procurava allianças para combater os infieis. A sua espada, desfraldando-se a bandeira da cruz, não podiá conservar-se na bainha.

Ficou em Lisboa na guarda dos fidalgos; de 72 a 74 guerreou o escrivão da puridade, teve com elle uma guerra de morte para o derrubar do poder; o governo do padre era nocivo aos interesses da patria como quizemos demonstrar no romance *A queda d'um gigante* ; e durante estas lutas é que viu e amou a infeliz donzella que acabavam de lhe roubar.

Nunca as desintelligencias com o jesuita o levassem a Enxobregas, nunca o introduzisse no paço a alliança occulta com D. Catharina de Austria que procurara todas as armas para ferir Martim Gonçalves. Lá vivia o sol que o deslumbrou a principio e abrazou depois com todos os fogos do amor.

Entrando nas suas terras, ao atravessar a alêa de arvores que conduzia do portal ao atrio da casa, parou e disse ao pagem:

— Teolindo, entro no meu solar muito triste e muito magoado.

— Infelizmente, disse o pagem com voz peza-

rosa, pois sabia todos os segredos de seu amo.

—Não ignoras o motivo.

—Vossa mercê teve a bondade de confiar de mim a entrega de algumas cartas.

—Bom será que não passe de ti esse segredo.

—E que hei de dizer a quem me perguntar a causa dos vossos desgostos?

—Que me apaixonei com o desagrado de sua alteza.

Tendo-o visto na estrada a mãe e a irmã correram a recebel-o.

Foi triste a recepção. O cavalleiro não pôde apertar ao peito aquelles dois entes queridos, sem que lhe rebentassem as lagrimas do coração oppresso.

Affligiram-se as senhoras.

—Que tens, meu Vasco? Que é? Porque choras? lhe disse a mãe percorrendo-lhe o semblante com a vista alheada. Tu soffres muito, meu filho! Soffres. A tua dôr é muito grande para chorares quando me vês. Fala. Que magua é a tua que não tenha balsamo no meu coração? Desafoga no seio de tua mãe, meu querido filho!

E a nobre dona abraçava-o e cobria-o de beijos.

Vasco dominou a commoção e respondeu:

—Não é só a dôr que me arranca lagrimas, minha mãe, é a alegria tambem de a abraçar e de lhe dizer que aqui me tem ao pé de si, por muito

tempo, talvez até á morte. El-rei deportou-me. Offendi-o no seu orgulho que é mais sagrado que a sua realeza. De certo me não torna a chamar.

— Offendeste essa criança que te castiga deportando-te para os meus braços! Abençoado seja o principe que me restitue o meu filho. Deshonrado não vens. Então abraça-me. Já pagaste o tributo de sangue á patria. Estás quite para com ella. Agora descança.

A irmã de Vasco não ficou satisfeita com tão fracas razões para commoção tão forte. Lera-lhe no fundo da alma os pezares que o cortavam.

Uma tarde, tarde de setembro, meiga e perfumada, Vasco sentara-se á margem do Alcôa, que atravessava as suas terras. Os raios purpurinos do sol, descendo no horisonte, douravam as arvores. As aves avisinhavam-se dos ninhos. As brisas embalsamadas das flôres do outono traziam nos seus aromas saudades e recordações. Vasco devia pensar na visão que lhe desapparecera, devia-a ter em imagem a seu lado, meiga e triste, chorando a desventura, que a roubou áquelles logares. Devia ser alli o seu paraiso, era para os seus olhos áquelle quadro, meigo como elles. As brisas não deviam traduzir saudades, mas sim enleio. As aves não deviam cantar endeixas, mas sim epitalàmios.

A irmã observava-o, não por curiosidade, mas por amor. Queria-lhe o segredo do coração affli-

cto; carinhos e confidencias o podiam consolar.

A tarde parecia mandada por Deus para que os afflictos da terra confessassem uns aos outros as suas magoas.

A irmã aproximou-se d'elle, abraçou-o e disse-lhe suave e meiga como ave do ceo que trouxesse alimento aos filhos:

— Amas, Vasco. Não foi o desagrado do rei que te ferio. Para esse te socegaria a consciencia dos teus actos e a convicção do teu valor. Amas, e desprezaram-te. Que anjo ha ahi na terra que mereça a tua paixão! Confia de tua irmã esse segredo homicida. Soffres e padeces. Queres pagar o desprezo, a offensa, a traição d'essa mulher com uma recordação dolorosa, com uma saudade que te mata? Animo, meu irmão, animo!

— Não, não, exclamou Vasco abraçando-a. É por uma mulher que estou loucamente apaixonado, mas ella não me desprezou. Se me desprezasse eu seria digno de mim. Roubaram-m'a. Roubou-m'a o despotismo de um rei e a villeza de um cavalleiro.

Em seguida contou tudo á irmã. Desabafou por alguns momentos a sua dôr enorme. Mas a confidencia não era a triaga do seu mal, sim, o aniquilamento do seu ser.

III

O SOLAR DO BARÃO

O barão, D. Branca e D. Luiz Pizarro saíram de Barrancos ao cair da tarde de um dia de agosto e atravessaram a raia.

Um quarto de legoa depois avistavam o castello de La Puebla.

Triste habitação, soturna e medonha! O castello campeava negro e ameaçador no cume de um outeiro. As suas torres esguias recortavam-se n'um horisonte carregado áquella hora de nuvens escuras; as vidraças das ogivas reflectiam em chammas os raios do sol; sombras sinistras se projectavam das muralhas.

Fôra theatro de combates terriveis o castello do barão. Mouros o atacaram, christãos o defenderam. Hordas inteiras de barbaros alli estavam sepultadas nos fossos e nas vertentes.

Quando a baroneza, pelos vidros das suas andas de velludo carmesim com pregaria dourada e guarnições da mesma sorte, olhou para a molle immensa de granito talhada em castello, sentiu um certo prazer na alliança da tristeza da morada feudal com a tristeza da sua alma.

As muralhas negras de La Puebla como que tra-

javam luto pela morte de muitas gerações, no fosso como que se ouviam os gritos dos que alli morreram fanatisados por uma idéa, nas faldas do outeiro parecia que o sangue dos combatentes corrompera o humus productor.

As terras que dominava o castello cobertas de abrolhos, e as torres topetando com as nuvens, diziam ao espirito de Branca que o valle d'esta vida era de lagrimas, e que só havia reparação d'essas lagrimas na morada eterna para onde apontavam as torres.

Mordomo, moços da guarda, da camara, da estribeira e pagens correram a esperar os amos, e de Barrancos até casa foi lustroso o sequito que os acompanhou.

Quando subiram a encosta tocaram no castello os sinos, troaram as bombardas, e varias signas e pendões com a caldeira dos ricos homens, se içaram nas muralhas. Os habitantes do burgo correram á porta e receberam os noivos em alas e com flores.

O barão ia satisfeito; mostrava no semblante a alegria natural do senhor que entra nos seus paços com uma noiva formosa. Mas a noiva ninguem a viu. Ella correra as cortinas para se furtar á curiosidade de criados e vassallos.

Entrando no terreiro o barão galopou até á escada, supeou como habil cavalleiro o seu ruão,

apeou-se atirando com as redeas á cara do palafreneiro, e esperou pelas andas da baroneza.

Ajudando-a a apear deu-lhe o braço, e conduziu-a aos aposentos que lhe tinha destinado.

Branca subiu uma escadaria e entrou na sala de recepção. Ao entrar os seus olhos espantaram-se; tudo era rico e sumptuoso no interior do castello. Até se esqueceu por alguns momentos do objecto em que se fixara o seu espirito, tal foi a surpreza dos sentidos ao ver aquella maravilha n'um castello da edade media.

A idéa de não encontrar d'entro d'aquelles muros do tempo dos Affonsos objecto algum que se não alliasse com a sua dôr, pelas côres de que estivesse vestido ou pelas recordações que suscitasse, mais concorreu para o seu espanto.

Tudo era rico n'aquella sala, madeiras, estofos, vidros e christaes.

Os paes do barão tinham enriquecido o castello com os commodos e elegancias da moda; mas no exterior não lhe haviam tocado.

A habitação da familia era n'um dos corpos do edificio, encostada á muralha, e não na torre de menagem como fôra antigamente.

Desde o seculo XIII que os senhores de La Puebla, como todos os senhores de castellos, tinham abandonado a torre de menagem por aposentos mais alegres. Ficaram porém como estavam nos outros

corpos os armazens, estrebarias, casernas e a sala de reunião dos homens d'armas.

Trouxe o luxo do Oriente estas mudanças, e outras muitas que enervaram os peninsulares.

Em vez de bancos de espaldar com coxins de couro, tapetes de esteira, mesas pregadas ao soalho, bofetes, credencias, assentos de dobradiças, a pesada e polvorenta cadeira senhorial, as vélas em braços de ferro, tinha ricos tapetes da Persia, moveis lavrados e dourados, reposteiros de seda, tapessarias finissimas cobrindo as paredes, biombos de panno de raz para abrigarem os leitos, banquinhos para os pés, pelles e esteiras perfumadas, cadeiras largas com docel, candelabros de prata.

Os pesados bahús, as cadeiras e leitos romanos estavam substituidos por moveis elegantes.

O quarto que o barão destinou para Branca tinha uma cama magnifica, com cortinas de setim carmesim e damasco branco, cobertor de brocado com bordadura de velludo, travesseiros e almofadinhas bordadas de seda azul, uma cadeira á ilharga, de velludo alaranjado com franja d'ouro e prata, e um guarda roupa coberto de panno rico.

Não era pois o antigo castello como esperava a baroneza para sepulchro da sua belleza criminosa. Tudo lhe avivaria a saudade n'aquella habitação decorada com objectos eguaes aos que viram nascer o amor que votava a Vasco.

La Puebla effectivamente já não estava n'essas eras em que o peregrino para obter uma cama de palha cantava o romance da sua vida, o mouro lançava ao ar o turbante e pagava cinco soldos, e o judeu punha as polainas á cabeça e resava um padre-nosso.

Era uma habitação senhorial com o aspecto guerreiro da edade media e os commodos da renascença. Nos terrenos oppostos áquelles por onde entraram, havia jardins, lagos, pomares e hortas, cercado tudo de arvores seculares, que, assim como as paredes do castello, escondiam os regalos e as delicias dos senhores.

Logo que chegou ao seu quarto, e viu Barrancos e a planicie em que assenta, e ao longe o recorte dos outeiros do seu amado Portugal, Branca expelliu um ai triste e surdo que lhe rasgou as entranhas em lagrimas.

Depois, como attraída por aquelles montes, por aquellas arvores, por aquelle ceo—por todo o panorama que se desenrolava diante de seus olhos, correu ao balaustre, e com as mãos cruzadas sobre o coração, exclamou:

—Ó patria de Vasco, ó ninho meu adoptivo, mandae uma saudade, um consolo a quem vos chora tanto!

O barão entrou n'este momento. Branca voltou-se para elle, com os olhos marejados de lagrimas, o

pavor pintado no gesto, as faces contraidas; parecia a condemnada que conta os seus ultimos momentos.

O barão não reparou em coisa nenhuma. Nunca se occupara da tristeza de sua esposa para se occupar então. Nem na sua alma, refractaria á saudade e ao amor, podia dar-se a desconfiança de ser atraiçoada moralmente. Onde estava o corpo, para elle estava o espirito.

— Já escolheste aia? lhe disse elle como se em vez do soffrimento visse a alegria pintada no rosto da desgraçada.

— Não, respondeu Branca tremendo de receio apezar da indifferença do marido.

O barão pegou n'um apito de prata e chamou. Um pagem appareceu logo.

— Todas as criadas, disse elle, á presença da sr.ª baroneza.

As criadas estavam perto. Esperavam as ordens da sua nova ama.

Branca já as tinha visto em alas, á sua entrada, rendendo-lhe mil finezas, o que a infastiou sobremodo. E quando a seguiram para o quarto, não as despediu, mas manifestou-lhes que queria ficar só.

Estas criadas não desdiziam do exterior do castello nas rugas do rosto e na curva das costas; eram uma collecção admiravel de antiguidades; mas falantes e moviveis.

Entre ellas porém havia uma ainda moça, de rosto meigo que parecia no seu modo de olhar ou comprehender a dôr de sua ama ou soffrer como ella algum desgosto profundo.

A baroneza nomeou a sympathica rapariga para sua criada particular.

As velhas resmungaram. Disseram até que Pepa, pois este era o seu nome, fôra a preferida por motivos particulares bem pouco honrosos para a dona.

Apezar da opposição das velhas Pepa entrou immediatamente no exercicio das suas funcções.

Os primeiros oito dias de residencia no castello passaram-se em visitas. Os senhores da visinhança, com toda a sua familia, criados e cavallos, aproveitando a occasião de ostentarem as suas grandezas, foram comprimentar os noivos, e os noivos da mesma forma corresponderam a esses comprimentos.

A baroneza com toda a sua resignação e sublime paciencia recebeu esses enfatuados senhores e essas damas cuja curiosidade galvanisaria um defunto; foi com o maior sacrificio a casa d'elles e d'ellas para continuar a expiação dos seus peccados; mas logo que se viu livre de compromissos, fechou-se no seu quarto, e como uma cenobita desappareceu aos olhos profanos.

Vivia encostada ao balaustre da ogiva que do-

minava as terras de Portugal; pensava em Vasco, no seu regresso de Africa; e, o que é o coração humano! com o firme proposito de ser boa esposa, e sem esperança e até desejo de não tornar a ver o amante, ás vezes, no seu perdoavel egoismo, receava que elle a esquecesse ou por dever ou por compaixão.

O barão não a contrariava, nem lhe pedia explicações do seu viver. A principio ainda insistia com com ella para que saisse a cavallo, para que passasse um serão em casa de algum visinho; mas depois vendo que eram baldados todos os seus esforços, deixou-a na sua camara, ao pé da sua janella, junto da sua criada, e — o que elle nem sonhava: com as suas saudades e as suas recordações.

Assim correu a vida d'esta senhora durante alguns mezes.

O barão ao contrario não parava no castello. Caçava, jogava, e entregava-se nas horas vagas á conquista facil das filhas dos rendeiros.

Sem o quererem um protegia o outro nas suas paixões e nos seus gosos intimos.

Parece que havia uma combinação tacita pela qual o barão não affligiria Branca com os cuidados e deveres d'esposo, nem ella se opporia aos excessos e desregramentos d'elle.

Desventurada! Pobre martyr do despotismo da

realeza! Recorda e chora, que a tua vida é de recordações e de lagrimas.

Refrigera os olhos nos doces quadros do teu paiz adoptivo, e de noite fixa-os na estrella que vês no zenith do teu ceo. Talvez lá estejam fixos tambem os olhos de Vasco.

O mundo te perdoará esse goso, porque sabe quanto elle dóe.

IV

OS SERÕES NA CARRIÃ

Alvejando entre fructeiras e coroado das suas torrinhas apparecia, modesto e humilde, o solar de Vasco mesmo em frente do mosteiro de Alcobaça, que o assoberbava com a sua fabrica immensa.

N'esse mosteiro havia muitos homens a quem chamavam frades, vadios com nome de santos que resavam e engordavam por não terem outra occupação.

A esses frades gordos pediram as senhoras da Carriã o obsequio de distrairem Vasco, de o entreterem, de o consolarem:

Boa missão para os folgados cenobitas. Vasco

não resistiria ás facecias dos homens mais alegres e anafados que passeavam no paiz dos conventos. Dos conventos que eram mais que a terra, como diz Gil Vicente na *Fragoa d'amor*.

Crescendo em tudo excepto em santidade primavam os bons dos frades em comer, em jogar os naipes e galantear. Dos preceitos do seu mestre e engrandecedor da ordem não havia exemplo de se lembrarem.

Pela interpretação do sonho de Alett, mãe de S. Bernardo, que sonhara, estando pejada do santo, trazer no ventre um cachorrinho, deviam defender a Egreja com o ladrido da prégação. Atacavam-n'a os sugeitos com o desregramento da sua vida. Riam-se até de se ter mettido o santo n'um tanque gelado para socegar o pensamento excitado por uma dama. Não criam na virtude do gelo. Receavam constipar-se.

Chamem-lhe agora estupidos, chamem-lhe bernardos!

Exortados assim para salvarem uma alma, estavam os frades constantemente na Carriã tomando a peito a salvação do mancebo.

— Havemos de pol-o alegre, disseram elles ás senhoras. E venham naipes, e venha vinho. O vinho alegra, o naipe entretem.

Naipes e vinho é que elles queriam, pois com o cavalleiro pouco se importavam. Até lhes convinha

que a paixão fosse longa, que durasse pelo menos até á matança, que deitasse fóra o natal.

Ao anoitecer era certo caminharem para a Carriã seis ou oito frades, dos mais patuscos e gracejadores que engordavam no convento.

Reuniam-se em uma sala, ao redor de um bofete, jogavam, riam e comiam, e só alta noite é que deixavam o solar.

Vasco a muito pedido estava com elles alguns minutos, dirigia duas ou tres palavras a cada um, e a pretexto de incommodo recolhia-se ao seu quarto. Nem lhes dava tempo de principiarem a catechese.

Podia lá ser o espirito do mancebo, todo entregue a uma saudade profunda, e além d'isso espirito delicado e fino, ligar-se por alguns minutos com aquellas almas de adipe, que não concebiam nem a fé, nem a esperança, nem a caridade, nem o amor, nem o desprezo, nem o infortunio?

Quando os via com a barriga a sopesar a papeira, com as faces açafroadas a disputarem campo aos olhos, fazendo ranger as cadeiras ao menor movimento do corpo, e estremecer a mesa ao pousarem-lhe as mãos, sorria-se para a irmã, manifestando claramente o nojo que lhe causavam aquelles personagens.

Uma noite, porém, em attenção a sua mãe, ficou com elles, e passou todo o serão na companhia

dos bernardos. Que facecias, que sentenças; que estridulas gargalhadas toda a noite!

Como entendiam que a paixão de Vasco não era o desagrado do rei, mas sim o desprezo de alguma dama, e para isto não era necessario serem muito espertos, um d'elles, frei Francisco do Nascimento disse ao fidalgo para encaminhar a conversação:

— O mosteiro de Alcobaça já foi muito mimoso das visitas dos nossos reis. Dignavam-se visitar-nos a miudo. E não se diga que era por causa da conhecença das botas ou sapatos que pagavamos, á sua escolha. Gostavam de ouvir os nossos sabios, de comer á nossa mesa, que foi sempre abundante, e honravam-se de ter no reino um convento que orgulharia qualquer soberano. Os ultimos reis não tem mostrado pela communidade o dizimo do interesse de seus avós.

— Mas sua alteza ainda ha pouco vos visitou, observou-lhe Vasco.

— Uma visita apenas, e de fugida. Mas a culpa não é d'elle, é do Gama, do grande capitão que descobriu o Oriente. A vista é pouca e os olhos pequenos para abrangerem o oceano. O interior do paiz já não tem valor. Isto não rende nada. Perolas e só perolas, camella e ouro!

— E se fossem só perolas! seguiu outro no mesmo diapasão, frei Antonio do Amparo. Com as perolas veiu o luxo, o desregramento e a orgia. O homem

dá o sangue para obter riquezas e gloria, a mulher dá os encantos para não ficar esquecida no lar da sua casa.

— Muito bem, exclamou um terceiro, frei Amaro dos Esquecidos. Podiam ter servido as perolas para animar a agricultura, para termos os celleiros cheios de trigo e não o mendigarmos a terras estranhas, mas não. Serviram para brocados e setins, e para os cavalleiros presentearem as damas com mulas guarnamentadas de antretalhos e brocados. Ah! a côrte está perdida. Feliz d'aquelle que póde fugir aos perfidos attractivos e no remanso do lar orar a Deus para que o não entonteça com asudades e recordações.

Vasco comprehendeu a allusão de frei Amaro dos Esquecidos, e sorriu-se para a irmã. O frade ficou impando de orgulho. O primeiro golpe de viseira levantada tinha-o dado elle.

A mãe de Vasco, dobando na sua dobadoura de marfim, não tirava os olhos do filho, sorrindo se elle sorria, observando-o se elle meditava. A boa senhora imaginava que os seus visinhos tinham tanto valor no ceo como peso na terra.

— Dizeis bem, tornou frei Antonio. Brocados e setins que não fazem o homem mais honesto nem mais são, e fazendas de Flandres que estonteiam as mulheres. Ah, e a mulher estonteada é a perdição do homem!

Outro frade que ainda não falara, porque a sua mania era cantar, e não estava bem senão cantando, aproveitou o ensejo que lhe proporcionara o seu collega, e tomando a guitarra que trazia sempre comsigo, disse á assembléa:

— Se permittis direi tambem alguma coisa a respeito do caso, mas em verso, obra de Mendes Çacoto, o afamado capitão de Çafim e Azamor.

E afinando a guitarra cantou assim no meio da hilaridade geral:

Estas cousas ha de ter
no paço a gentil dama:
dormir já muito na cama,
porque a possam menos ver.

Vir á missa muito tarde,
muito tarde ao serão,
porque faz mais saudade
e nam parece livindade
ante quantos ahi estam.

Bom escrever e bom falar
motejar e saber rir,
bom dançar e bom bailar,
as cousas que são de olhar
sabel-as mui bem sentir.

Quando tiver nos serãos
algum parente ou amigo,
ainda que sejam mui sãos,
tenham fora quatro mãos
por trez é grande perigo... [1]

Parando para ouvir os elogios que os circumstantes costumavam dispensar-lhe, continuou pouco depois:

— Agora tambem vos direi as palavras de João Affonso de Aveiro relativas á despeza que os galantes fazem com as damas:

Damas querem mil arreos
antretalhos e brocados,
estribos, copos e freios
esmaltados e dourados.

Querem novas bordaduras
d'envenções entretalhadas,
e outras cem mil doçuras
de mulas guarnamentadas.

E isto por vaidade
que se faz em Portugal,
seria mais caridade
ou esmolas ou em al.

[1] Canc. ger. t. II p. 522.

As despezas que se fazem
com estas damas... [1]
que se mulas lhes não trazem
escarnecem das pessoas. [2]

As palmas e os bravos dos ouvintes retumbaram á roda do bofete; o frade cantara com chiste; até Vasco, um pouco distraido das suas magoas, comprimentou o tocador.

D'este comprimento tiraram frades e senhoras um agouro lisongeiro. Vasco ouvira o cantor, o cantor distraira-o alguns momentos da sua idéa fixa, logo principiava a cura que o mosteiro archivaria.

— Adiante, adiante, murmurou frei Francisco do Nascimento, o primeiro que falara, e que esperava a occasião de applicar novos remedios.

« É verdade, disse elle em voz de chantre. São essas mulheres a que mui graves autores chamam corda de Satanaz, corda que prende e conduz o homem a sacrificios infernaes. Ah! meu amigo e sr. Vasco, sois moço, sois tentador, estaes portanto entre Silla e Carybedes. Se pelo vosso são juizo combateis as affeições, lá vem a formosura que vos precipita. E quanto mais sensato o homem

[1] Vide no *Canc.* a palavra suprimida.
[2] *Canc.* ger. pag. 482.

formoso mais perseguido. Fazeis muito bem em viver no vosso solar. Consagrae todo o affecto a estes dois anjos que presidem ao nosso serão, e eu vos affianço que sereis ditoso».

— As mulheres, veiu frei Amaro, segundo diz Santo Agostinho, devem amar-se como o proximo e evitar-se como Satanaz. E o padre Mapide diz que o homem mau é abominado de todos, mas que a mulher é sempre amada sendo engraçada e formosa.

— Eu tambem direi alguma coisa a esse respeito, acudiu frei Antonio do Amparo. Argumentarei com o sabio atteniense, com Pythagoras, que deu uma filha a um seu inimigo, porque lhe dava o maior mal dando-lhe a coisa peior. E para as julgarmos com imparcialidade ouçamos o proprio juizo d'ellas. Diz a famosa Euridece: «para a fabrica de um engano somos os maiores e melhores artifices do mundo.»

As senhoras riam-se dos improperios dirigidos ao seu sexo, sabiam a causa innocente, que determinava a dizel-os, e com repetidos signaes de approvação animavam os frades a continuar.

— Se não fosse já sabido, disse frei Francisco do Nascimento, eu vos contaria um caso referido no livro terceiro de Esdras.

— Contae, contae, pediram todos. Por ser sabido

não deixa de ter merecimento, e contado por vós ha de sempre agradar.

— O caso passou-se com o rei Dario. Propoz elle aos seus cortezãos que adivinhassem qual era a coisa mais forte que havia, e que em paga o que adivinhasse andaria vestido de purpura, beberia em taças d'oiro, dormiria em leito d'oiro, teria cavallos com freios d'oiro, traria na cabeça diadema de linho, teria o segundo logar depois d'elle, e seria cognominado seu parente. Uns disseram que era o rei, outros o vinho, e só um é que adivinhou. Disse que era a mulher.

— Sim, mais forte, confirmou frei Antonio, porque da mulher nasce o homem, e do trabalho do homem nasce o vinho. Muito bem respondido. Merecia uma cama d'oiro. Emfim, a mulher é o escolho da vida. E não é d'agora, é de todos os tempos. Olhae o que disse Diogenes quando viu uma mulher enforcada em uma arvore: Oh! exclamou o philosopho, como seria feliz o mundo se todas as arvores dessem d'estes fructos!

— E aquelles? disse o guitarrista apontando em direcção do mosteiro em cujo relogio acabavam de dar dez horas.

— Dez horas! exclamou frei Francisco! Dez horas! Como o tempo passa. Vae tocar ao côro e nós aqui!

Levantando-se todos, despediram-se das senhoras

com esse modo rude e familiar da sua classe, agradeceram a Vasco a fineza de os aturar toda a noite, e descendo a trancos as escadas, correram para o convento, cae aqui, tropeça acolá, bufando uns, suspirando outros, com as suas barrigas e as suas papeiras, com as ventas latejantes e as boccas escancaradas.

Quando iam a meio do caminho a detonação de um tiro cortou inesperada e lugubremente o espaço escuro e silencioso da noite, repercutindo-se de valle em valle com estampido medonho. Em seguida ao tiro gritos de soccorro e um ai angustioso feriram todos os eccos, levantando pavores no ar e acordando fantasmas.

Se os frades corriam voaram então para o convento, e não socegaram do susto senão no meio do côro.

Vasco, ouvindo o tiro e os gritos, e entendendo que era assalto de ladrões a algum passageiro, chamou Teolindo, e ambos armados de arcabuzes correram á estrada. As senhoras ficaram convulsas no patamar da escada chamando pelos criados da lavoura que não podiam ouvil-as.

Vasco correu em direcção dos gritos, e viu um homem no meio da estrada com dois cavallos pela redea que faziam todos os esforços para fugir, espavoridos com o tiro.

— Que é isso? perguntou o fidalgo com o ar-

cabuz aperrado, e cortando, em todas as direcções, com o seu olhar, as sombras espessas da noite.

— Não me! mateis exclamou o homem dobrando os joelhos em posição de supplica.

— Socega, venho socorrer-te. Sou o senhor d'este solar. Que te aconteceu?

— Ah! respirou elle. Deus vol-o agradecerá. Deram-n'os um tiro. A minha ama caíu. Está alli, talvez morta.

E o criado apontou para um vulto que jazia no chão.

— E quem te deu o tiro?

— Não vi ninguem?

— Teolindo, disse Vasco, leva essa senhora para casa. Levanta-a nos braços com geito.

Teolindo pegou na senhora depois de entregar o arcabuz a seu amo, e carregou com ella para o solar. Vasco seguiu-o, sem fazer a mais simples pergunta ao pagem, sem indagar quem era a viajante.

Causou-lhe impressão que uma senhora andasse, áquella hora, por caminhos tão perigosos, só na companhia de um criado; mas podia ser algum mysterio, algum segredo de honra que ella occultasse por aquelle modo, e por isso não quiz ser indiscreto. Não perguntou nada.

Ainda fez mais. Disse ao criado que a entregasse ás senhoras, que chamassem, se ellas assim o en-

tendessem, um cirurgião, e lhe prestassem todos os soccorros.

Logo que Teolindo a transportou para os aposentos das senhoras, Vasco recolheu-se ao quarto e pensou em Branca. Por duas vezes n'aquella noite lh'a tinham roubado ao pensamento. Era necessario indemnisar-se.

V

MARIA VALDEZ

Dos braços de Teolindo a viajante passou para os braços das criadas, e estas depozeram-n'a com todo o cuidado n'uma cama, que estava sempre de reserva para algum hospede. Teolindo saiu do quarto antes que o mandassem sair, e esperou na sala. Era um rapaz discreto este bom Teolindo.

Á luz das vélas que trouxeram as criadas viram as senhoras uma dama ainda moça, que representava o muito vinte e cinco annos. Tinha o rosto fino, com um certo quê varonil nos traços rasgados, denotando energia e ardimento; bastante pallido, com algumas sardas; os cabellos d'um loiro ruivo, os labios grossos mas formosos, o corpo gen-

til. Vestia tunica preta com cinto de prata, chapeo de panno com fitas largas, e sobre a cadeira que estava á ilharga da cama, via-se um manto riquissimo, coberto de pó, que lhe caiu quando tombara do cavallo.

As senhoras desapertaram-lhe o vestido, tiraram-lhe o chapeo, apalparam-n'a, examinaram se havia alguma nodoa de sangue na roupa, mas nenhum indicio existia do mais leve ferimento.

—Creio que não está ferida, disse a mãe de Vasco. É um deliquio apenas. Tragam os meus saes.

Uma criada trouxe um frasquinho, desarrolhou-o, e fez aspirar os saes á desacordada.

A viajante abriu os olhos dando um suspiro violento. E esses olhos, de um verde carregado, profundos, penetrantes, fitaram-se pavidos e alheados nas pessoas que a cercavam.

—Onde estou? perguntou a viajante. Que casa é esta?

—Em casa de um cavalleiro, senhora.

—Ah! exclamou ella como recordando-se. Os ladrões tinham-me atacado na estrada, o meu pagem desfechou com elles, gritou, e depois... eu perdi decerto os sentidos, e vós mandastes-me soccorrer. Foi então perto d'este solar que se deu o desastre?

—Mesmo ás nossas portas.

—E o meu pagem? Acontecer-lhe-ia algum mal?

—Nada soffreu, me parece, mas eu mando saber.

A dona chamou Teolindo, e este appareceu logo.

—O criado d'esta senhora?

—Está na cavalhariça tratando dos cavallos, e eu estou aqui, seguiu elle, para chamar o cirurgião. Se é preciso ponho-me já a caminho.

O que o pagem queria era que o mandassem deitar. Já tinha concluido que o caso não era de gravidade.

—Não, não, disse a viajante. Sinto-me boa. Agradeço infinitamente os cuidados de todos. O pagem que descance.

O pagem saiu, e sem saber porquê foi a pensar na dama dos cabellos ruivos.

—E vós, minhas senhoras, seguiu ella, perdoae-me o incommodo que vos vim dar. Eu não preciso de nada. Já estou restabelecida. Ámanhã de madrugada sigo o meu caminho. Preciso estar em Coimbra ao anoitecer. Tende a bondade de dizer ao meu pagem que esteja prompto ao romper do dia.

O pagem foi immediatamente avisado.

—E não quereis cear? lhe perguntou a dona.

—Não, minha senhora. Quero descançar apenas. Sinto-me fatigada. A jornada foi muito longa. Perdemo-nos no caminho. O meu pagem nunca ti-

nha vindo para estes sitios, e uns fazendeiros que nos guiaram, tomaram outra direcção.

—Pois então descançae. Quereis alguma criada ao pé de vós?

—Se me fazeis esse favor... Dissestes-me que esta casa era de um cavalleiro. O seu nome, tendes a bondade de m'o dizer?

—Vasco de Mendonça.

—Vasco de Mendonça! exclamou a viajante erguendo-se rapidamente na cama, e fixando com um olhar tenebroso as duas senhoras. Um cavalleiro da guarda d'el-rei que veiu deportado de Tanger?

—Sim, o mesmo, disse a dona sustentando com firmeza aquelles dois olhos verdes e brilhantes como esmeraldas, que parecia devorarem-n'a.

—E vós sois sua mãe?! tornou ella pondo-se de pé, erecta como o anjo da vingança, e dominando com a sua alta figura as pessoas que a cercavam.

—Sua mãe, sim. Porquê? perguntou a dona mostrando que repelliria toda e qualquer accusação que dirigissem a seu filho.

—E vós sua irmã?! seguiu, voltando-se para a donzella que, menos animosa que sua mãe, tremia ante aquella mulher que se lhe afigurara um demonio.

—Sua irmã, respondeu a dona cada vez mais firme no gesto e na voz.

— Ah! bradou a desconhecida, sobre vós, mãe e irmã de Vasco de Mendonça, ha de pesar o castigo dos peccados d'elle.

— Que peccados, senhora?! Quem sois vós? Como vos chamaes? Como viestes ter aqui para me alancear o coração? Que tendes com meu filho? Que passos tem elle dado na vida que não sejam guiados pela honra?

A viajante baixou os olhos como ferida pelo olhar dardejante da dona, ergueu e abaixou o peito como arquejante suffocando a respiração.

— Falae, senhora, tornou a dona. Falae, que elle está em casa, e como sou sua mãe, estando criminoso, quero que se justifique ou repare o seu crime.

— Perdão, perdão! exclamou ella, caindo de joelhos com o rosto em lagrimas. Perdão! Fui imprudente em o accusar. Devia-me ter lembrado que ereis sua mãe. Eu sou uma desgraçada, senhora. E tão desgraçada que a sorte escarneceu de mim trazendo-me a este solar, devendo talvez á coragem de vosso filho o não ter sido roubada e morta pelos salteadores.

— Mas que vos fez meu filho?

— Permitti que vos não diga nada. Nem lhe conteis o que se passa. Decerto ignora quem eu sou. Deixae-o na sua ignorancia. Eu repouso aqui algumas horas e parto logo de manhã. Não me tor-

nareis a ver, nem eu a elle, nem elle a mim.

E levantando-se beijou com ternura a nobre senhora que instinctivamente a queria repellir.

A dona meditou alguns segundos, e mandando sair as criadas, disse-lhe com toda a serenidade que pediu emprestada ao animo:

—O vosso nome, senhora?

—Maria Valdez.

O nome era-lhes desconhecido.

—D'onde conheceis meu filho?

—De Mazagão.

—Nascestes lá?

—Vivia lá com meu pae, que era fronteiro da praça.

—E que tivestes com Vasco?

—Desculpae-me, senhora. Já vos disse que não contaria nada. Que importa sabel-o! Deixae-me com a minha desgraça. Ámanhã já não sabereis de mim.

—Mas eu é que não vos deixo partir. Meu filho ha de justificar-se perante vós. Vivi tranquilla toda a minha vida, orgulhosa de ter um filho leal e nobre, um cavalleiro amado do seu rei, querido dos seus amigos, um caracter generoso e franco, um animo recto, um coração liso. Essa santa idéa que formava d'elle abalastel-a nos seus fundamentos.

—Oh! não, não, minha senhora. Conservae no

coração a imagem pura de Vasco como a tinheis até aqui. Não seja eu a causa da perda de uma affeição tão cara para um como para outro. Nada remedeio em vos contar um segredo *terrivel.*

E Maria Valdez accentuou esta palavra para levantar maior terror no animo da nobre dona.

— Segredo terrivel! disse ella. Por Deus, D. Maria Valdez, contae-me esse segredo, se é segredo que eu possa ouvir ou que me não possa matar de vergonha.

Maria meditou, e disse pouco depois:

— Eu jurei, minha senhora, que esse segredo havia de morrer commigo. Vasco é que o póde contar a sua mãe ou a sua irmã. Elle o contará, e vós, senhoras, o absolvereis. Vasco teve um cumplice e esse cumplice é que merece ser condemnado. Elle póde merecer o perdão de uma irmã e de uma mãe. Parto já. Obsequiar-me-heis se dispensardes um ou dois criados que me acompanhem até ao romper do dia. E eu vos juro que não me tornareis a ver. Vou para um convento de Coimbra viver na companhia de uma senhora amiga da minha familia, e ahi morrerei abençoando o homem que causou a minha desgraça.

E Maria Valdez fingiu que se despedia.

— Não, não partireis. A estrada é perigosa. Haveis de descançar aqui esta noite.

— Como hei de eu descançar com os remorsos

de vos ter desassocegado! Não posso, não posso.

— Ficae, senhora. E como não quereis contar o vosso segredo, e esse segredo não é crime tão horroroso que tenha por elle de condemnar meu filho, dormi socegada. Eu orarei para que Deus me tire este peso do coração, e me illumine para julgar o accusado. Dissestes que o absolveremos. Quando o accusador o diz é porque a absolvição não é injusta. Vasco será absolvido e vós perdoada. Descançae, senhora. Á porta do vosso quarto dorme uma criada, e eu velarei com minha filha. Adeus.

As senhoras sairam rapidamente, e pé ante pé entraram no quarto de Vasco. Valdez esperava isto mesmo.

Tudo que ella fizera para entrar no solar fôra um trama urdido com o pagem. Não a atacaram os salteadores, não se perdera no caminho, nem ia para Coimbra, como disse.

Esta heroina deve ser conhecida dos leitores pelo romance que publicámos o anno passado *Os Fidalgos do coração de ouro*. N'elle se póde ver a perseguição que fez a Vasco, as ciladas que lhe armou, como roubou Branca do paço, e as artes e manhas que desenvolveu para o opprimir de tal fórma que podesse obter pela força o que não conseguiu pelo amor.

Agora que elle estava no solar, eil-a no solar tambem. Se puder aterrará a consciencia das duas

senhoras, envergonhará Vasco, leval-o-ha até ao desespero, e não casará com elle, mas matal-o-ha.

Bem dizia santo Agostinho: «Não ha crime com que a mulher se não atreva».

VI

PAVOR

Vasco ainda estava a pé; escrevia as impressões do dia; contava nas suas memorias a Branca como aturara algumas horas os seus visinhos bernardos.

Discreteando a este respeito dizia elle: «Assim como um abysmo, pela profundidade, pela aspereza, pelo fragor, pelo horror emfim, entorpecendo-nos os sentidos, nos attrae e impelle ao precipicio, assim os frades com os seus gracejos rudes, as suas vozes de tormenta, a sua obesidade me dominaram o espirito, roubando-me a imaginação, a memoria, todas as faculdades com que me recordava e via na alma o objecto da minha predilecção».

As senhoras tocaram á porta e Vasco mandou entrar.

—É preciso alguma coisa? perguntou elle.

—Não, disse a dona.

— A senhora não estava ferida?

— Tinha apenas desmaiado.

— Foi por Deus. Que padecimentos para ella e que incommodo para nós! Coitada! Quem sabe a pressa que teria de chegar ainda esta noite a alguma parte! É verdade que podiam os criados acompanhal-a... Ella ainda está a pé? Perguntae-lhe se quer continuar a jornada.

— Não lh'o consenti quando ha pouco se lembrou de o fazer, nem lh'o consentirei agora.

— Indo bem acompanhada não haveria perigo, disse Vasco sem reparar na firmeza com que a mãe se oppunha á saida de Valdez.

— E se lhe acontecesse algum desastre?

— Sim. Lembraes bem, minha mãe. Diriam que não fomos affectuosos e delicados nos deveres da hospitalidade ou que confiamos de mais no valor dos nossos criados. Os salteadores são atrevidos, e quem sabe até se seriam salteadores os que atacaram a nossa hospeda. Uma questão de herança ou de amor, alguma intriga, algum engano...

Durante estas observações a mãe de Vasco tinha-se sentado junto d'elle e observava-o com singular expressão. Parece que lhe queria adivinhar no semblante a falta, grande ou pequena, de que o accusara Maria.

Vasco porém estava tão alheio ao que se passava no pensamento da nobre senhora, e tão longe

de imaginar a qualidade da hospeda que tinha em casa, que não reparou no modo particular com que o fitava sua mãe, e apenas, como no principio, só estranhava que o procurasse áquella hora.

— Mas a minha mãe, disse elle, veiu aqui para me falar em alguma coisa e ainda me não disse nada do que queria.

A dama vacillou, e aproximando a sua cadeira da de Vasco, pegou-lhe nas mãos com carinho continuando a fital-o sem falar.

Vasco voltou-se para a irmã e interrogou-a com um gesto. A irmã baixou os olhos.

— Oh! disse elle, estremecendo mau grado seu, sem saber por quê, com um receio instinctivo que lhe arrefeceu todo o corpo. Esses modos assustam-me. Que se passou?!

— Não é para assustar o que me traz aqui, disse-lhe finalmente a mãe. Venho pedir-te um favor, um favor que um filho póde fazer a sua mãe, e que uma mãe póde pedir a seu filho. Desejo que me confies um segredo, um segredo da tua vida, que terá o melhor logar dos segredos no fundo do meu coração.

Vasco olhou rapidamente para a irmã receando que ella tivesse divulgado os segredos que lhe confiara, e a irmã procurou-lhe significar que se não tratava de Branca.

Mais tranquillo Vasco perguntou a sua mãe:

— Que segredos tenho eu que vos não possa confiar, minha senhora! Se vol-os não conto é por que a vossa posição não lhes dá o interesse que eu lhes attribuo, e tornar-me-hia desagradaval e talvez desmerecesse por me occupar e me affligir por coisas que os annos não condemnam, mas recebem com frieza. Demais, sendo minha amiga como sois, e conhecendo o meu erro, procurareis desilludir-me, e eu sou tão desassisado que julgaria morrer quando perdesse as illusões. Quereis que vos diga que amo, que amo loucamente uma dama, e que essa dama não me póde pertencer? Que me dizeis se vos confiasse tal segredo? Louco me chamarieis a toda a hora, a todo o momento.

— E porque te não póde pertencer?

— Porque m'a roubaram.

— É casada?

— Casaram-n'a á força.

— O seu nome?

— Branca Pizarro, hoje baroneza de La Puebla.

A dona olhou para a filha, depois para Vasco, e seguiu com voz mais confidencial:

— E foram esses os teus unicos amores?

— Verdadeiros, profundos, santos, foram. Não amei senão uma vez, e hei de morrer com a imagem d'ella no coração.

— Mas tiveste outras relações amorosas.

— Tive. Mas essas procuro sempre esquecel-as. Desvio-as quanto posso do meu pensamento.

— E porquê? disse a dona revelando desassocego. Deixaram-te algum espinho no coração? Pezam-te na consciencia?

— Não lh'o sei explicar como desejo. Era muito moço ainda, inexperiente, não conhecia o perigo, não suspeitava que uma dama armasse com a sua propria honra ciladas vergonhosas á honra de um homem.

— Estavas em Africa por essa occasião?

— Estava.

— Então essa donzella era a filha de um fronteiro!

Vasco fitou sua mãe com gesto pezaroso. Receiou que soubesse tudo, e não queria dar o mais leve desgosto a quem o amava tanto e possuia ao mesmo tempo idéas tão alevantadas de honradez e pundonor.

Para uma mãe o crime de Vasco era d'aquelles que não tem absolvição. A mãe defende o seu sexo e defende a honra d'um filho, quando advoga a causa de uma donzella que esse filho seduziu.

É verdade que ella tambem é a primeira a perdoar se ha uma razão tão forte que supplante as leis moraes. E não só a perdoar, mas tambem a não ter em conta de crime uma falta involuntaria da inexperiencia explorada pela villeza e pela maldade.

— Como sabe minha mãe esse segredo? perguntou Vasco alguns segundos depois profundamente mogoado. Como veiu essa triste historia até ao meu solar? Quem a veiu contar aqui?

— Primeiro responde ás minhas perguntas, depois saberás tudo.

— Como lh'a contariam, como! Com que tenebrosas côres lhe pintariam essa historia desgraçada, que já vejo me tem de atormentar toda a vida! Nem aqui deixou de apparecer. Segue-me como uma sombra implacavel.

— Se te segue como uma sombra, se vae a toda a parte onde tu estás é porque te pedem uma reparação, é porque causaste algum damno.

— Oh! minha mãe, minha boa e santa mãe, não faça juizos antecipados. Ouça-me primeiro e julgue-me depois.

— Mas tu seduziste essa donzella.

— Não, disse Vasco com energia terrivel. Não. Já vol-o disse. Era moço ainda e caí no laço que ella me armara. Eu a respeitaria toda a vida, em qualquer logar, como cavalleiro que sou, e com os sentimentos de nobreza e lealdade que bebi no leite de minha mãe. Mas essa desgraçada queriame prender e abusou da minha fraqueza. Ella é que me seduziu, ella é que me deve a minha honra, o meu socego, a minha ventura, e agora a inquietação de minha mãe. Depois que saí de Africa

tem-me perseguido constantemente, e tentando por vezes contra a minha vida. Até uma vez exaltou o cerebro do meu amigo Lopo Vaz a tal ponto que o levou a atacar-me como atacaria um selvagem, sem me dizer ao menos: crê ou morre, sem me perguntar o que pretendia d'aquella dama de quem me intitulara perseguidor. Passou-se esta triste scena ás onze horas da noite no largo da Sé. E ha pouco tempo, em Tanger, lá foi com os seus sicarios para me matar a mim e a todos os meus companheiros, o que não conseguiu por uma casualidade filha da nossa sorte. Eis a mulher que traz fóra de horas ao meu quarto a minha santa mãe, desassocegada e afflicta pela honra de seu filho. Oh! se minha mãe a conhecesse e a visse diante de si com aquelles olhos verdes e profundos como o oceano, revoltos quando a colera os move, como as ondas levantadas pelo vento, tremia d'ella! Se eu lh'a podesse mostrar, irada, terrivel como a deusa da destruição, minha mãe abrigar-me-ia no seu seio para me occultar da fera. E se ella vier aqui, que é capaz de vir, de se introduzir n'este solar, de atormentar minha mãe, se ella vier e a conhecerem expulsem-n'a; não ha hospitalidade para quem traz comsigo a desordem, a agonia e a morte!

—E se eu te disser que ella está no solar! exclamou a nobre senhora aterrada com a descripção que acabava de ouvir. Se eu te disser que Maria

Valdez está em nossa casa, e que tu mesmo a trouxeste nos teus braços, e a soccorreste e lhe prodigalisaste todos os cuidados que terias com um amigo ou com um desgraçado?

Vasco saltou da cadeira e recuou machinalmente até á parede. O seu gesto exprimia confusão, colera e pavor.

— Ah! exclamou elle, e ninguem a póde expulsar! E dentro da nossa casa ninguem póde esmagar a vibora! Como ella principiava a inocular o veneno no sangue da minha santa familia! De que modo começava a sua obra de perversidade n'este lar onde só havia paz e bemquerença! Minha mãe quando entrou aqui trazia o seu coração alanceado. Duvidava do pundonor de seu filho. Isto é verdade. Nunca lhe passou pelo pensamento nem como sombra a suspeita de que gerara nas suas entranhas um homem que havia de renegar os sentimentos e portraír as tradições d'aquelles que lhe deram o ser. Foi hoje a primeira vez que abalou o seu cerebro essa terrivel suspeita. Tudo por causa d'uma mulher sem religião, sem fé, que é a vergonha do seu sexo; uma mulher que quando não vencer com as suas armas naturaes, com as lagrimas, com as supplicas, usará até do punhal, e do punhal envenenado, porque traz essa arma comsigo, occulta nas suas vestes como a peçonha na alma.

Aterrado, confuso como o homem que está desarmado para se defender de uma serpente, seguiu Vasco:

— Deram-lhe o quarto dos hospedes, não é assim?

— Démos. Está completamente separada de nós, disse a dona comprehendendo uma parte do pensamento que transluzia na voz e no gesto de Vasco.

— Então fechem a porta da sala. Pela manhã não lhe appareçam. Estão doentes. Não lhe appareçam emquanto cá estiver. Deem-lhe tudo que pedir, mas nem vel-a, nem ouvil-a, nem aproximarem-se d'ella. Esta mesma noite deixo o solar. Um correio me veiu chamar a toda a pressa para me apresentar em Lisboa.

— E aonde te diriges, meu filho?

— Vou visitar um meu companheiro d'armas, de que tantas vezes vos tenho falado, que mora no fundo do Alemtejo, em Serpa. De lá vos escreverei. Ahi não me seguirá ella. N'aquelle solar não ha anjos para enganar ou para opprimir; e se o meu coração trepidar, se o meu animo enfraquecer, terei um coração robusto e um animo valente para me encostar com segurança á amizade que me tem e ao carinho com que me trata.

— Parte, meu filho, disse a dona apoiando a resolução do filho, e desejando vel-o a salvamento da dama que o perseguia. Foge d'essa mulher que

póde ser a tua desgraça. Eu acreditei-a apenas um momento. Era energica e eloquente na queixa. Aterrou-me com a sua voz, com o seu olhar. É verdade que me disse que o teu crime podia ser perdoado por uma mãe, e que o teu cumplice, porque tiveste um cumplice, é que não tinha absolvição.

— Esse cumplice é ella, disse o cavalleiro com calorosa rapidez. É ella propria. Procurou abalar-vos a consciencia pelo terror para depois vos amolecer o coração com a desgraça da sua sorte. Disse que me perdoarieis o meu erro. Confessou então a minha innocencia! E vós perdoastes-me, não é assim, minha mãe?

— De todo o meu coração, disse a dona abraçando-o.

— Obrigado. Então parto. D'aqui a tres ou quatro dias tereis um portador meu. E logo que essa mulher deixe em socego o nosso solar voltarei aos braços de minha mãe. Que ella não suspeite dos nossos passos. Eu saio pela porta do jardim.

A dona apertou Vasco contra o peito, a irmã beijou-o ternamente, e ambas ellas, uma apoz outra, pé ante pé, como duas conspiradoras, dirigiram-se aos seus quartos, e abrindo as janellas esperaram que elle saisse.

O fidalgo arranjou-se n'um momento, desceu por uma escada interior á cavalhariça e chamou o criado.

Teolindo acordou logo.

— Prompto, meu amo, disse elle com a voz do somno.

— Arranja-te que vamos partir. Mas sem bulha. Que não acorde o criado da hospeda.

Emquanto o criado se vestiu, Vasco arreou os cavallos; e poucos minutos depois, um e outro saíam com os cavallos pela redea e atravessavam o jardim.

As senhoras disseram-lhe adeus com os lenços que mal se viam na escuridão da noite, e Vasco correspondeu da mesma fórma agitando o seu lenço nas trevas.

Quando montava a cavallo fóra do portal davam duas horas na torre do mosteiro. Aquellas badaladas soaram-lhe no coração com tristeza; tinham o quer que é de lugubre e saudoso ao mesmo tempo.

No degredado que deixasse para todo o sempre a patria não causariam impressão tão melancolica. No enfermo que saisse d'aquelle solar sem esperança de vida, não teriam o som de agonia que só o bronze sabe espalhar no seu compasso lugubre, pedindo uma oração pelo moribundo.

Qual seria a causa mysteriosa de uma impressão tão funebre? O presentimento da morte? Se o foi, appareceu tão confuso que quasi se perdeu nos dominios da sensação. Outros cuidados tambem distrairam o cavalleiro.

VII

A HIRCANIA

O que dissera Vasco da terrivel heroina era uma triste verdade. Maria Valdez commettera todos aquelles crimes, praticara todas aquellas perversidades, mas allucinada pelo ciume — pelo odio e pelo amor, que não é outra coisa esse sentimento que nos desespera na conquista de um objecto quando esse objecto nos foge, nos aborrece, e ás vezes nos ama, mas cuja posse julgamos incerta.

Ora Vasco excitara aquelle sentimento; porque não podera occultar o tedio que lhe causava Valdez desde que o arrastara a um erro; porque não a amando do coração, mas por condescendencia, dedicara a outra todo o affecto, o que provou em requintados extremos.

Uma esperança tinha a donzella, fundada nos laços moraes com que o prendera: conhecia o caracter do homem a quem entregara a sua honra, ou a quem armara com essa mesma honra uma cilada vergonhosa; mas a esperança desapparecera desde que o cavalleiro se deixou dominar por uma paixão, e o objecto d'essa paixão era uma criatura que possuia encantos para criar ciumes no coração mais regelado.

Ao ciume ligou-se o desespero; liga terrivel! uniram-se em alliança de morte, e pozeram-se em campo. A primeira victima foi Branca, mas Vasco pôde salval-a. Depois tentou sacrificar a um plano horrivel os amigos e companheiros d'elle, porque elle só não teria forças para resistir á perseguição.

Não o quiz matar, como julgou o cavalleiro, ou não sabia bem o que queria, como nós julgamos. O coração d'estas mulheres é um abysmo, que ninguem póde sondar que não fique estonteado.

Desejava-o ao seu lado, amando-a, aborrecendo-a ou comprazendo com ella; mas se o visse morto não entraria no seu coração uma serenidade estranha em vez de a enlouquecer a paixão, e no seu futuro não raiaria uma nova luz como a do sol encoberto muito tempo pelas sombras da tempestade?

Perseguiu-o sempre, sem a força e o vigor que dá a justiça de uma causa, mas substituindo esse poder pelo fogo da vingança que predominava no seu caracter.

Até ao solar onde elle ia pedir resignação e valor aos dois anjos que o estremeciam, lá foi o anjo mau da sua vida semear a discordia, e levantar tormentos que elle não conhecia ainda.

Acabrunhal-o, opprimil-o, combatel-o por todos os modos em todo o logar, a toda a hora seria o meio de o esmagar, reduzindo-o a um automato, vergando-o, dominando-o como uma criança timorata.

Como ella se enganava! Vence-se a mulher, porque a mulher vencida é sempre mulher, não se vence o homem porque esse homem dá uma prova de fraqueza, e a fraqueza é uma deshonra para elle.

Quando a deixaram as senhoras, conheceu logo Valdez na precipitação com que sairam, que d'alli iam contar a Vasco o que passaram com ella.

Estavam todos deitados, havia silencio profundo no solar, devia pois ouvir pelo menos os passos, quando não fosse as vozes, das duas senhoras ou de Vasco, e certificar-se das suas suspeitas.

Se não ouvisse nem uma nem outra coisa havia de sentir algum movimento que denotasse a impressão que a chegada d'ella ao solar houvesse causado no cavalleiro.

Segundo o que acontecesse durante a noite regularia os seus passos no dia seguinte.

Vasco estava opprimido, devia soffrer muito; o seu animo não podia dispôr de forças para sustentar a luta a que o ia reptar; e demais que tinha elle a esperar de Branca? Não estava ella casada e entregue a um homem que não admittiria nem a probabilidade de um galanteio? E longe, n'outro paiz, no retiro de um castello, onde só por um trama, que ella desfaria promptamente, poderia entrar o cavalleiro?

Á escuta, em ancias crueis, não ouvindo ruido

algum quando entendia que se devia dar esse ruido, Valdez passou uma noite horrivel.

A casa era grande, o que lhe não pareceu de noite, e Vasco occupava um extremo da casa. A cavallariça ficava debaixo dos seus aposentos, longe portanto do quarto d'ella.

Nada ouviu, e era manhã clara quando batida pelo somno, e sem receios de que a sua presença afugentasse o fidalgo, adormeceu com a esperança de principiar uma nova luta, em que teria do seu lado a consciencia e o coração das duas senhoras.

Quando acordou ouviu dez horas na torre do mosteiro.

Chamou a criada.

— Que horas são?

— Dez horas, minha senhora. Deram agora mesmo.

— Não póde ser, disse ella rapidamente. É impossivel!

— Contei-as eu.

— E o meu pagem porque me não chamou?

— Não sei; mas teria pena de vos acordar.

— Ah! que transtorno! Já não chego hoje a Coimbra, e eu não torno a andar de noite. Tenha de ficar aqui a incommodar esta familia.

— Não encommodaes nada. Podeis ficar quantos dias vos parecer.

— Já almoçaram todos? A estas horas já devem ter almoçado.

— A dona já almoçou, e deu-me ordem para vos perguntar o que quereis para o almoço.

— Como qualquer coisa. Dize ás senhoras que lhe mando os bons dias, e que se me permittem ficarei ainda hoje em sua casa.

A criada serviu-lhe o almoço no quarto pouco depois d'este dialogo, e por ordem d'ella foi chamar o pagem.

— Então tu assim me obrigas, disse Valdez ao criado apenas elle appareceu, a demorar mais um dia a minha jornada!

— Perdoae-me, minha senhora, disse o pagem simulando arrependimento, porque estava presente a criada?

— Não podias pedir a alguem que te acordasse?

— Pedi, minha senhora, mas o pagem do cavalleiro julgo que saíu de noite.

Valdez fez um gesto de surpreza que não escapou á criada, e um mundo de reflexões lhe tumultuaram no cerebro.

— Está bom, disse ella. Ámanhã que não te aconteça o mesmo. Não havemos de ficar aqui eternamente.

O pagem saíu e Valdez ficou só com a criada.

— A que horas jantam? perguntou ella.

— Ao meio dia.

— E antes do jantar em que se entretem?

— As senhoras trabalham, e o fidalgo passeia umas vezes, outras lê.

— Como devem ser bonitos estes passeios! Pomares e flores por toda a parte! E que silencio, que amoravel silencio! Quem vem de Lisboa de ver casas e beccos regala os olhos n'estas paizagens. Tem jardim o solar?

— Tem, minha senhora. D'essa janella não se vê. Fica d'este lado.

— Pode-se colher uma flor?

— Quantas vos agradarem.

— Vou colher um ramo para memoria da minha estada aqui, e como simbolo da protecção e da hospitalidade que me dispensaram de tão bom grado. Acompanhas-me?

— Acompanho, minha senhora.

Valdez desceu as escadas, e dirigida pela criada entrou n'um pequeno jardim para que olhavam as janellas de Vasco.

— De quem são estes quartos? perguntou ella apontando para os do cavalleiro.

— São do senhor.

— Ah! elle então levanta-se muito tarde!

As janellas ainda estavam fechadas.

— O senhor saíu esta noite. Sua alteza mandou-o chamar a toda a pressa.

Valdez sentiu dobrarem-se-lhe as pernas e ourar-

lhe a cabeça; ía caindo com uma vertigem. Mas a sua vontade de ferro e a febre do odio sustiveram-n'a, as faces um pouco rubras, os olhos um pouco ardentes, com serenidade porém para occultar da criada as impressões da noticia e a confusão que lhe deixava na alma.

Voltou logo para casa. Queria estar só.

Era de fé para ella que Vasco lhe tinha fugido.

— Ah! disse ella comsigo, se me foge é porque me receia. Se me evita é porque a minha presença o accusa. Já não ha no seu animo a antiga segurança com que me repellia accusando-me em vez de se desculpar. Sim. É natural. Falta-lhe o poder mysterioso do amor que o tornava sobranceiro e orgulhoso, julgando que remia uma culpa com as pareas que pagava á deusa de La Puebla.

« La Puebla! exclamou ella inopidamente cortada por um presentimento terrivel. La Puebla, perto de Serpa, onde fica o solar de um seu amigo para onde elle podia ir!

« Para Lisboa não foi. O rei não o mandava chamar. Fugiu de mim. E para onde? Para Serpa, doze ou quinze leguas distante da raia, onde póde todos os dias ver a sua amada, dando um passeio a cavallo, indo á caça, introduzindo-se mesmo no castello. E fui eu com certeza que lhe suscitei essa lembrança! Que inferno! Que torturas eu busco a toda a hora! Que fatalidade, que desgraça a mi-

nha! Ah! eu preciso desopprimir-me d'esta duvida, ou achar algum fio que me guie n'este labyrintho».

Chamou a criada.

— As senhoras? Desejo comprimental-as.

— A dona está de cama. Passou muito mal a noite. A donzella foi passar uns dias a Aljubarrota onde vive sua madrinha.

Para não adoecerem ambas combinaram esta visita.

Valdez relanceou um olhar tão ferino para a criada que a fez estremecer. Adivinhara tudo. O seu espirito, como o dos culpados, penetrou no conloio que tinham formado para a afastarem do solar.

Toda a familia tinha ouvido pois religiosamente a defeza de Vasco, haviam-lhe dado razão, e condemnaram-n'a a ella em segredo.

«O fidalgo fôra inesperadamente chamado a Lisboa, a donzella foi visitar sua madrinha, a dona estava de cama! Bem combinado!»

Era a peste que tinha chegado ao solar, era o milhano que pairava sobre o ninho das aves implumes.

Desgraçada situação!

Olhando com raiva felina para a criada, em quem desejaria descarregar todas as iras que lhe queimavam o coração, disse depois de se conter com esforço supremo:

— Disseste-me ha pouco que podia estar no solar

os dias que me parecesse? Com que franqueza e com que lealdade soltaste essas palavras!

— As palavras não são minhas. Disse o que mandaram que dissesse.

— O convite então é da dona!

— É, minha senhora.

Valdez sorriu-se para não estalar em improperios que lhe acudiam á cabeça.

— O que eu vejo, disse ella tomando a posição de quem se resolveu a saír immediatamente, é que n'este solar se cumpre com os deveres da hospitalidade por attenção aos outros, e não pela mesma hospitalidade e pelo prazer que ella dá a quem a exerce. Quando apparece um hospede fogem os donos da casa para que esse hospede se não demore. Ha de ser alegre um dia na Carriã, entre quatro paredes e no meio de um silencio atroz, só com uma criada para nos desenganarmos de quando em quando que não é de mortos esta habitação, ou no jardim e nas hortas olhando para umas janellas cerradas e para as flores entristecidas pela ausencia dos seus donos! Está bem claro que me despedem.

— Oh! minha senhora, exclamou a criada, n'este solar, sou eu testemunha, recebem-se a toda a hora viandantes e são tratados como pessoas da familia.

— Não o sou eu, e portanto retiro-me.

— Isto agora foi um acaso. O senhor teve de partir, a donzella já andava ha uns poucos de dias para visitar sua madrinha...

Valdez tornou a olhar para a criada, mas então com olhar indagador. Suspeitara que a rapariga andava innocentemente em tudo. Na realidade ella ignorava o segredo da familia. Era nova na casa para lh'o confiarem.

Soubera que Vasco tinha partido de noite, viu saír a donzella para Aljubarrota e a propria dona se lhe queixara de grandes dôres de cabeça.

— Ouve cá, lhe disse Valdez, quanto ganhas por anno?

— Ganho muito pouco, minha senhora. Doze tostões e os usos.

— E não precisas ganhar mais?

— Pois não preciso!. Assim eu podesse para dar alguma coisa a minha mãe, que é pobre, e mal póde trabalhar.

— Estás aqui ha muito tempo?

— Estou ha um anno.

— És amiga da familia?

— Todos me tratam bem.

— Vou-te propôr um meio de ganhares o dobro ou mais ainda do que ganhas n'um anno. Queres?

— Se é alguma coisa que me não fique mal...

— É uma coisa muito simples. Desejo absoluta-

mente falar com teu amo, mas não quero que elle saiba de tal desejo.

Valdez cortava os olhos da criada com raios perscrutadores.

— E então que é preciso fazer? disse ella com simplicidade.

— Dizer-me quando elle está em casa.

— Se é só isso...

— É só isto, mas o modo de m'o dizeres é que te dá mais algum trabalho. De hoje em diante, ao romper da manhã, o meu criado ha de estar á porta do solar á tua espera. Se o senhor estiver em casa dize-lhe — sim, se não estiver dize-lhe — não. Eu voltarei cá, falarei comtigo e conta que hei de remunerar generosamente o teu serviço. Mas foge de me atraiçoares!

— Oh! minha senhora, isso é tão simples.

— Simples como é, quero todo o segredo. Juras que cumprirás a tua palavra?

— Juro.

— Bom. Não preciso mais nada. Chama o meu pagem. Vou seguir jornada, e ámanhã ao romper d'alva encontrarás á porta o meu criado ou pessoa mandada por mim.

Logo que chegou o pagem.

— Apparelha os cavallos, disse ella. Vamos partir.

— Para Coimbra?! Não chegamos lá com luz.

— Ficaremos em Leiria.

Valdez mandou as suas despedidas á dona, recordou á criada as suas promessas, e saíu d'aquella casa mais offendida de que quando entrara, com a sua eterna esperança de desposar Vasco ou de se vingar d'elle.

Como um cavalleiro para quem fossem conhecidos todos os segredos de equitação, tomou as redeas do cavallo entre o annelar e o index, metteu o pé esquerdo na estribeira, e saltou para a cella voltando o corpo no ar e firmando a perna direita na forquilha com agilidade admiravel. Depois justou as redeas, voltou o cavallo, e saíu a galope pela alêa até o portal, passou o largo do mosteiro, e d'ahi a pouco appareceu na encosta do monte que se sobe até Aljubarrota. O pagem seguiu-a a cem passos de distancia, com o arcabuz debaixo da perna, o seu gorro vermelho, o seu gibão de riscado amarello.

Os homens que trabalhavam nos campos comprimentavam-n'a de longe parando nos seus trabalhos; uma mulher que a encontrou na estrada ajoelhou-se e esteve ajoelhada até ella passar; um frade que vinha para o convento montado na sua mula de gualdrapa preta, benzeu-se tres vezes depois que passou por ella e disse comsigo:

« Valha-me S. Bernardo, que por causa de uma mulher assim passou uma noite n'um tanque. E

não se constipou por milagre de Deus. Que mulher, que mulher!»

Logo que perdeu de vista o solar parou e disse para o pagem.

— Já me disseste que conhecias todos estes logares. Onde nos podemos recolher que não seja longe de Alcobaça?

— Em Alfaseirão.

— Mas temos de voltar para traz.

— Rodeamos a coutada.

— Ha alguma estalagem onde eu possa ficar?

— Coisa melhor do que isso. A casa de meu irmão que é foreiro do convento.

— Então vamos para lá.

Valdez voltou o cavallo, rodeou a coutada, e meia hora depois estava em Alfaseirão.

Embora suspeitasse, e tal suspeita só podia apparecer no seu animo, que Vasco, perseguido por ella, fosse visitar o amigo de Serpa, por isso mesmo que muito perto tinha a sua idolatrada Branca, não quiz dar nenhum passo sem ter primeiro a certeza que elle não voltava ao solar.

Demais, se tivesse de ir a La Puebla, por entender ou por saber que elle se achava no castello, era conveniente ir mais tarde para o ferir melhor, para o expulsar da casa alheia quando a esperança de supremos gosos lhe bafejasse o coração.

Hospedando-se em casa do irmão do pagem, que

ao contrario d'este era um homem trabalhador e não vadio e patife, como o terá concluido o leitor que é o criado de tal ama; hospedando-se, como dissemos, ahi se demorou oito dias, sempre occulta, esperando todas as manhãs pela affirmativa ou negativa da criada do solar.

—Não está, não veiu, não ha noticias d'elle, lhe dizia o criado.

—Nem noticias?! perguntou ella. A criada enganar-nos-ha?

—A criada é fiel, e gosta do tostão que lhe dou todas as manhãs.

—Vae tu ao solar hoje á noite. Sobe ao muro. Olha para as duas janellas que deitam para o jardim. Vê se descobres a sombra de Vasco. Se a não descobrires entre a pergunta por elle. Dize que vaes de Seraz do mando de Soeiro da Costa.

O criado cumpriu á risca as ordens de sua ama, mas o cavalheiro não estava na Carriã.

—Então a caminho, disse ella. Para La Puebla. Vamos lá encontral-o.

E atravessando o Tejo, ao cabo de quatro dias avistou o castello com as suas torres, os seus eirados, as suas paredes negras, cujos aposentos deviam abrigar dois corações extremamente felizes.

O abutre queria roer aquelles corações.

VIII

ALHEAMENTO

Vasco saíu do solar, e a passo, no silencio da noite, tomou o caminho das Caldas. A noite estava agradavel, não fazia frio, a estrada era boa, deixou pois ir o cavallo á sua vontade, e entregou o espirito a cogitações vagas, a recordações subitas, a receios confusos — a mil impressões de que ignorava a causa sem lhe ser desconhecido o principio.

A sua idéa dominante foi desviar-se de Valdez. Aquella mulher repugnava-lhe. Não estava bem onde ella estivesse.

Ao mesmo tempo que lhe dizia a consciencia que não era obrigação sua reparar uma falta para que não concorrera directamente, o coração compadecia-se da mulher, e se não foram as vinganças e as ciladas em que ella mostrara a sua perversidade, quem nos diz a nós que ó cavalleiro lhe não daria o seu nome?

Agora não. O que ha de desculpavel na mulher zelosa desapparecera completamente nos actos de barbaria que tinha posto em execução.

No seu conceito aquella mulher, exaltada, vin, gativa, e dominada pela idéa fixa de o possuir-

podia chegar um dia ao extremo horrivel de o matar matando-se tambem a si, para acabar por uma vez com torturas dilacerantes e com a causa d'essas torturas.

Alem d'isto, achando-se no solar, usaria de mil pretextos que o ciume lhe suscitasse para não sair de lá, atormentando a familia, desacreditando-o para com os visinhos, e conseguindo talvez pelo seu perigoso galanteio a continuação das relações que elle condemnava com todas as forças.

Fugiu-lhe, e folgava de lhe ter fugido. E bem ou mal, delicada ou indelicadamente, duvidando ou não duvidando ella da casualidade da fugida, o facto é que a evitara, e previnido como estava seria muito difficil encontrar-se com ella outra vez.

Era um grande peso de que se tinha aliviado.

E caminhava, mas a passo como dissemos, ou por outra, o cavallo é que o conduzia a seu bel-prazer, voltando de quando em quando a cabeça para o seu dono, porque estranhava tal preoccupação e vagares tão desusados.

Teolindo, acordado de sobresalto, e entendendo que algum negocio grande fizera levantar seu amo áquella hora, seguia-o a certa distancia como costumava de noite, e observava-o pensando sem querer na hospeda do solar.

Não conhecia Valdez, mas sabia alguma coisa

dos mysterios de uma dama ruiva e olhos verdes que perseguia Vasco.

Medindo o passo do seu cavallo pelo do amo, e procurando adivinhar a causa d'aquella jornada em que o vagar com que andavam não correspondia á rapidez com que sairam de casa, viu no oriente os primeiros lineamentos da alva, notando então que marchavam ha quatro horas e só tinham andado duas leguas.

As trevas foram-se dissipando, as aves começaram a despertar nos seus leitos de folhas, o fumo das cabanas a espraiar-se nos colmos dos tectos, a nevoa dos ribeiros a rarefazer-se; era dia; e como indifferente a tudo, sem se impressionar com a transição, sonhando ou dormindo, Vasco seguia no mesmo passo.

Começou isto a dar cuidado ao pagem. Imaginou até que alguma dôr tivesse surprehendido o cavalleiro, e que este, esperando que ella passasse, não dizia nada. Mas o seu amo era communicativo. Se tivesse alguma dôr dizia-o. Coisas mais importantes, e que se lhe não eram indifferentes, nenhuma volta e nenhum remedio lhes podia dar, lhe tinham sido confiadas.

Adiantou-se, poz-se ao lado do cavalleiro, e pôde então olhar-lhe para o rosto onde esperava traduzir os pensares que o absorviam.

Vasco não deu por elle. Os seus olhos iam aber-

tos, mas não viam, o seu corpo como que suspenso; parecia olhar para a alma e contemplar uma imagem que lá tivesse dentro.

O pagem continuou ao lado d'elle, espertando de quando em quando o cavallo com a roseta da espora, para avivar o ginete do amo.

O levantar do passo acordou-o.

— Meu senhor, lhe disse Teolindo, é manhã, caminhamos ha quatro horas e só temos andado duas leguas.

— Onde estamos?

— Pouco adiante de Alfaseirão.

— Ah! exclamou elle olhando para traz como receiando que o perseguissem. Já deviamos estar nas Caldas. Marcha, marcha.

E esporeando o ginete metteu a meio galope.

Os cavallos parece que se regosijaram com aquella decisão. Encaracolaram o pescoço, respiraram com força, e desappareceram na estrada.

Notaste se alguem nos seguia quando saímos do solar? disse Vasco ao pagem.

— Ningnem, senhor.

— E não nos encontramos com pessoa nenhuma?

— Não vi folego vivo toda a noite.

— Então ala! Perdemos muito tempo.

— E para onde vamos, meu senhor?

— Fazer uma visita ao nosso amigo Soeiro. Vaes dar um abraço em Zarguncho. Hoje ficamos em

Alemquer, ámanhã em Montemór, depois em Moura, e domingo, dia da festa demais a mais, ahi pela volta do meio dia, devemos estar em Seraz.

—E demoramo-nos muitos dias?

—Eu é que me demoro. Tu voltas com uma carta, levas-me a resposta, e talvez que regressemos depois. Tens de andar na estrada quinze dias seguidos. É um serviço pesado, não é assim?

—Sendo preciso não é pesado, meu senhor.

Sabbado á noite Vasco e Teolindo chegavam a Moura. De Moura a Serpa era meio dia de jornada, e que fatal coincidencia! a Barrancos era meio dia tambem.

Em Serpa estava o seu amigo, o seu companheiro de muitos annos, a quem daria um abraço com satisfação, porque era um amigo dedicado, leal como esses antigos cavalleiros de Sumatra, esforçado como um guerreiro da Illiada. Mas defronte de Barrancos devia estar o anjo que o despotismo lhe roubara, chorando a sua sorte, definhando-se na amargura de um soffrimento incomparavel, lembrando-se a todo o momento do seu amante, recordando com saudade um passado feliz, e talvez debatendo-se na agonia de uma morte lenta á espera do sacrario onde quizesse recolher o ultimo suspiro que exalasse.

Depois d'estar em Moura não ir a La Puebla, elle demais a mais a quem o barão não conhecia—

não passar ao menos pelo castello, não entrar, vel-a e sair; dizer-lhe o adeus eterno que lhe não dissera ainda; saciar a sua dôr na unica dôr que o comprehendia, depois d'estar a meio dia de jornada, não era possivel, tal sacrificio não era para as forças d'elle!

Viera até alli, impellido não sabia porque força, dirigido não sabia porque destino, e podendo ver Branca não a devia ver!

Vasco conhecia-se bem. Sobre o coração tinha a razão. Se uma vez a perdera é porque não fôra só elle que conspirara para esse fim.

Mas Branca não era Valdez, e muito menos agora que jurara diante do altar ser fiel a um homem tendo esse homem o nome de esposo.

Podia ser, ainda reflectiu o cavalleiro, que a baroneza, por um esforço sobrehumano, o tivesse esquecido, e a sua presença fosse avivar uma affeição que, recrudescendo, devorasse nas suas chammas a martyr, a desgraçada!

Ah! mas para isso deviam concorrer mil circumstancias das quaes uma só se realisava com ella.

O marido com os seus modos asperos e o seu dominio soberbo, devia-se ter encarregado de lhe alimentar as saudades e com as saudades a paixão.

O cavalleiro conhecia-se, dissemos nós. Em mui-

tos actos da vida tinha provado em que subido grau possuia todos os sentimentos de honra.

Mas elle não se estudara bem, ou não estudara bem o homem para conhecer só uma parte dos mysterios com que a natureza nos dotou o coração.

Podia lá adivinhar que circumstancias, que enredos, que lagrimas, e as lagrimas que são tão poderosas! que milhares de coisas imprevistas concorreriam á sua chegada, ou depois de lá chegar, que lhe pregassem os pés ao solo, transformando lenta ou rapidamente os melhores sentimentos de desinteresse no egoismo mais infame?

E se a razão podesse funccionar livremente quando elle media a distancia que o separava de La Puebla e de Serpa, preferindo a primeira, quando se devia desviar de lá por todos os motivos — se podesse pensar não veria logo que a paixão o dominava e que não era senhor dos seus affectos e da sua immensa saudade?

José deixou a capa e fugiu, outros tem deixado o coração em sangue e fugiram tambem, e alguns fogem, não com a virtude de se terem vencido, mas com a gloria de praticarem uma acção honrosa.

Será o cavalleiro um d'estes ultimos, nos quaes predomina a vaidade e não o amor? ou será dos segundos que deixam o coração em pedaços, mas a honra intacta?

« Vou a La Puebla! disse elle depois de meditar muito tempo. Uma grande dôr precisa de uma dôr maior para a curar. Ha um ultimo soffrimento que me é preciso para o coração. É vel-a nos braços d'esse homem a quem odeio, a quem abôrreço de morte.

Pedindo tinteiro e papel para escrever, datou uma carta de Serpa, em que perguntava a sua mãe por Maria Valdez, e chamando o criado entregou-lh'a.

— Partes ámanhã para a Carriã, lhe disse elle, e na volta procura-me em Serás. Lá te espero.

IX

O FIDALGO LEONEZ

Depois de se despedir do criado Vasco voltou para o quarto, abriu a janella que olhava para o oriente, e fixou os olhos no pincaro de uma serra, que devia, segundo o seu calculo topographico, occultar La Puebla.

A noite estava de luar, o firmamento cobria a terra com um manto de estrellas brilhantes, e só de espaço a espaço uma nuvem branca velava a

lua escurecendo um pouco a paizagem e o perfil da serra desenhado no horisonte.

N'esses momentos deixava tambem de brilhar alguma coisa que a imaginação lhe representava ao longe, mas que não era o monte nem as estrellas que parecia cercarem-n'o de um diadema. Elle via, (é facto ver-se,) o rosto de Branca, os seus olhos brilhantes como esses astros igneos que dizem centros d'outros systemas — e via mais: os olhos choverem perolas, e rasos de lagrimas exorarem ao ceo ou mais resignação ou as doçuras da morte.

Encostado á janella correu-lhe a noite como um sonho, de que o não devia acordar a manhã; e logo que rompeu o dia, chamou o criado para se pôr a caminho, e elle montou a cavallo em direcção a La Puebla.

As oito leguas que o separavam do castello venceu-as em quatro horas. De planicie em planicie, de outeiro em outeiro, com os olhos cravados no ponto onde devia ficar o castello, como a bussola no polo, galopou sempre, esquecendo que ia ver a mulher que pertencia a outro, julgando que era ainda a amante que o esperava no regresso de Africa.

Vasco confiava em si, e a primeira faculdade que o desamparava era a memoria. Quando nos falta a memoria, o dever não póde lembrar.

Ás dez horas da manhã avistou o castello.

Que dolorosa impressão lhe causaram aquellas paredes sombrias! Não só lhe tinham roubado a sua idolatrada Branca, mas tinham-n'a enterrado n'um sepulchro, tão grande, tão pesado e tão funubre como a sua dôr.

Ah! e n'esse sepulchro havia festa. Os sinos do castello repicavam, o povo das visinhanças aglomerava-se á porta, e alguns fuliões tocavam pandeiros e cantavam.

Mas apezar d'essa festa as janellas estavam fechadas. Parece que os senhores tinham, á moda das capitaes, velado a noite n'algum sarao explendido.

Vasco aproximou-se e com a voz um pouco sofocada perguntou a um moço quem era o senhor do castello.

— O sr. barão de La Puebla, respondeu elle.

— E que festa ha nos seus paços?

— É domingo, e aos domingos costuma esta gente vir para a porta do castello com folias. Pagam assim o bodo que lhes dá o senhor.

O fidalgo nem sequer se lembrava do dia que era. Julgava-se ainda na vespera cujas horas lhe correram momentaneas nos trabalhos do coração.

— Sua senhoria permittirá que eu entre e descance? disse o fidalgo n'um tom de voz que revelou ao moço extrema fadiga.

— Podeis descançar, senhor. O castello está sem-

pre franco. O que mais alegra o sr. barão são os hospedes. Entrae que vos agasalharão.

Se o cavallo estremecesse n'aquelle momento Vasco não teria forças para se sustentar na sella. Todo elle tremia, o suor gotejava-lhe na fronte pallida, a mão mal segurava as redeas. Quem o visse julgal-o-hia enfermo.

Entrando no terreiro a passo, com o chapeo derrubado até aos olhos e sem coragem para levantar a cabeça, tal era o receio de não dominar a commoção que lhe causaria o apparecimento de Branca — entrando assim de vagar, parou junto da escada e apeou-se maquinalmente.

Um palafreneiro correu para elle e segurou-lhe o cavallo, e um escudeiro descendo dos aposentos, perguntou-lhe com toda a cortezia:

— Procuraes o sr. barão?

Vasco não tinha pensado ainda no pretexto de que se havia de servir para ficar algumas horas no castello.

Dizer que passava e queria ver a habitação senhorial era pretexto apenas para uma visita. Que se perdera do pagem e precisava gente que o procurasse, tambem não era motivo para demora.

Estar alli uma ou duas horas e voltar n'outro dia era levantar suspeitas que só podiam agravar a sorte de Branca.

Confuso, e augmentando por essa confusão a

pallidez que lhe notamos no rosto, não respondeu logo ao escudeiro, esperando que a imaginação, tão feliz em outras occasiões, lhe sugerisse um meio para completar o seu plano.

Vendo-o tão pallido e quasi desmaiando, pois o cavalleiro parecia desmaiar, e não ter forças para responder, o escudeiro amparou-o e disse-lhe:

— Vindes doente, meu fidalgo!

— Sim, respondeu logo Vasco, agradecendo a Branca, pois julgava que era ella o anjo que inspirara aquelle pretexto, o melhor que podia encontrar. Venho muito doente. Se não incommodasse o teu senhor ficaria alguns dias no castello até me restabelecer.

— Entrae, entrae. Nada vos faltará aqui.

O escudeiro conduziu-o para um quarto, que ficava contiguo á sala. A janella d'esse quarto olhava para Portugal. Era no extremo opposto aos quartos de Branca.

Logo que entrou caíu quasi sem acordo n'uma cadeira de braços, e segurando com as mãos tremulas a cabeça que parecia estalar-lhe, ficou por algum tempo absorvido na sua commoção, esquecendo-se do sitio onde estava e do que viera fazer alli.

O escudeiro esperou que elle descançasse, ou alguma dôr aguda, minorando, lhe permittisse falar, e vendo que o fidalgo não saía da sua prostração,

— Achae-vos peior? lhe disse elle, mostrando o maior interesse pelo hospede.

— Não. Sinto-me até mais aliviado. Dae-me um copo d'agua. Estou bem parsuadido que á tarde poderei seguir caminho.

Bebendo a agua com sofreguidão, pois tinha febre e os labios queimavam-lhe,

— Obrigado, lhe disse elle.

— O vosso nome para eu dar parte ao senhor? perguntou o criado.

— D. Pedro d'Ulme, fidalgo leonez. Saí de Badajoz para Sevilha quando me senti incommodado no caminho. Offerece-lhe os meus respeitos, e dalhe os meus agradecimentos.

O escudeiro saíu, e Vasco olhou pela primeira vez para os moveis do quarto. Em alguma cadeira se devia ter sentado Branca, devia ter posto a mão nas argolas do contador, devia ter tocado nos cordões das cortinas. E quem sabe até, entendendo que elle, mais dia menos dia, não resistindo á saudade de a ver, entraria no castello e se hospedaria n'aquelle quarto, ella não tivesse ido ao quarto todos os dias e todas as noites como em piedosa romaria a um santuario onde estivesse o seu bem amado?

« E não haverá por aqui algum indicio da sua luminosa passagem? disse elle a si mesmo correndo vagarosamente com os olhos os moveis e as tapeçarias.»

Nada viu.

« Oh! talvez dentro das gavetas! »

E abriu as gavetas do contador, mas não achou nada.

Aproximou-se da janella e viu Barrancos e terras de Portugal.

« Sim, disse elle, era o seu paiz. N'elle se lhe abriram os olhos ao amor e se lhe cerraram á felicidade. Era o seu paraizo e o meu, d'onde nos expulsaram infamemente. »

Junto da janella estava uma cadeira com coxim de velludo roxo. N'essa cadeira viu signaes de se sentar alguem.

« Será ella que se senta aqui? » perguntou como interrogando a cadeira.

N'estes sonhos que só alimenta o cerebro de um amante, decorreu talvez meia hora. O barão prevenido pelo escudeiro veiu ao quarto de Vasco.

— Disse-me o criado, principiou o barão, que sois de Leão, ieis para Sevilha e adoeceste no caminho.

— Achei-me gravemente incommodado, disse Vasco fitando um olhar que quasi se não descreve, no rosto do seu interlocutor. Mas parece-me que foi incommodo passageiro, e que, agradecendo a vossa hospitalidade, sigo immediatamente o meu destino.

— Se eu consentisse, sim, lhe observou o barão

com um modo rude mas franco, que para todos seria agradavel menos para Vasco, que via a sua Branca escrava d'aquelles modos.

« Haveis de ficar aqui alguns dias pelo menos, que é esse o tributo que imponho a quem entra no meu castello ».

E continuou sorrindo-se da galanteria que lhe lembrara:

« Se fosseis mouro havieis de pagar cinco soldos, e se fosseis judeu havieis de rezar um *pater*. Ficae, peço-vos eu, salvo se negocio importante vos obriga a estar em Sevilha».

— Um negocio que posso adiar.

— Ah! muito bem. É o que eu quiz ouvir. Meu amigo, caístes nas mãos de um salteador que só vos deixará por um resgate de muito preço. Se não gostaes da cidade passareis oito dias em La Puebla em caçadas, em pescas e exercicios a que de certo estaes acostumado, e se gostaes d'essa vida turbulenta e perigosa, oito dias de descanço não vos fazem mal nenhum.

« Ficaes? » terminou elle estendendo-lhe a mão.

— Fico, disse Vasco tocando n'aquella mão que lhe contraíu os nervos.

— Quereis que vos chame um cirurgião?

— Não é preciso.

— Já almoçastes?

— Já.

— Então ficae á vontade. Eu vos mando o escudeiro. Fazei de conta que é vossa esta casa. Temos veado morto hontem por mim. Gostaes de caçar?

— Muito.

— Ah! muito melhor! Eu vos prepararei uma caçada ao javali. Uma grande caçada. Até já, D. Pedro.

O barão saíu, e Vasco ficou no meio do quarto, com os olhos fitos na porta por onde elle saíra, confuso, abalado, sob o peso de uma commoção estranha que não sabia explicar.

Era aquelle homem o marido da sua amante! Era aquelle homem rude, mas franco, de apparencia feroz, mas brando talvez, o marido da mulher que elle amava! Era aquelle homem valente por certo, ousado, soberbo, e por essa mesma valentia, por essa mesma soberba de uma confiança absoluta, que o obrigava a ficar no castello, e que mais hora menos hora lhe franquearia toda a casa, o faria confidente de todos os seus segredos, lhe daria o titulo de amigo intimo!

Odiava-o sem o conhecer, como sabemos; nem podia deixar de ter odio mortal a quem lhe roubara a esperança, a luz, a vida; pois esse odio desappareceu rapidamente. Sympathisou ao primeiro relance com o barão. Pareceu-lhe um homem chão, de bom fundo, com uma casca um pouco

selvagem, de maneiras pouco civilisadas, mas tratavel, bom amigo, bom conversador, e de certo um capitão valente e um galanteador acerrimo.

Mas esse homem era o marido de Branca, e insistira para elle ficar, queria que se demorasse oito dias pelo menos, ao pé d'ella, junto d'ella, ouvindo-a, contemplando, incendiando-se na chama purissima dos seus olhos, vivendo e morrendo a cada minuto, estalando de dôr, gemendo de alegria!

O criado trouxe-lhe agua, a muxilla que mandara vir da cavalhariça, uma garrafa com vinho, outra com agua da fonte, e Vasco preparou-se para jantar com o barão; lembrava-lhe porém a todo o momento a surpreza dolorosa que ia causar a Branca.

Tinha a certeza de a encontrar, e a impressão maior havia passado para elle; quando manifestasse no semblante alguma alteração, não lhe faltava uma desculpa — o encommodo que lhe notaram tódos e que elle faria reviver de um momento para outro.

Mas a baroneza? Como havia de encobrir a contração dos musculos, ou a pallidez do rosto, ou um grito que não podesse conter ao vel-o inesperadamente?

O instincto porém socegava-o dizendo-lhe que ella era mulher, e que o barão era marido.

Tirando da muxilla um fato que trouxera, achou-se com um fato preto, de velludo, bordado a prata;

a roupa de que mais gostava Branca, e que por vezes lhe pedira trouxesse sempre vestida.

Em todos os seus actos parece que havia alguma força extranha que o guiava mysteriosamente.

Ao meio dia em ponto o escudeiro veiu chamal-o para o jantar.

Vasco estremeceu. Estava chegado um momento terrivel que era necessario dominar mesmo a sacrificio de Branca. O seu rosto devia ser uma lamina, frio, immovel para ella, automatico, machina da sua rasão-

Fez um esforço sobre si mesmo, enteiriçou os musculos, deu ao semblante a expressão que a vontade determinara, experimentou se a podia conservar demorando no pensamento todas as situações que lhe viriam ao encontro; e preparado assim, prevenido para todas as eventualidades, saíu do quarto e dirigiu-se á sala da mesa.

O barão esperava-o á porta voltado para elle.

A sala ficava ao centro do corredor que cortava de um extremo a outro todo o corpo do edificio. No extremo exposto eram os quartos de Branca.

Branca ignorava tudo. Não sabia da chegada do cavalleiro. Por isso quando a chamaram para o jantar saíu do quarto acompanhada de Pepa, e seguiu o mesmo corredor que seguia Vasco indo naturalmente ao encontro d'elle.

De longe extranhou apenas a presença de um

hospede; mas a distancia foi-se encurtando, o vulto que não podia distinguir appareceu com todos os seus contornos; pareceu-lhe reconhecer Vasco, mas uma nuvem toldou-lhe rapidamente os olhos. Essa nuvem, porém, assim como appareceu, sumio-se do mesmo modo, deixando-lhe mais clara a vista, mais illuminado o entendimento. Viu e reconheceu então sem lhe restar a menor duvida, a figura esbelta do cavalleiro, realçada pela roupa preta, o rosto grave e formoso, o gesto severo, que lhe suppunha agora grave e accusador como o de um juiz incorruptivel.

Que transe! Que dôr!

Tendo-lhe parado a respiração logo que lhe pareceu ser elle, quando se certificou que o era, aspirou de um sorvo todo o ar que lhe faltava, contraindo-se-lhe o peito, ourando-lhe a cabeça, e caíu quasi sem sentidos nos braços de Pepa.

— Para o meu quarto, pôde ella dizer ainda, em voz tão rapida como frouxa, evitando assim que o barão a visse.

Pepa arrastou-a para o quarto, Vasco apenas a avistou ao longe e não deu por mais nada, e o barão era marido, não viu coisa nenhuma.

X

A ESPADA DOS DOIS ANNEIS

Vasco entrou na sala meio atordoado, meio cego. O coração pulsava-lhe a despedaçar-se. Não sentia o chão, todos os objectos lhe pareciam envoltos em nuvens espessas. Via o barão como esfumado á porta da sala.

Com esforço violento para equilibrar o corpo, entrou na sala e viu dois vultos que o cortejaram e a que elle correspondeu como corresponderia um automato.

Estes dois vultos eram o capellão e o mordomo que jantavam á mesa do barão.

Apresentado a um e a outro ouviu uns sons vagos que vinham d'estes homens em direcção a elle, e que eram com certeza os cumprimentos que lhe dirigiam. Tartamudeou umas palavras agradecendo-lhes, e ficou estatico como o ebrio a quem um dever imperioso manda occultar a embriaguez.

O barão, por attenção ao hospede, esperava de pé que chegasse a esposa. Vendo que se demorava perguntou ao escudeiro:

— A senhora baroneza?

O escudeiro saíu e voltou logo dizendo:

— A senhora baroneza não se achou boa. Janta no quarto.

Estas palavras, ferindo profundamente o cavalleiro, rasgaram-lhe o véo que lhe toldava os olhos, e trouxeram-lhe ao rosto a côr que lhe fugira.

A causa d'aquelle incommodo repentino era elle. Branca adoecera, Branca podia morrer, ou pelo menos soffria muito.

N'aquelle momento arrependeu-se de ter vindo ao castello. Não o devia ter feito. Foi uma loucura, um desvario improprio de um cavalleiro.

Sentando-se ao lado do barão, tomou uma attitude energica, adoçada apenas por um sorriso exigido pela delicadeza, porque estava indignado comsigo mesmo, e queria emendar o erro.

Resolvera saír do castello logo depois do jantar, e esquecer, ou pelo menos fugir para sempre da mulher que era d'outro.

O barão começou a servir o jantar e disse ao seu hospede:

— Sois Leão, d'essa antiga cidade do tempo de Galba.

— De Leão, respondeu o fidalgo com firmeza e desofogo.

— Quantos dias trazeis de viagem?

— Oito dias.

— Como me contastes, dirigi-vos a Sevilha.

— A Sevilha.

— Já lá estivestes?

— Ainda não.

— Admirareis então a cathedral, a mais sumptuosa de toda a Hespanha. Podereis ir a cavallo á torre. Não tem escadas, é uma rampa, suave e doce. Demorae-vos?

— Não vos posso dizer o tempo que me tomarão os meus negocios.

— Algum pleito?

— Minha mãe era de lá, e disputam-lhe uma herdade.

— Então, meu amigo, morreis em Sevilha. Os embaraços serão tantos que não terminareis em vossa vida uma demanda d'essa ordem. Ides gastar dinheiro e consumir o espirito.

— É provavel.

— Mas já se vê, ides d'aqui a oito dias.

Vasco fez um gesto de contrariado, e observou-lhe:

— Incommodo-vos, senhor barão; um hospede incommoda sempre. Parto logo.

— Já vos não lembraes da vossa palavra? retorquiu-lhe o barão. Um cavalleiro o que diz uma vez dil-o sempre. Salvo se o incommodo que me attribuis é vosso, unicamente vosso, e estaes constrangido ou por mim, ou pela casa, ou por julgardes que a minha franqueza é só da bocca para fóra, e não do coração. Estimo a vossa companhia,

e vou dar-vos uma prova da minha franqueza dizendo-vos que me convém ter hospedes, com quem viva, com quem fale, com quem ande á caça. O capellão e o mordomo estão tropegos do corpo e da alma. A baroneza é uma cenobita. Vive nos seus aposentos. Não fala, nem ri ao menos. Julgaes que apanhando um hospede o hei de deixar logo ao primeiro dia sem me pagar barbaramente da hospedagem que lhe dou? Ainda que eu tenha de me bater comvosco juro-vos que não saireis d'aqui antes de oito dias.

Vasco agradeceu a fineza com um sorriso; e vendo que não podia partir, que o impediam quasi á força, perguntou a si mesmo se n'aquella situação sustentaria a lealdade e a probidade exigidas. O demonio segredou-lhe que podia sustental-as.

—Ficaes? tornou o barão vendo que elle não dava resposta.

—Fico, e muito lisongeado com a vossa franqueza.

—E eu muito agradecido á vossa defferencia. Serão oito dias de que me restarão eternamente saudades. Os meus monteiros sairão logo á procura de algum javali; e apparecendo, como espero, teremos uma caçada real. Se não apparecer ha de haver muita coisa em que passarmos o tempo. Não falta o veado, a lebre e a perdiz. Apresentar-vos-hei tambem a algumas damas que de-

certo apreciarão muito a vossa companhia. Se jogaes o xadrez encontrareis uma terrivel competidora n'uma donzella que lê Bocaccio e Ronsart, dois escriptores que no tempo em que eu galanteava damas, recommendava a todas para as conquistar mais de pressa.

Vasco ouvia o barão meditando a sangue frio na tyrannia do destino que, tendo-o levado ao castello, o demorava n'elle, abrindo-lhe todas as portas, removendo-lhe todas as difficuldade, felicitando-lhe a posse de Branca, induzindo o barão a ser o instrumento da sua propria deshonra; porque era o mesmo barão que lhe dizia: fica, encontra-te com minha mulher, ama-a, enlouquece ao lado d'ella esmagado pelo dever, ou infama-a e morre envergonhado da tua villeza!

Mas elle fizera o proposito inabalavel de não dar um passo senão guiado pela consciencia, e tomara em brio contrariar esse destino que tanto poder mostrava, e que se era Deus lhe devia deixar livre a vontade, e se não o era não devia dominal-o.

Vasco não pensara que a liberdade do homem está sugeita a mil contingencias; que todas as coisas, as mais insignificantes e parvas actuam na nossa organisação; e que muitas vezes, um filho, um amigo, um irmão, nos detem a acção e nos enleia o entendimento, e a amante, mais que todos, faz do homem sensato um louco e do louco

um sensato para maior maravilha da influencia da mulher.

Os pagens serviram o postre ou sobremesa, e como o barão tivesse notado que o hospede comera muito pouco,

— Á fé que não gostastes do jantar, lhe disse elle.

— Magnifico! Comi perfeitamente e mais que o meu costume.

— Já vejo que não sabeis o que é comer.

— Com franqueza, não sou apreciador.

— Oh! pois um guerreiro que não coma bem não se concebe que sustente um combate aturado. Salvo se é a fé ou o amor que o anima, esses dois grandes poderes que tenho visto baquearem muitas vezes diante da minha espada.

— A fé e o amor hão de ser sempre o espirito dos que pelejarem em campo leal.

— Oh! meu amigo, que me pareceis um cavalleiro ressussitado dos fossos d'este castello ou do carneiro da minha familia. Onde vae a fé e o amor! O egoismo é o espirito do seculo. Deffenda-se cada um como souber e ataque quando puder. Já fizeste alguma campanha?

— Batalhei em Flandres.

— E que viste? Onde achaste a lealdade, a fé, o amor? Tiveste algum duello?

— Ainda não.

— Pois estaes falando com um homem qeu se bateu tantas vezes que já lhe perdeu a conta.

— N'esse caso, haveis de ter o corpo cheio de cicatrizes, ou sois, como creio, um esgrimidor admiravel.

— Dos primeiros duellos tenho algumas arranhaduras; dos outros nem o mais leve signal.

— Adestrates-vos com a continuação.

— Não. Pensei, e mandei fazer uma espada, que vou mostrar-vos, na qual se partiam as dos meus adversarios.

Vasco exprimio no gesto descrença absoluta.

— Não acreditaes! Não admira. Essas espadas ainda são hoje muito raras. Comtudo já me bati contra ellas. Mas sabia-lhes o segredo, não me surprehenderam. Vamos á sala d'armas e admirareis uma obra engenhosa, e a que devo talvez a vida.

Acabado o jantar dirigiram-se á sala d'armas, notavel por muitas antiguidades, e mostrou-lhe a espada de que se dizia inventor.

O segredo d'esta arma consistia em dois anneis que, saindo do guarda-mão, se curvavam sobre a lamina no plano da mesma lamina.

Vasco examinou-a e comprehendeu á primeira vista o fim util dos anneis.

— Que vos parece? lhe disse o barão.

— Que é uma espada traiçoeira. Mais nada.

—Foi, hoje não é. Já todos conhecem o *pas-d'âne*, como lhe chamam os francezes. Com esses anneis prende-se e quebra-se até a espada do adversario. Devo-lhe a vida, oh! se devo, seguiu elle com toda a jactancia de um duelista de profissão.

Esta brutal franqueza repugnara a Vasco. O barão começava a apparecer-lhe tal qual o imaginara: um renegado, um aventureiro, um mercenario, uma especie de capitão Fortuna, mas com dinheiro e senhor de um castello; muito nobre no sangue, mas com esse sangue corrompido; franco como um indio e feroz como elle. Emfim, um Scherife, (mas não o de Tarudante, porque esse amou), que buscou uma escrava para mulher, e não uma amiga para esposa.

Aquella espada traiçoeira era o diploma de um infame, e esse infame era marido de Branca.

Meditando assim lembrou-se das torturas que soffria Branca, e novamente o opprimio uma dôr incomportavel e com mais força, com mais intensidade porque estava presente o algoz, com a sua face hedionda e descoberta, face asquerosa e repugnante.

—Eu, disse elle exaltado e pugnando pelos que foram victimas d'aquella arma indigna, eu, sr. barão, se me batesse em duello com um homem que cruzasse com a minha uma espada d'essas, com um talho-largo desviava-lh'a do recto e enterrava-lhe a adaga no ventre.

— Ah! exclamou o barão erguendo a cabeça com ar triunfante. Que vos dizia eu? Cada um deffende-se como sabe e ataca como póde. Amigo D. Pedro d'Ulme, o céo é para quem o ganha e o mundo para quem mais apanha. Siga esta maxima, que os judeos engordam com ella. A mim apanham-me uma grande parte das rendas com um juro que tem pena de caldeira. Fugi d'elles como parece que fugis d'esta espada. Mas apanhae o que poderdes, que este mundo não serve para mais nada. E quanto ao ceo descançae, que elle não se fez pará palheiro.

O ceo não se fez para palheiro, mas não é palheiro das almas d'aquelles pobres.

Mostrando-lhe algumas antiguidades como um capacete de focinho, e um mosquete de silex, ha pouco descoberto, que trouxera de França, disse-lhe com a sua rude franqueza, já nossa conhecida:

— Agora ide descançar. Dormi uma ou duas horas que vos devem restabelecer completamente. Eu, meu amigo, vou passar a tarde com um vigariozito, que mora d'aqui a uma legua, e tem uma sorte de burro ao dado. D. Pedro, até logo. Á noite vos trarei alguns companheiros para passarmos o serão. Se os arranjar, que elles para aqui não se encaminham.

O barão saíu e Vasco entrou no seu quarto com a cabeça atordoada, confuso, não se explicando a

si mesmo, não podendo definir os seus sentimentos, incerto, vacilante, quasi doudo. Era o affecto, a nobreza d'alma, a natural genorosidade revoltando-se contra aquelle homem baixo e vil, e essa revolta confundindo-se com a febre do amor que elle protestara dominar.

Foge de La Puebla, Vasco de Mendonça! O homem com as tuas ideias, com os teus sentimentos, aos trinta annos, sendo formoso como tu, deve andar como um doudo ou viver como um santo. Os laços á tua honestidade apparecerão em toda a parte.

Ha na natureza animal umas leis mysteriosas a que o homem, apezar da sua força moral, está sugeito, principalmente na mocidade e ainda na virilidade, quando a vida é solta, livre, descuidada, e o espirito se não cança em locubrações diurnas.

Na mulher, em virtude das suas occupações, essa lei domina com imperio.

E para a mulher do sul, que adora as fórmas, és um perigo permanente, como foste para Valdez, e pódes ser tambem para Branca.

Foge, Vasco! Esse teu modo de pensar não escapa á mulher que te ama. E tu bem sabes o que é o amor proprio, a vaidade, o orgulho, principalmente n'esse sexo que sustenta as prerogativas da sua realeza mesmo a troco da deshonra. O amor é um preito e um tributo que mulher nenhuma nos dispensa.

Foge! A virtude é uma força, que deve resistir aos assaltos como resistiram essas muralhas que te cercam, aos assedios dos granadinos.

Foge, que tu vacillas! Essa nobre indignação que se te levanta no animo, não é só causada pela villeza do barão, é principalmente ateada pelo amor que lhe tens á mulher.

Entrou no quarto dissemos nós, confuso e atordoado. Um momento depois essa confusão desappareceu; o seu espirito ficou subitamente claro.

—Devo partir hoje mesmo, disse elle. Parto. Fujo. Que me importam a mim as qualidades d'este homem, e que tenho eu com Branca? Se não poder supportar a saudade, e esta dôr que me mata, morrerei para o mundo e viverei para Deus. Perdoa-me Branca o mal que te vim fazer. Eu tambem soffro muito.

«Animo continuou elle. Vamos a Serpa. Tenho lá um amigo que me ha de concertar com o seu coração o meu que está despedaçado, e no solar mãe e irmã que me hão de enchugar muitas lagrimas como estas que ficam aqui. Adeus, Branca! Adeus para sempre!

Vasco vestiu rapidamente o seu fato de viagem, calçou as botas e dispoz-se a saír.

IX

FICA!

Branca entrou no quarto e caíu n'uma cadeira. Mal podia respirar, o coração batia-lhe com força, as fontes latejavam-lhe, o suor caia-lhe em bagas confundindo-se com as lagrimas.

— Oh! minha senhora, lhe disse Pepa como soffre, como está afflicta! Que foi, que tem, quem é aquelle homem?

— Cala-te, cala-te! exclamou Branca com um gesto de louca e olhando com pavor para a porta.

— Porquê, minha senhora? É algum salteador? Algum malvado? Quem é que a afflige tanto?

E instinctivamente, atterrada com o gesto da ama, correu á porta e fechou-a com a chave.

— Um salteador! murmurou Branca comsigo e com Deus dando a esta palavra o sentido que mais se ligava com a situação. Oh, de maneira nenhuma! Mas que desgraçado, que não póde viver sem mim! Que desgraçado que veiu augumentar a sua dôr e avivar todas as feridas que ainda sangram tanto!

Pepa voltou para junto da baroneza e sentou-se ao pé d'ella.

— Saistes do quarto tão socegada, seguiu a criada, e ao ver aquelle homem começastes a tre-

mer, a parar, até que caistes nos meus braços dizendo muito afflicta: Para o meu quarto. Elle é a causa de todas estas lagrimas, é a causa da afflicção da minha senhora, ora não é?

E Pepa enchugou-lhe as lagrimas afagando-a como uma criança.

—Que dirá o barão não me vendo á mesa! Ao jantar nunca faltei.

—E porque não ides agora que socegastes um pouco?

—É impossivel. Denunciava-me. Liam-me no rosto o que sinto no coração. O barão me interrogaria depois. Não, não. Emquanto elle cá estiver não saio do meu quarto.

—E não come nada? Não quer comer alguma coisa? Eu vou pelo jantar, sim?

—Não tenho vontade. O que desejo é chorar, é chorar muito.

E abraçando-se em Pepa, cruzou a cabeça com a d'ella e rompeu em choro afflictivo.

Assim permaneceu muito tempo em lagrimas, em soluços, orando umas vezes, outras murmurando palavras inintelligiveis, até que se levantou de impeto e começou a andar no quarto a passos agitados.

—Assim não póde ser, dizia ella de quando em quando. Esta afflicção prostra-me e não me mata. Já não tenho coração para tanto. Deus compade-

ceu-se uma vez de mim; pedi-lhe resignação para consumar o sacrificio, deu-m'a, porque era a martyr que orava. Agora se fosse a santa que pedisse ainda seria ouvida. Mas eu não tive um momento, ou acordada ou dormindo, que esquecesse Vasco, ou pelo menos que afastasse a sua imagem para longe de mim. Deus agora não me auxilia, não me socorre. Castiga-me. Mas se é castigo eu já bebi as fezes do calix. A amargura é immensa. Meu Deus, meu Deus!

— Senhora baroneza, disse a criada que a seguia passo a passo angustiada e receiosa, affligi-vos de mais, senhora. Quereis endoudecer ou quereis morrer. Socegae um pouco, socegae.

Branca não a ouvia. Passeava sempre com o lenço nos olhos e com a mão no coração, ás vezes sacudindo a cabeça como para repellir uma dôr a que parecia succumbir. Mas de repente estacou. Os seus olhos brilharam por entre as lagrimas. Houve um quietismo subito n'essa parte do seu ser que se rasgava em agonias.

A força intellectual dominou todas as outras. Um relampago do entendimento como que deslumbrou as outras faculdades. Tivera um pensamento que a podia salvar, porque ella estava perdida; porque havia de endoudecer entre as paredes do seu quarto, ou se havia de deshonrar nos braços do amante.

—Pepa, gritou Branca, nervosa, impaciente, aridos os olhos, contraído o rosto, vae saber se já acabou o jantar. Se tiver acabado pergunta o que faz o cavalleiro que chegou ha pouco e onde está; e sabe tambem se o sr. barão saíu. Pergunta como negocio teu. Vae, depressa. Ah! espera. O escudeiro deve estar na sala da mesa. Interroga-o. Elle te dirá tudo.

Pepa saíu e voltou logo. Encontrara o escudeiro que respondia a tudo e não perguntava nada.

—Senhora baroneza, disse Pepa, o hospede está no quarto e o sr. barão saíu.

Branca refflectiu um momento e perguntou depois:

—E os criados?

—Estão a jantar.

—Já, n'um momento, dize ao hospede que o espero na sala.

Pepa olhou atonita para a ama.

—Não te demores.

Branca saíu do quarto, atravessou o corredor com uma velocidade incrivel, e entrou na sala.

O que se passava no seu coração, na sua cabeça, em todo o seu ser é quasi inexplicavel.

Entrando na sala esperou alguns momentos.

N'esses momentos a sua respiração imitava o pulso de um febricitante. Se quizesse falar, dizer uma palavra, não lhe seria possivel.

Vasco estava para se ir embora quando a criada lhe bateu á porta. Abriu-a logo.

— A senhra baroneza, disse Pepa, espera-vos na sala.

Vasco impallideceu, córou, firmou os olhos turvos na criada, e observou-lhe passado um instante com a voz soffocada:

— E sua senhoria que me quer?

— Não sei, senhor.

— Onde é a sala? perguntou elle machinalmente, pois milhares de sentimentos se lhe agitavam no cerebro.

— Vinde commigo.

Pepa voltou costas, deu alguns passos no corredor, e parou na primeira porta que se encontrava á esquerda. Ahi apontou para dentro com a mão, recuando um passo e curvando-se emquanto o fidalgo não passava.

Vasco ia pelo ar, sem consciencia do que fazia, ora attraído, ora repellido, parando para voltar, avançando para parar, até que distinguindo Branca como atravez de um nevoeiro, estacou, hirto, frio, gelado exteriormente, mas com labaredas no coração.

Um defronte do outro, Vasco sob o peso do seu destino, da sua honra e do seu amor, Branca dominada por uma idéa nobilissima, exaltada por ella, mas não superior ao affecto, com a duvida

instinctiva da sua fraqueza — um defronte do outro, Vasco e Branca olharam-se alguns momentos sem se distinguirem bem, até que ella rompeu o silencio n'uma voz que era um gemido doloroso:

— Senhor Vasco de Mendonça....

Esta voz como a de um anjo desterrado do ceo, feriu todas as cordas da sensibilidade do cavalleiro, restituiu-lhe a vista, a razão, e o sentimento.

Viu então a sua amada, viu a sua cabeça loura com trançadeiras de prata, o seu rosto desbotado, mas bello, o seu corpo airoso e esculptural mostrando as fórmas raras sob uma roupa de setim roxo — as côres da saudade!

Esqueceu tudo, e só se lembrou onde estava. Esqueceu o amigo, a familia, a hospitalidade, o dever, a honra, tudo esqueceu!

— Não sou Vasco de Mendonça, disse elle em voz baixa. O meu nome, seguiu em tom mais alto, é D. Pedro d'Ulme. Vinha de Leão para Sevilha e parei aqui.

Branca não comprehendeu bem o que elle disse. Só momentos depois é que lhe soaram distinctamente aos ouvidos aquellas palavras que não podia esperar. Por isso seguiu no seu proposito:

— Conheci-vos ha pouco quando ia para a mesa. Escuso de vos dizer a impressão que me causastes, e os tormentos que padeci n'esta hora terrivel que durou o jantar. Não vos esperava, não vos po-

dia esperar. Deveis saber a que lei obedeci para sacrificar tanto amor que vos tinha. Só me podeis accusar de não ter morrido quando dei a mão ao homem a quem pertenço hoje. Mas eu não quiz morrer, e tanto que pedi a Deus resignação e não pedi a morte.

— Oh! Branca, que essas palavras offendem-me, exclamou Vasco ferido mortalmente na sua generosidade. Eu não venho accusar-vos. Obedecestes ao vosso rei, ao vosso senhor, a quem podia dispôr da vossa vida. Cumpristes um dever de boa vassalla. Obedecestes com resignação, cumpristes o dever que a religião vos impunha. Que ha senão que louvar nos vossos actos? Não venho accusar-vos, não venho, nem viria ainda que me sobrassem razões. O que me traz aqui é adorar a santa, a martyr, a desgraçada, porque o sois. Tão desgraçado como vós, venho em piedosa romaria a este santuario pedir que me ensineis a oração que resastes e a fé com que pedistes a Deus que vos ajuda a arrastar uma cruz tão pesada como a que levo para o meu calvario, e a que succumbirei em pouco tempo.

— Mas mudastes de nome, observou ella ouvindo então o que lhe dissera ao principio.

— Um romeiro occulta o nome, a terra e a familia.

— Vasco, Vasco! exclamou Branca comprimindo

a fronte com as mãos para conter um sentimento que repudiara e que a assaltava com violencia. Vasco, fugi d'este castello. Fugi de ao pé da minha sepultura. Que quereis da morta? Que quereis mais do que vos posso dar? O meu pensamento é vosso, assim como a vossa imagem é minha. Vivo com ella no coração, nos olhos, em todos os objectos que me cercam, nas estrellas que matisam o ceo do vosso paiz; até a vou buscar além das serras que Deus levantou nas raias, não decerto para nos separarem, porque eu vejo atravez d'ellas, vejo os jardins a cujas flôres confiei tantas vezes o amor que vos dedicava! Fugi, meu amado Vasco! Deixae-me com a minha cruz, que eu já experimentei as forças, e sei que a arrasto. Fugi e deixae que eu seja honrada, quanto humanamente é possivel. Chamastes-me santa. Respeitae-me, e fazei com que os outros me respeitem.

—E julgareis que o amor me cegasse a razão a ponto de querer macular a vossa honra? Foi Deus que me trouxe a este castello para aprender na vossa resignação a conformar-me com a minha sorte. Agora já sei o que é soffrer, já aprendi. Vou d'aqui não confortado, mas apto para lutar na procura de conforto. Hei de ser digno da resignação que me ensinastes. O vosso soffrimento foi grande n'esta hora de agonia que correu tão lenta entre os mu-

ros do vosso tumulo. Deus que vos tem da sua mão, vos recompensará em dias de socego e de olvido.

—Ouça-vos o ceo, Vasco, e o ceo tambem se amerceie de vós. Eu imploro-lhe sempre por mim e por quem me amou tanto.

—E que vos ama e amará eternamente, disse o cavalleiro subitamente arrebatado.

—Esquecei-me, porque eu morri para vós. Depois que sairdes a porta d'este castello não penseis mais em mim. Uma alma como a vossa, tão nobre, tão elevada, um entendimento tão claro, tão recto, subjugam uma paixão ainda que morram esmagados por ella. Parti. Deixae a morta que resuscitou á vossa voz, mas que volta á sua morada funebre logo que essa voz se extinga.

—Obrigado, Branca. Saberei vencer-me, ou pelo menos saberei lutar. Eu já me ia embora quando me chamastes á sala. Conheci o mal que vos tinha causado, e que toda a cura que tentasse, era um mal muito maior. Ia a sair, detivestes-me, obrigado; porque não teria occasião de vos dizer adeus. Agora vou mais satisfeito, porque vou mais alanceado. Havia alguma fibra do meu coração que não tinha sangrado ainda. A minha alma exigia este sacrificio no altar do vosso martyrio. Está consumado. Parto, e só na região da eterna verdade e da eterna luz nos tornaremos a encontrar porque Deus é bom e lê em nossas almas

a pureza do nosso affecto. Adeus, Branca...

Terrível adeus, funesta resolução! Porque não havia de dizer que ficava? Porque lhe havia de dizer que antes que ella lh'o pedisse já tinha deliberado partir? Para que precedeu e seguiu uma idéa, suscitada e exaltada pela dignidade que só n'um momento lucido consegue dominar o amor?

Se conhecesse bem o coração da mulher, que tanta similhança tem com o espirito da criança, Vasco devia dizer-lhe: Não parto, fico. Ninguem saberá quem eu sou. Amar-nos-hemos em segredo. Seremos felizes, venturosos, e tanto mais quanto nos são deffezas essa ventura e essa felicidade.

Se lhe tivesse dito isto, contrariando-a nas suas intenções, offendendo-a nos seus brios, menosprezando a sua dignidade, Branca se revestiria de toda a força de uma dama offendida e com um acceno o mandaria saír.

Mas elle concordou, precedeu-a até n'esse acto admiravel de abnegação e sensatez, e o resultado foi desarmal-a. Fez mais ainda: juntou ao amor a gratidão, substituiu o resentimento momentaneo pela benevolencia.

Desde que lhe disse adeus, adeus terno, santo, puro como o do innocente que o ceo muda dos braços da mãe para os pés da Virgem, a amante não vio mais o homem cuja presença era um perigo para a sua honra; só viu o irmão, o irmão estre-

mecido, que uma lei barbara condemnava ao exilio, que uma sorte cruel sentenciava ao separamento eterno.

No primeiro impulso quiz dizer-lhe adeus, mas só pronunciou a primeira syllaba. Embargou-se-lhe a voz, tremeram-lhe os labios, choveram-lhe as lagrimas innundando-lhe as faces, aljofrando-lhe de perolas a camisinha de ouro, a cota de seda, as mãos que ficaram suspensas e tremulas debaixo dos olhos quando as estendia para o amante.

Vasco pegou n'essas mãos adoradas, apertou-as, unio-as ao peito e beijou-as; exaltado, aturdido de tanta dôr e tanta ventura, largou rapidamente essas mãos, tomou-lhe os hombros e agitou-os; prendeu-lhe depois a cabeça, abysmou os seus olhos nos olhos d'ella, aproximou-se, aproximou-se, e cego da vista e do entendimento, beijou-lhe a fronte, as palpebras, as faces; apertou-a ao peito, cingiu-a nos braços, e exclamou fóra de si:

— Branca, Branca! Minha filha! Meu bem! Minha adorada Branca! Eu não posso separar-me de ti. Não parto, não te deixo! quero morrer nos teus braços! Não te havia beijado ainda, não sentira no coração as pulsações do teu. Essas pulsações são do meu sangue, e separando-me de ti separo-me da vida! Branca, dize-me que fique!

Quasi desacordada, presa de um deliquio voluptuoso em que sorria e chorava, mas então

de intima alegria, de ignoto contentamento:

—Ao meu irmão? pôde ella perguntar.

—Ao teu irmão, respondeu Vasco, ebrio, estonteado, surprehendido por um prazer immenso.

—Juras?

—Juro por Deus que nos ouve; juro pela tua honra sagrada para mim; juro pela minha dignidade de cavalleiro.

—Fica, Vasco. Fica!

E presa como estava nos braços do amante, olhou para elle, serena, com essa serenidade que ás vezes ostenta o ceo, quando a terra se rasga até as entranhas, e o mar se levanta até ás nuvens; com essa serenidade que é só da superficie, porque no fundo ha fogo e ha sangue.

—Fico, disse Vasco depois de a contemplar muito tempo e beijal-a ternamente na fronte. É teu irmão que fica hospedado n'este castello.

—Sim, sim. Sou tua irmã. Fica, mas estima meu marido. Elle não é mau para mim. De certo o odiavas, mas é um homem do seu tempo. Eu te verei ao jantar, ou tu me verás só a essa hora. Não saio do quarto para mais nada, e não me convem mudar de habitos.

—Sim, ao jantar. És minha irmã...!

—Olha, acompanha sempre o barão. Elle gosta de companhia. Aprecia muito os hospedes. Acompanhando-o ninguem nos accusará.

Pepa a quem não passara despercebida a causa da afflicção da sua ama, confirmada agora pela entrevista, logo que o jantar dos criados estava a terminar, fez barulho á porta, tossiu, agitou-se.

—Ah! exclamou Branca. É Pepa que me avisa de alguma coisa. Adeus, Vasco. Até ámanhã.

Abraçaram-se outra vez, beijaram-se, tornaram-se a abraçar, e soltando-se rapidamente um dos braços do outro, Branca correu para o seu quarto, leve como uma andorinha, offegante como uma donzella para quem sorrisse o primeiro amor.

Vasco á porta da sala olhava para ella como se a visse por detraz de um reposteiro de Enxobregas a fugir ao ruido do rosario de contas d'aço que tilintavam na mão da camareira.

Um minuto depois os criados levantavam-se da mesa; e as velhas nem se quer farejaram a scena escandalosa que se realisara nos paços do seu senhor. Se o suspeitassem, ai de Pepa, ai de Branca!

XII

ONDE HA FUMO HA FOGO

O barão chegou a casa ao anoitecer, segundo o seu costume entrou no castello a galope fechado,

e subindo aos aposentos, dirigiu-se ao quarto de Vasco. Este vira-o subir a encosta, veiu esperal-o ao corredor.

—Ah! D. Pedro, que dei um gibão no vigario que o deixei a pão rolão.

—Que vigario, meu amigo?

—Não vos tinha contado que protestei ganhar ao vigario de S. Silvestre o preço das missas, a congrua e os presentes dos freguezes? Esta tarde não foi ao dado foi ao tintinini. Trinta escudos, nada menos. Está por minha conta o bom do vigario. E vós que fizestes?

—Descancei, dormi um pouco, e acho-me completamente restabelecido.

—Mas não para vos irdes embora!

—Ir-me embora seria uma ingratidão a quem devo tanta cortezia.

—E que quereis fazer agora?

—O que vos agradar.

—Conversaremos. Falarei de Paris. Contar-vos-hei scenas escandolosas da irmã e da mãe de Carlos IX, do duque de Guise, do rei de Navarra etc. etc. E vós?

—Eu falarei de Flandres.

—Magnifico! Vou chamar o capellão e o mordomo para nos ouvirem. Serão quatro olhos espantados e duas boccas abertas que, á falta de coisa melhor não deixam de entreter.

— Por minha causa não. Passarei o serão só na vossa companhia tão agradavelmente como n'um saráo.

— Obrigado. Se a baroneza fosse outra dama, se não tivesse um genio concentrado e triste, a ponto de viver no seu quarto só com a criada, poderiamos passar um serão mais entretidos; mas apenas a mande convidar diz-me logo que está encommodada, que está doente, que não póde vir. Com franqueza, meu amigo, não estou satisfeito com tal modo de vida. Não estou. D. Pedro. Casei-me por motivos particulares, senão não casava; mas para viver d'esta maneira é que o meu animo não está muito disposto. Desde que chegou aqui até hoje, tirado os primeiros dias em que recebeu e pagou visitas, no quarto, sempre no quarto! Aborrece, infastia, não é isto assim? Apparece um hospede, quero porporcionar-lhe algumas horas agradaveis, sou eu só, eu e as duas estatuas do mordomo e do capellão. Não tencionava saír tão cedo de La Puebla, mas a baroneza faz com que eu volte brevemente para Paris; e aqui, muito á puridade, amigo D. Pedro, se lá vou outra vez, este castello, terras e foros caem nas mãos dos judeos. Vamos para a sala. Ceiemos primeiro, e conversemos depois. Companheiros não arrangei.

Vasco ouviu o barão, ceiou e conversou com elle não como pela manhã modificado na sua paixão,

pela franqueza d'elle, não como de tarde com nojo e repugnancia dos seus sentimentos baixos; mas como se fosse uma pessoa indifferente, a quem não attribuisse qualidades nem idéas, a quem não desse a consideração de homem.

Quando se recolheu ao quarto olhou para todos os objectos como se lhe pertencessem, deitou-se na cama como se fosse sua, falou ao criado como se fosse um servo seu.

E elle que se conhecia, não dava fé d'esta mudança. Vã presumpção! Quem se conhecerá n'este mundo?

Branca tambem lhe promettera que não mudaria de habitos. É tão facil prometter!

Depois que o deixou, aquella cadeira forrada de velludo côr de laranja com franja de ouro e prata que estava á ilharga da cama, passou-a immediatamente para a janella, sentou-se n'ella voltada para a janella de Vasco a bordar um sainho, e o seu bordado, quando o deixou á noite, estava como quando pegou n'elle á tarde.

Logo que o sentiu na sala foi pé ante pé escutal-o, arrependendo-se sinceramente de ter inaugurado um systema de vida, que sendo até alli tão agradavel lhe era agora tão penoso.

—Pela manhã viu-o sair a cavallo com o barão, e nunca em sua vida sentiu desejo tão vehemente de montar uma hecanea. Como ella fanta-

siava uma corrida pelos campos, e n'uma curva, n'um salto, poder dizer-lhe: amo-te, e ouvir-lhe dizer que era amada!

Á hora do jantar Branca estava impaciente, estava febril porque a chamassem para a mesa. Nem uma vez só fôra satisfeita para aquella sala onde se via obrigada a passar uma hora na companhia de seu marido. Mas n'esse dia o barão pareceu-lhe agradavel, delicado, digno de attenções; não lhe repugnavam os seus contos um pouco livres, os seus modos rudes, a sua voz forte, o seu rosto feroz. Direi tambem e perdoem-me por devassar tanto o coração humano! o barão era-lhe necessario, e nós sabemos que dourador é a necessidade, que tudo alinda e tudo esmalta.

Apresentada a D. Pedro d'Ulme, Branca conversou com elle usando de um recato que passou por acanhamento. Vasco como se tratasse com uma princeza respondeu a tudo e não perguntou nada.

O barão como todos os maridos, que hão de sympatisar eternamente com os amantes de suas mulheres, estimulou-os com intrigas ácerca do viver d'ella, e da doença repentina d'elle, obrigando-os a familiarisarem-se, dando assim pretexto a confidencias que só elles percebiam nos mysterios de uma inflexão, de um olhar ou de um gesto.

No terceiro dia appareceram no castello duas damas e um cavalleiro pedindo hospedagem. Pas-

saram lá a noite. A baroneza teve de lhes fazer companhia.

Não lhe custou isso nada. Vasco estava presente.

Findo o serão o barão foi ter com ella ao quarto, e disse-lhe com ar de reprehensão:

— A delicadeza para com os hospedes obrigou-te a passares a noite como qualquer pessoa civlisada ou de juizo são. Eu não sou hospede para ti, mas tenho direito a mais attenções que um hospede qualquer. Portanto como hoje te não doeu a cabeça á hora do serão espero que te não torne a doer noite nenhuma.

Esta suave advertencia n'outra occasião fazia-a estalar de vergonha e de raiva, como estava no castello o homem que amava, deixou-lhe a impressão de um beneficio, de uma attenção carinhosa, de uma cortezia amoravel. O barão tão máo para ella começava a ser extremamente bom.

No dia seguinte fez-lhes companhia toda a noite, e tão distraida esteve que uma vez chamou a D. Pedro pelo seu verdadeiro nome, o que o barão achou muita graça, aproveitando elles o pretexto de se rirem para occultarem o seu enleio.

Mas istó não foi nada em comparação de um descuido imperdoavel de Vasco que falou da jornada de Tanger.

O que lhe valeu foi o capellão perguntar onde

ficava essa cidade, a que elle respondeu, bastante confuso, que era em Africa, d'onde chegara ha pouco um seu irmão, que militava no exercito portuguez.

A noite passou-se sem mais nenhum incidente, ao menos na sala não se deu mais nada digno de menção; porém no corredor houve um zumzum entre as criadas velhas, bem pouco lisongeiro para Branca, e nada honroso para o senhor.

Extranharam, e era d'extranhar, que a boroneza, sempre recolhida no seu quarto, apparecesse em dois serões, e isto quando havia um hospede, e esse hospede era tido pelas criadas como o cavalleiro mais formoso que havia entrado no castello.

Dois dias depois o senhor d'um castello visinho, que tentara galantear a baroneza, mas que desistiu pela reclusão a que ella se entregara, disse ao barão:

—O teu hospede?

—Deixei-o em casa.

—É um moço galante.

—Como não sou mulher ainda o não observei com curiosidade, disse o barão sorrindo-se.

—Ellas o terão observado.

—No castello a não ser Pepa... As velhas de certo que não.

—E lá não ha mais ninguem? seguiu o visinho com intenção.

— Ha minha mulher. Receias que ella o observe, isto é, que o namore? disse o barão ainda chalaceando.

— Homem! O lume ao pé da estopa...

— Realmente, observou o barão com as orelhas em fogo, sois de uma imprudencia brutal.

— Barão, quando se tem uma esposa bonita acompanha-se sempre os hospedes.

— Repetes-me isso fóra de tua casa?

— Não, porque te mato.

— E eu é que te corto uma orelha.

— Não vês que não trazes a espada dos anneis! Sem ella não te deffendes de mim, que eu da ponta da tua espada não tenho medo, do que tenho medo é dos copos.

— Tral-a-hei ámanhã.

— Eu recebo-te com um arcabuz.

Ficaram n'isto; mas em casa o barão reflectiu na advertencia, e ao serão observou o hospede com pronunciada desconfiança.

Como sempre, o primeiro observado foi o marido, e conforme o tempo assim as velas. O barão achou exatamente o contrario do que lhe tinham insinado; e Vasco, que não viu n'elle o mesmo homem, procurou combater o veneno de qualquer desconfiança com um antidoto infallivel.

— Depois de ámanhã, disse elle, faz oito dias que cheguei ao castello. Se não realisaes a caçada pro-

metida, parto sem matar um javali nos vossos coutos.

— Oh! exclamou o barão completamente desassombrado do receio que o mordia. Haveis de matar um porco velho e com dois dentes que vos façam estremecer. Ámanhã preparo tudo. O monteiro está como o capellão e o mordomo, mas tenho bons moços de monte. Partis então depois da caçada?

— Com certeza.

— E quando voltaes?

— Agora, meu amigo, só se fôr de passagem, para vos agradecer novamente a cortezia com que me recebestes.

— Palavra que me deixaes saudades. Fazieis-me boa companhia. Eu tambem não tenciono morrer aqui. Naturalmente onde venho a acabar é na America. Peço uma capitania e vou para lá. Se arranjar o dinheiro que preciso volto, mas é para Paris. Não sou lavrador nem caçador. A sala e a rua são os meus elementos. Depois de velho talvez goste da solidão. Por emquanto não gosto. Ides então a Sevilha. Estou capaz de vos acompanhar.

Vasco ficou contrariado e Branca empallideceu. Com o espinho que lhe doera, o barão notou uma certa mudança na fisionomia de Vasco, e olhando para Branca tambem a achou mudada na côr.

Calou-se, encrespou o sobrolho, e meditou. Vasco observou-o profundamente.

Um momento depois disse o barão com serenidade apparente:

—Está dito. Depois de ámanhã, ou no dia seguinte partimos para Sevilha.

E fixando o olhar turvo em Branca que estremeceu áquella decisão,

—E tu, seguiu elle, como no regresso de Sevilha me resolva a pedir uma capitania, irás para um convento até que eu volte da America. Fica assim tudo arrumado. Vamo-nos deitar.

Entrando nos seus quartos cada um segundo a sua situação sentia uma commoção diversa: O barão, um pouco desconfiado de Vasco, e sem confiança alguma em Branca, principiando a aborrecel-a; Vasco receoso da sorte da sua amada, e ao mesmo tempo satisfeito por a ver em breve separada d'aquelle homem; Branca, como mulher, e mulher honesta e affectuosa, tendo chorado a luz do coração que lhe roubaram, chorando a luz da vida que lhe iam tirar.

—Está tudo acabado, disse ella comsigo. Nem podia durar muito tempo esta felicidade criminosa. O barão não tem confiança em mim. E quem sabe se não deve ter! Manda-me para um convento indo para a America. Salva-me, é o que elle faz. Devo-lhe ao menos esse beneficio. O castello e o convento pouco differem. Mas tenho amor a este quarto. É o meu confidente. Vejo d'aqui as serras de Por-

tugal. Aquellas arvores são minhas amigas, tem-me visto chorar. Mas eu estou fadada para o soffrimento. Cumpra-se o fado.

No dia seguinte o barão poz em movimento moços e monteiro para amalharem algum javali, e elle mesmo, na companhia de Vasco, dirigiu os primeiros trabalhos. Mas no meio da sua occupação a que a falta de habito lhe havia tirado o gosto, pensava sem querer nas palavras do visinho, e começou a parecer-lhe que a pronuncia do hospede não era egual, que tinha pouco de lioneza, a pouco de hespanhola em fim.

Mas elle ia para Sevilha. Ia, é verdade, mas podia voltar.

Começou a arder, a lembrar-se da espada dos anneis, a olhar de lado para Vasco, até que lhe disse encobrindo quanto pôde a sua intenção:

—Ide para o castello, amigo. Estaes aqui contrariado. Eu desemburro estes patifes, e vou já ter comvosco. Até logo.

E esporeando o ruão desappareceu por detraz de um morro de mato bravo, atravessou todo o terreno que tinha batido e entrou no castello pela porta falsa que dava serventia para os pomares. Subiu aos aposentos por uma escada de caracol aberta na parede, e passou á sala d'armas.

Como um relampago trocou a espada que trazia pela sua salvadora dos dois anneis, e entendendo

que já era tempo de apanhar o hospede em flagrante, dirigiu-se ao quarto d'elle para saber se estava lá.

Colou o ouvido á fechadura e sentiu passos. O fidalgo andava a passear meditando no repente do barão e meio desconfiado de que o tinha conhecido.

—Oh, diabo que me enganei! disse o barão comsigo mesmo tão prompto em se illudir como em se desenganar.

E espreitando continuou:

—Nem á janella! Diabos levem os maridos zelosos e aquelle mau visinho, que apanha um dia uma pelourada mestra.

Abrindo a porta do quarto com a sua costumada familiaridade, gritou ao hospede encobrindo a commoção com um sorriso alvar:

—Fazeis versos, D. Pedro?

Vasco respondeu com outra pergunta:

—Temos porco, barão?

—Porco temos, amigo. Os moços não deixam de amalhar algum.

Vasco estava previnido, e como não era criminoso, que os criminosos participam da cegueira dos maridos, conheceu o trama do barão, e tratou de o desorientar completamente.

N'aquelle momento o grande empenho de Vasco, já que tinha ido ao castello, era saír de lá tão puro como tinha entrado.

Um homem dos seus sentimentos não matava o marido, nem deshonrava a mulher, coisa muito vulgar n'aquella epoca, delicto absolvido a toda a hora pelos monarchas mais catholicos.

Branca não lhe podia pertencer, e a sua presença estava sendo no castello um perigo enorme para a desgraçada.

Falara-lhe, adquirira a certeza que era amado, que seria amado eternamente, que mais queria um coração que lutava com o impossivel e uma alma incapaz de descer á infamia de uma violencia ou á villeza de um adulterio?

Estava tudo acabado. Um adeus e separar-se-iam para sempre. Esse adeus devia-se effectuar durante a caçada.

Conversando com o barão algum tempo, chegou o monteiro, seguido de todos os moços, com a agradavel noticia de que se amalhara um solitario no carrascal da raia.

— Bem, disse o barão. Prepara tudo para o meu hospede o atravessar ámanhã com uma lança. Ração dobrada aos cães. O mordomo e o capellão hão de assistir. Os coletes dos cães que não esqueçam. Dá parte a todos os visinhos. Ha de ser uma caçada real.

Como désse meio dia o barão mandou pôr o jantar na mesa, e quando ia no corredor tornou a assaltal-o a idéa que duas vezes lhe sacudira os

nervos. Essa idéa vinha acompanhada de um presentimento que traduziu no seguinte monologo:

«Não sei que acho na cara do lionez. Diz-me cá por dentro uma coisa que ainda lhe hei de coser a pelle do peito com a das costas. Mao é quando me vem estas tolices á cabeça. Effectivamente o fidalgo é galante e tem o que quer que é de mysterioso. Veremos no que dá tudo isto. Fogo ha, que eu já vi fumo, e alguem mais que o foi dizer ao meu visinho. Com certeza, o homem fica enterrado no fosso.

XIII

A CAÇADA AO JAVALI

Logo que amanheceu principiou a sentir-se no castello um movimento que se não levantava ha muito na vetusta habitação; e quando o sol, sem raiar, mas igneo como o do principio do inverno, bateu nas ameias da torre de menagem, esse movimento augmentou consideravelmente, com rinchos de cavallos, ladridos de cães, e toques de trombeta dos caçadores que chegavam.

Os visinhos concorreram á caçada com os seus

cães e os seus moços, e apenas entraram no pateo, entregando os cavallos aos pagens, subiram aos aposentos para comprimentarem o barão.

O barão esperava-os na sala da mesa, onde lhes tinha preparado uma collação principesca.

Cinco eram os caçadores, entre elles um velho, caçador de faca, que foi logo nomeado director da caçada.

A collação correu rapida e alegre, e aos gritos do director: alali! alali! todos se levantaram e desceram ao terreiro.

As descerem as escadas o ruido que se levantou no pateo foi de ensurdecer os ouvidos. As trombetas tocaram, ladraram sessenta cães atrelados, e os cavallos enfeitaram-se rinchando e escarvando a terra.

O director montou primeiro, n'um cavallo roçopombo, um bello andaluz, com as veias cruzando-se como uma rede sobre as suas pernas de veado, o barão montou depois no seu ruão de pura raça barbaresca, e os cinco que restavam montaram ao mesmo tempo, saindo todos a galope em direcção da raia.

O monteiro seguiu-os acompanhado dos moços do monte que levavam os cães atrelados. O capellão e o mordomo iam atraz.

Branca, um pouco receiosa pelo modo cauteloso com que se apresentara Vasco no dia anterior, não

abriu a janella, mas observava a desfilada dos caçadores por dentro dos vidros, toda olhos e coração em Vasco que duas ou trez vezes olhou para ella.

No fim da encosta os cavalleiros desappareceram, os latidos dos cães deixaram de se ouvir, e o castello ficou no seu silencio habitual, e mais triste ainda depois do ruido que o animara por algum tempo.

Aquella tristeza pesou dolorosamente no coração de Branca, porque tinha alguma affinidade com o luto e a amargura que deixaria na sua alma a ausencia do amante. Por ella podia julgar do soffrimento que a esperava, longe da vista, embora unida ao coração do homem para quem nascera e com quem só iria esposar-se n'um mundo menos iniquo.

Logo que viu pelo tempo que tinha decorrido, que os caçadores deviam ter andado pelo menos uma legua, saíu do quarto e entrou no quarto de Vasco. Pepa ficou no corredor.

Sobre uma cadeira de pau rosa estava aquelle fato de veludo preto com botões e passamanes de prata, que vestido pelo cavalleiro tanto realçava os seus dotes physicos.

O gibão estava por cima de tudo, e dobrado de fórma que a dianteira esquerda ficava na parte superior.

Sob aquelle retalho de velludo batera o coração do cavalleiro, o mesmo coração o agitara ao vel-a, aquecera-o até. Pegou no gibão, unio-o ao peito, beijou-o, e deixou sobre elle duas lagrimas, que algum tempo se conservaram esfericas e brilhantes, e depois se sumiram deixando um ponto humido.

Em seguida beijou a travesseirinha onde elle pousava a cabeça, cofre cinzelado de um cerebro que tantas vezes e com tanto ardor pensava n'ella.

Era a ultima vez de certo que via aquelle trajo, tão querido dos seus olhos; a travesseira guardal-a-ia com as suas cartas, ao pé das suas joias, como a primeira, a mais preciosa, e recommendaria que lh'a unissem ao coração quando morresse.

Sentou-se depois, apoiou os braços na mesa, encostou a cabeça ás mãos, e com a sua saudade e com o seu amor permaneceu alli muito tempo.

Deixemol-a emquanto os caçadores cercam o carrascal. Vasco adivinha o que ella está fazendo, sente-a, ouve-a, e vê como estrellas em limpido horisonte as lagrimas da infeliz.

Os caçadores chegaram á raia, fizeram alto, e o director observou o terreno em que se tinha de dar a batalha.

O carrascal ficava na garganta de dois morros eriçados de mato bravo, e essa garganta tinha uma saída principal, por onde naturalmente se devia escapar o javali. Essa saída, que entrava muito

pela fronteira foi confiada a Vasco. Os outros logares por onde podia tomar o porco perseguido pelos cães, desviando-se d'aquelle caminho, foram dados sem distincção.

Trez caçadores da parte do norte guardavam um morro, e trez da parte do sul guardavam o outro. O mordomo e o capellão ficaram na entrada da garganta.

Ahi não corriam perigo, mas apezar d'isso, para suprema cautella, prenderam os cavallos a um sobro e marinharam como poderam para cima de uma arvore.

Quando o director entendeu que todos tinham chegado aos seus postos tocou a trombeta de caça e esperou que lhe correspondessem.

Corresponderam cinco, mas um não se ouviu. Podia não se ouvir por causa da distancia.

Deu o signal de largarem os cães. Os moços desatrelaram-n'os, e sessenta sabujos correram de oriente para leste, perdendo-se nas estevas, descendo, subindo, trepando aos penedos, e pouco depois deram signal de que tinham encontrado rasto, em gemidos e voltas sobre voltas, fazendo ondear a selva como movida por um tufão.

— Estão aqui e estão a contas com o bicho, disse o director.

E pondo a trombeta á bocca deu o signal de prevenção.

As mesmas cinco trombetas que corresponderam da primeira vez corresponderam da segunda. Uma não se ouviu.

Ao cabo de alguns minutos os cães começaram a latir, a principio com animo, com força, depois mais fracos e a medo.

— É porco velho, disse o director. Os cães receiam-n'o.

E fez então um toque mais prolongado para animar os sabujos, os outros caçadores imitaram-n'o, os moços enthusiasmaram-n'os com gritos.

Mas a este toque como das outras duas vezes, tornou a notar o director que alguem não correspondia.

— Que diabo! disse elle. Não seja o leonez que que se afastasse para muito longe. O porco, se segue caminho direito, escapa-se-nos.

E levantando-se nas estribeiras observou a direcção dos cães. O movimento era todo para sul. Descançou.

Quem não correspondia ao signal era effectivamente Vasco. A rasão é naturalissima.

Tendo caminhado para leste atravessou a raia e achara-se na estrada que conduzia de Barrancos para Moura. Do outro lado da estrada havia um pequeno morro, escalvado, apenas com algum mato rasteiro, d'onde descobria a saida da garganta.

Collocou-se ahi.

Se o javali tomasse aquelle caminho e entrasse no terreno chão, facilmente o alcançava e facilmente se livraria d'elle se pôr acaso o accomettesse.

Subindo ao morro voltou a frente para o carrascal, e alongou os olhos pela estrada que serpeava na planicie.

Ao longe descobriu uma dama, acompanhada de um criado, que se dirigia para Barrancos. Lembrou-se de Valdez, lembrou-se da sua inimiga, da sua eterna perseguidora.

Se fosse ella que o procurasse em La Puebla, o que iria acontecer n'aquelle velho solar, entre a pomba, o leão e a serpente que alli se achariam juntos?

Ouviu o primeiro signal, mas não pôde responder, nem lhe convinha responder.

A dama aproximava-se n'um galope regular, em breve estaria ao pé d'elle, e se fosse Valdez era necessario previnir-se.

Descendo o morro occultou-se detraz de um espinheiro d'onde via a estrada. A dama passou. Era ella com os seus olhos verdes, com o seu cabello ruivo. Era a serpente que estaria em Barrancos d'alli a meia hora, e d'ahi a outra meia em La Puebla.

Vasco ficou aterrado. O corpo como que lhe caíu sobre o cavallo, e todas as faculdades intellectuaes

permaneceram n'um espasmo que o privaram de conceber um meio de salvação.

A collisão era terrivel. Ou elle ou Branca, ou ambos juntos iam ser victimas d'aquella mulher.

Fugir não, que era deixar a amante nas presas da rival, se esta o não entregasse ao punhal do marido. Ficar tambem não, porque Valdez aproveitando-se da situação, o forçaria a desposal-a, ou querendo tirar uma vingança estrondosa sacrificaria Branca e sacrifical-o-ia a elle.

Tudo isto lhe acudiu ao cerebro rapidamente, e deixou-o prostrado como vimos.

O tropel de outro cavallo, avançando tambem na mesma direcção, veiu tiral-o do marasmo.

Então não era uma dama, era um pagem. Galopava tambem.

Ao passar na quebrada do morro Vasco conheceu-o. Era Teolindo.

Um berro destemperado saíu detraz do espinheiro, e a esse berro o pagem parou. Pareceu-lhe ouvir a voz do amo.

— Teolindo, Teolindo, repetiu Vasco, e n'um pulo appareceu ao lado d'elle.

— Ah! meu senhor, que felicidade! exclamou o pagem.

Vasco lembrou-se das ordens que lhe tinha dado, e disse-lhe sem reparar na exclamação:

— Como segues esta estrada?

De Moura devia ter ido o pagem para Serpa. Vasco ordenara-lhe que o procurasse em Seraz.

— Ah! senhor, tornou o criado, foi por Deus encontrar-vos aqui. Não estamos perto de La Puebla?

— Muito perto. A meia hora de caminho.

— E não vistes passar uma dama acompanhada de um pagem.

— Vi.

— Não a conhecestes?

— Porque? perguntou Vasco espantado e receioso ao mesmo tempo.

— Encontrei-me com ella esta noite em Moura. Era a mesma que esteve na Carriã, e que eu levei nos braços para a sala.

— Bem, e então?

— Disse-me o criado que iam para La Puebla.

Esta noticia não o surprehendeu. Vasco porém extranhou e sentiu que o pagem soubesse ou tivesse desconfiado que elle fôra para La Puebla e não para Seraz.

— E isso que quer dizer?

Teolindo baixou os olhos. Envergonhara-se de ter manifestado ao amo que desconfiava ou sabia de todos os seus segredos.

— Oh! senhor, eu peço perdão a vossa mercê, mas imaginei que vos fazia algum serviço avisando-vos que essa dama ia para o castello do marido da sr.ª D. Branca.

— Imaginaste então que eu estava no castello e seguiste a estrada de Barrancos.

— Olhe, meu senhor, eu sabia ha muito que uma dama ruiva de olhos verdes vos perseguia, e uma noite no Coração de Ouro vos assaltara no quarto, e vós a quizestes prender. Vi depois no solar aquella hospeda, e puz-me cá a matutar. Saimos de noite, assim como quem foge, e eu disse com os meus botões que a hospeda era a mesma que vos perseguia em Lisboa. Hontem encontrei-a, e soube que vinha para La Puebla. Quando ella saíu pela manhã puz-me a olhar para o caminho de Barrancos e para o caminho de Serpa. Eu queria ir para Serpa, mas o coração puchava-me para aqui. Estive assim muito tempo, até que de uma vez meti á estrada de Barrancos e vim. A dama porém galopou sempre e eu não pude chegar primeiro. Se estivesseis no castello queria avisar-vos. Eu não sei do que ella é capaz, e as mulheres são capazes de tudo. Podieis precisar de mim. E a minha idéa era não me demorar. Hoje mesmo botava-me a Serpa, que o cavallo agora está batido, e não foge ao trabalho.

Vasco ouviu e disse-lhe no tom de verdadeiro reconhecimento:

— És um bom rapaz. O coração impellio-te para Barrancos, é um signal de que amas, Teolindo. Podia precisar de ti. Preciso sempre. Mas agora

vamos ver de que me serves. Estou em La Puebla. Foi tambem o coração que me trouxe aqui. E é preciso saír e é preciso ficar. Essa mulher traz alguma idéa perversa. Tu conheces Branca. Aquella pomba cae nas garras d'este abutre.

« Deixa-me pensar, seguiu elle. Que eu mal o posso fazer. Tenho a cabeça em brasa.

N'esta occasião ouviu-se o segundo signal.

— Vós andaes á caça, disse Teolindo reparando na lança e na trombeta.

— Sim, respondeu Vasco pensativo. Ando com o barão á caça do javali. Guardo esta porta.

E apontou com os olhos para a saída da garganta.

Vasco achava-se entre as pontas de um dillemma. Ou ficar e perder-se juntamente com Branca, ou fugir e perdel-a só a ella.

O meio era nem ficar nem fugir.

De repente disse para o criado:

— Tu vens de Sevilha.

— Sim, senhor, respondeu logo o pagem entendendo que seu amo traçara algum plano em que elle tomava parte.

— Ias para Leão.

— Ia para Leão.

— Como és natural de Badajoz, no caminho quizestes ver tua familia. Falas hespanhol?

— Sou da raia.

— Dirigindo-te a Badajoz encontraste-me aqui e quizeste certificar-te se ias bem ao teu destino.

— Entendo, senhor.

— Perguntando-te eu a quem pertencias disseste-me que a D. Martha d'Ulme.

— D. Martha d'Ulme, repetiu o criado.

— Do mando d'ella ias a Leão procurar-me para me entregares uma carta. Deste-me essa carta.

— Dei a carta a vossa mercê.

— Essa carta manda-me partir immediatamente para Sevilha por causa de uma demanda. Fica-te isto na memoria? Repete lá.

Teolindo repetiu tudo sem lhe esquecer a menor circumstancia.

— Mas eu, seguiu o fidalgo como falando comsigo, preciso ir ao castello antes de falar com o barão; ir sem lhe dizer a elle ou aos companheiros que desamparo o posto, é deslealdade e descortezia quando me querem dar a honra de matar o javali; mas dizel-o é não me darem tempo de me despedir de Branca!

—Teolindo, disse elle rapidamente, toma a lança, guarda esta saida, eu corro ao castello e sou já comtigo.

E dando-lhe a lança e esporeando o ginete afastou-se um pouco do carrascal, e entrou no castello.

O porco, tendo subido a encosta do morro do sul perseguido pelos cães, viu-se de repente ata-

cado por outra trella que lhe veiu ao encontro, e desceu furioso e terrivel á garganta, querendo escapar-se pela saída.

Os ladridos dos sabujos, os toques das trombetas e os gritos dos moços, juntando-se e echoando no meio das selvas, formaram um ruido assustador. Teolindo teve medo e subiu para o mais alto do morro collocando-se sobranceiro a uma rocha. D'ahi talvez se defendesse melhor se o javali o agredisse.

Minutos depois o porco saíu do carrascal; envolvido n'uma turba de demonios que o atacavam por todos os lados, feria aqui um sabujo, rasgava acolá as entranhas a outro, mas fugindo sempre, com os olhos inflammados, abrindo caminho só com o bafo de lume que respirava com estrondo.

Percorrendo algumas braças e vendo que não podia escapar-se aos seus crueis persèguidores, o porco caminhou para o penedo onde apparecia como a estatua de Longius o pagem de Vasco; parou, voltou a frente aos cães, e dispoz-se a uma resistencia que intimidou os melhores sabujos.

O barão e os caçadores vinham na cola do porco, e de longe começaram a gritar a Vasco: mata! mata! julgando que era elle o cavalleiro que lhes apparecia recotrado no horisonte.

A estes gritos, não por elle, mas por seu amo, Teolindo sentiu uma reacção nervosa, exaltou-se; possuiu-se do papel que lhe entregaram.

Demais podia matar o javali pelas costas. Bastava-lhe apear-se, dar alguns passos no declive do penedo, e jogar-lhe uma lançada.

Mas ao apear-se um berro destemperado de todos os caçadores: A cavallo, a cavallo! fel-o montar de novo.

Os caçadores chegaram á rocha e cercaram o javali; e olhando para cima o seu espanto f[illegible]nor-me quando em vez de Vasco viram um [illegible]em, que de mais a mais era desconheci[illegible] todos.

O barão não ficou só espantado, senão tambem furioso. O ciume ardeu-lhe no coração, o desespero de ter sido ludibriado agitou-lhe o sangue.

Subindo ao morro em dois saltos, com a lança em riste para o pagem, com os olhos mais coruscantes do que os do javali que n'aquelle momento presentia a morte, perguntou ao pagem em voz secca como a do raio que estala perpendicular:

— Quem és, como te achas aqui, vilão de mil diabos?

Animado pelo dever e pela amizade a seu amo, Teolindo respondeu com mais serenidade do que era de esperar de um homem como elle:

Vinha de Sevilha para Leão, tomei o caminho de Badajoz, e encontrei-me com o sr. D. Pedro d'Ulme, para quem trazia uma carta. Sua mercê foi ao castello arranjar-se, deixou-me aqui em seu

logar, e parte immediatamente commigo. É urgente estar em Sevilha depois de manhã.

O barão meditou um segundo, virou rapidamente o cavallo, e enterrando-lhe as esporas nos ilhaes partiu a toda a brida para o castello.

Teolindo ficou contente de si, e sem receio alguma que entre seu amo e o barão houvesse a menor pendencia. Vasco tinha meia hora de avanço.

Cercado o javali, o director da caçada apeou-se, abriu a sua faca de matto, e mandou soltar os lebreus couraçados com pelle de porco.

Os valentes molossos avançaram para o animal, filaram-lhe as orelhas e seguraram-n'o ao chão que elle tinha escolhido para morrer de um golpe de mestre.

O velho caçador aproximou-se, e enterrou no coração do javali a longa faca de matto, tirando-a quando o viu estrebuxar. Lançando mais sangue pela bocca do que pela ferida, o porco caíu exanime. A caçada estava terminada.

XIV

ADEUS!

Branca ainda estava no quarto de Vasco, n'um deliquio de amargo prazer, recordando o passado, sentindo o futuro, gosando o presente doloroso e bello que as circumstancias lhe concediam, quando o cavalleiro entrou no pateo, e apeando-se de um salto subiu aos aposentos.

Pepa viu-o entrar da galeria, como louca correu ao quarto, e disse a Branca em tal estado de confusão que ella mal a percebeu:

— Fuja! O fidalgo leonez sobe as escadas.

— Quem, quem? perguntou Branca erguendo-se espavorida.

— D. Pedro d'Ulme.

— Vem só? tornou Branca enleada, presa, exprimindo no gesto a confusão da amante que vacilla e entontece entre o dever e o desejo.

— Só, repetiu a criada. Fuja!

« Ah! gritou ella em seguida, mais enleada que sua ama.

Vasco entrara no corredor e parara a dois passos de Pepa.

— É a sr.ª baroneza que está no meu quarto? disse elle com voz convulsa e esperando a resposta n'um anceio assustador.

Pepa não respondeu e Branca ouvindo a voz do cavalleiro apoiou o corpo ao batente da porta para não caír atordoada.

Vasco não podia perder um segundo, um segundo representava duas palavras, e essas duas palavras eram um thesouro para elle que as dizia, para Branca que as ouvia.

Entrou no quarto e viu a sua amada com os olhos cerrados, balouçante o corpo, pallida, bella, mais formosa com as côres do crime, mais digna de devoção e de extremos.

— Branca! exclamou o fidalgo estonteado de prazer, de alegria, de reconhecimento. Eu vira-te a uma legua de distancia no meu quarto! e quando entrei no castello contava comtigo aqui. Se me dissessem, á porta do corredor, que não estavas n'esta camara habitada por mim ha oito dias, não acreditava; e ainda que fosse falso, ainda que não estivesses, a imaginação me pintaria a tua imagem com côres tão vivas que muito tempo de certo abraçaria essa imagem julgando que eras tu mesma, em toda a tua realidade, com toda a tua belleza!

Branca abriu os olhos, quiz agradecer a intensidade do amor que trasbordava do coração do fidalgo em palavras extranhas e melodiosas, mas o seu pensamento só teve por traductor um suspiro e um desfallecimento de forças que a inclinou para os braços do amante.

Pepa vendo que não era a chegada do hospede que tinha a vigiar, voltou novamente para a galeria. Branca não a fizera sua confidente, mas creara n'ella uma amiga.

— Branca, tornou Vasco depois de equilibrar o precioso fardo que lhe caíra nos braços haurindo forças na prostração da amante. Branca! Ameaça-nos um perigo enorme! Branca, meu bem, um anjo mao agitará em breve as suas asas negras no interior d'este castello, e quem sabe se é a morte ou o supremo martyrio que elle traz comsigo!

Branca esperava ouvir palavras de consolação e não de desconfôrto.

— Que novos soffrimentos nos perseguem? perguntou ella.

— Maria Valdez segue-me. Está em Barrancos, logo estará ao pé de nós. Um acaso fez com que eu a visse passar. Entrara na Carriã por um dos seus tramas habituaes, e eu fugi; fugi de noite com medo d'aquella mulher que era só a minha perdição e agora póde ser tambem a tua.

— E ella que te quer? que me quer a mim? perguntou Branca entre assustada e enraivecida como a pomba a quem tentam roubar os filhos.

— Que me quer! Que me ha de querer?! E não annuindo aos seus loucos desejos que te ha de querer, a ti, objecto das affeições que julga pertencerem-lhe, anjo de devoção e de amor que me amparaste

com os teus carinhos e hoje com o teu martyrio, que me salvaste da peçonha d'aquella serpe, que quizeste que eu fosse livre para chamares teu ao meu pensamento, teu, só teu a este coração que não te absorve, porque se te absorvesse não caberia no mundo!

—Mas tu vens-me annunciar a morte, Vasco! disse a infeliz senhora apertando nas suas as mãos d'elle como em torquezes d'aço. Só ha um meio de nos salvar-mos, e esse meio... creio que o não acceitas!

— Qual, anjo do Senhor? Fala. Talvez Deus te inspirasse.

— Deus não me inspira, não, observou Branca aljofrando o rosto de lagrimas. O meio que me lembra salva o meu nome e o teu de uma vergonha infamante, mas mata-me, mata-me em poucas horas, e Deus se me prescreve guardar a honra, manda-me tambem que conserve a vida. Esse meio é um veneno que me dilaceraria as entranhas ou me enlouqueceria o entendimento.

—Mas qual é? Dize.

Só com a força precisa para dizer as palavras seguintes e tanto que a ultima mal a suspirou,

—É casares com ella, disse Branca, desprendendo as mãos das d'elle e esperando quasi morta a sentença fatal.

—Nunca, exclamou elle. Nunca!

— Ah! e então? seguiu Branca mais animada porém mais receosa. Ella ha de vingar-se de nós, e a vingança, seja qual fôr, não póde deixar de ser terrivel. Vasco, Vasco, estamos perdidos. Não vejo salvação.

— Olha, disse-lhe elle com uma serenidade mais terrivel que a exaltação, eu saio já do castello, já. Tenho uma desculpa que o barão não póde recusar, nem levantará suspeitas no seu animo já desconfiado. Vou para Seraz. Lá me occultarei. Pepa é-te dedicada. Has de ter tambem algum moço que dê a vida por ti ou por ella. Por esse moço me darás parte de tudo. Valdez vem, saberá que estive aqui; ha de fazer com que amargues estes prazeres já amargos de si. Soffre tudo com a tua habitual resignação. Faltando-te a resignação ora a Deus que te fortaleça. Mas se os tormentos forem tantos que te julgues desamparada do ceo, ou o ceo indignado com a malvadez dos homens te aconselhe a castigal-os com a tua deshonra, ao menos na apparencia, eu estarei aqui de um momento para o outro. Se estes braços não poderem arrancar-te á fereza dos teus algozes, Soeiro me acompanhará, acompanhar-me-hão todos os seus servos, e este castello, como devia ter sido na edade media, será arrasado e coberto de sal para que não vejete mais no seu solo a rasteira ou a urze.

— Sim, disse Branca cheia de confiança e reco-

nhecimento. Sim. Um irmão é sempre um protector. E quando a minha consciencia, já dilacerado o coração, já esgotadas as forças soffredoras, me aconselhe a pedir-te soccorro, é porque bradaram ao ceo os crimes dos que me ferem, e o ceo te nomeia a ti o meu amparo, o meu refugio! E quando elle, nas suas profundas deliberações, te diz a ti que me proteja e a mim que tenha confiança na tua lealdade, no teu valor, na tua abnegação, é porque, tendo de nos julgar das accusações dos homens, sabe que nos separaremos dos braços um do outro tão puros como nos abraçamos agora para dizermos um adeus, ou symbolo de eterna despedida, ou penhor de dias mais tranquillos.

Abraçando-se com o mais terno respeito, com o mais puro amor, crentes nas palavras que trocaram como se tivessem pronunciado uma oração e essa oração lhes fortificasse a fé, disseram depois no olhar, no tremor dos braços, na respiração que mal se sentia, o que não traduziram em palavras. O vocabulario dos homens não as tem que exprimam o que elles não sentiram e que não souberam conceber.

N'este momento o tropel de um cavallo que parecia arrancar os seixos do atrio do castello, tal era a força com que se apoiava nas patas para não abrandar na carreira, entrou no pateo coberto de suor e de espuma. O cavalleiro que o montava tra-

zia o rosto afogueado. Os seus olhos colericos fixavam-se na parte da galeria contigua aos quartos da baroneza. Mesmo na carreira procurou apear-se. Não podia perder um segundo, e o valor d'esse segundo ninguem o sabia como elle.

Esse cavalleiro já sabemos quem era.

Vasco e Branca presentiram-n'o, adivinharam quem podia entrar áquella hora no castello, e d'aquella fórma, e separaram-se com um vago terror, fixos os olhos na galeria, attentos os ouvidos ao menor ruido.

Pepa que conheceu o cavalleiro, correu á porta, e transtornadas as faces, estalada a voz, gritou fugindo pelo corredor:

— O senhor barão!

Um relampago não illuminava e desapparecia mais depressa no espaço do que fugiu Branca do quarto de Vasco para o seu. Por segundos que o marido a não vê.

Assim como atravessou o pateo, rapido como o pensamento, subiu tambem o barão as escadas quatro a quatro, nas azas do desespero, do ciume e da vingança.

Entrando no corredor, e querendo dirigir-se ao quarto da esposa, porque era lá que esperava encontrar os adulteros, parou como fulminado ao ver Vasco a arranjar a moxilla, a apertar a ultima fivella, já de capote no braço e chapéo na cabeça.

A porta do quarto ficara aberta, e o fidalgo simulando que estava absorvido nos seus arranjos, só olhou para o barão quando se dispoz a saír.

— Oh! exclamou Vasco com a serenidade, que era possivel ter n'aquelles casos, que me poupaes ao menos algumas passadas. Que transtorno, que transtorno, barão, a minha demora no vosso castello! A caçada foi providencial.

O barão cortava-o com um olhar tenebroso, Vasco fingia não comprehender esse olhar.

No mesmo tom seguiu o fidalgo:

— Um criado de minha tia, o criado que deixei no meu posto, ia procurar-me a Leão; e como quizesse ver a familia que tem em Badajoz, tomou a estrada de Barrancos. Deus lembrou-lhe perguntar-me se seguia caminho direito. Quiz saber para onde ia, disse-me que para Leão. Para quem? Para mim. Minha tia manda-me apparecer quanto antes para falar aos juizes, senão perdemos tudo. Por isso deixei a caçada, e parto já. Ia d'aqui procurar-vos. Como apparecestes digo-vos adeus, e agradeço-vos a hospitalidade que me déstes e os favores com que me obrigaste. Fazei as minhas despedidas á senhora baroneza, e desculpae-me com tão nobre como tão bondosa senhora. Adeus, barão. Adeus.

O barão acceitou-lhe com frieza a mão que lhe elle estendeu, e disse-lhe com a indifferença de um

homem em cujo cerebro se atropellam mil conjecturas horrorosas:

— Adeus, D. Pedro d'Ulme.

Vasco não esperou por mais nada. Desceu as escadas, afivelou a moxilla á garupa do cavallo, montou e desappareceu.

O barão como se quizesse achar no quarto de Vasco alguns indicios de crime, entrou n'esse quarto, e olhou para todos os moveis; de repente porém dirigiu-se aos aposentos de Branca.

Abrindo a porta sem estrondo foi achar a esposa toda entregue a um bordado, calma, serena, e Pepa junto d'ella, sentada no chão, com o gesto de quem acabava de contar uma lenda que recreasse a infeliz senhora.

O barão ficou desconcertado. Tudo lhe dizia que se enganara. Nem um indicio de crime, e pensando melhor, nem um motivo de suspeitas.

Ah! o barão não vira ou não conhecera, no rosto de Branca um sorriso pallido a encobrir o maior receio da sua vida!

Esse sorriso não o vejam nunca os maridos; não o traduzam que é um epitaphio da sua honra.

XV

A POMBA E O ABUTRE

Passando perto do carrascal, Valdez ouviu os toques dos caçadores. Como o cavalleiro christão que ouvisse o anafil do arabe inflammando o animo dos combatentes, assim ella estremeceu, não de medo, mas de alegria por ver chegada a hora de um combate em que a victoria lhe pertenceria a ella.

Sabia que estava perto de Barrancos, e que defronte de Barrancos era La Puebla; aquelles toques portanto podiam ser de caçadores que andassem á caça do veado ou do javali na companhia do barão.

Ora sendo assim, Vasco de certo andava com elles; vinha pois encontral-o, e não lhe fugiria como fugira da Carriã.

Tivera informações exactas da direcção que tomara o fidalgo; se não fosse em La Puebla era em Seraz que o havia de encontrar. Mas n'aquelle campo é que lhe convinha achar o inimigo. O terreno favorecia-a, os alliados d'elle podiam passar-se para ella.

Parando de repente perguntou ao pagem:

— Onde estamos?

— A meia legua de Barrancos.

— La Puebla então deve ficar por aqui.

— Segundo nos informaram não póde estar longe.

— Estes terrenos serão já do barão?

— Os seus dominios são extensos.

— Se fosse elle que andasse á caça...

— Talvez.

— Seja ou não seja, seguiu Valdez voltando o cavallo sobre a esquerda, vamos saír-lhe ao encontro.

— Minha senhora, exclamou o pagem, ides commetter uma imprudencia.

— Uma imprudencia! disse ella admirada da observação do criado a quem não confiara a menor circumstancia dos seus mysterios.

— Sim, minha senhora, tornou elle levantando-se nas estribeiras e observando as ondulações do brejo. A caça não é de veado. Andam ao javali. E os cães já deram com o rasto. Ora o porco, como sabeis, não annuncia caminho, e depois de ferido é perigoso encontral-o. Se não formos nós póde ser victima do seu desespero algum dos nossos cavallos.

Valdez acceitou o conselho. Desandou o cavallo e galopou para Barrancos. A realisação da sua idéa era perigosa para uma dama.

A troco de um desastre não se aventurava ao prazer illimitado de apparecer ao cavalleiro como uma dryade feiticeira que guardasse aquelles bosques.

Chegando a Barrancos perguntou a um aldeão:

— Onde fica o castello de La Puebla?

— Passado este outeiro, lhe disse o homem tirando respeitosamente o seu gorro. O castello até se vê do fundo da villa. É caminho de um quarto de hora.

— Sois rendeiro do senhor barão?

— Não, senhora, mas trabalho muitas vezes nas suas terras.

— Estes dias trabalhaste lá?

— Trabalhei a semana passada.

— Quem estava com elle?

— A senhora baroneza, que é uma santa, e todos os seus servos.

Maria não gostou do panigirico da sua rival.

— E mais ninguem? seguiu ella com certo receio.

— Tem estado tambem lá um fidalgo de Leão, um bello mancebo que elle é por signal, galhardo e perfeito como tenho visto poucos.

Valdez córou insensivelmente, e não quiz saber mais nada. Deu uma moeda de prata ao aldeão, e entrou em uma albergaria. Estava bem claro para ella que o fidalgo leonez era Vasco.

Duas horas depois montou novamente a cavallo e dirigiu-se ao castello.

Ia bella e seductora esta mulher perversa. Despira o seu fato de viagem, o fato escuro que trou-

xera da Carriã, onde era preciso apresentar-se com as côres do luto para impressionar as duas senhoras, e apresentara-se com uma saia e ferragoulo de setim azul sobre o comprido, tudo guarnecido a seis passamanes d'ouro abertos, e touca azul com fitas de prata.

O seu criado tambem vestia uma libré nova.

Seguida de escudeiros e aias julgal-a-iam uma princeza.

Junto da ponte levadiça encontrou-se com os caçadores que voltavam da caçada. Eram sete contando o capellão e o mordomo, seguidos dos moços e dos cães, e de um mulato que arrastava uma zorra carregada com o javali.

Entre elles porém não estava Vasco. Ella os observara um a um julgando que o fidalgo andasse disfarçado, mas nenhuma feição, nem os olhos d'elle que se não confundiam, lhe appareceram entre olhos dos caçadores que a fitaram deslumbrados.

Effectivamente todos a encararam com espanto, não só surprehendidos pelo brilho e pela presença fascinadora da nobre dama, senão tambem pelo modo por que apparecia, seguida apenas de um criado, e não sendo de perto nem conhecida de nenhum.

Não vendo Vasco e entendendo que estava no castello, Valdez empallideceu e córou quasi ao mesmo tempo. Julgara que durante a caçada ti-

vesse ficado na companhia de Branca, n'um idylio de amor, arroubado e esquecido do mundo nos braços da adultera.

— O senhor barão de La Puebla? perguntou Valdez saudando e recebendo a saudação de todos.

— Deve estar no castello, respondeu um d'elles.

Estas palavras acalmaram-lhe o espirito desassocegado. Consolaram-n'a até. Na presença do barão, Vasco poderia gosar; mas havia de soffrer tambem.

Sentindo os caçadores o barão veiu esperal-os á escada, e grande foi a sua admiração quando á frente da cavalhada viu uma dama, cujos fatos brilhantes lhe offuscaram os olhos, cujo todo, o rosto claro, os cabellos ruivos, a posição elegante que sustentava, a arte com que dirigia o cavallo, lhe fizeram estremecer o coração.

Em dois saltos desceu a escada, dirigiu-se á dama, segurou-lhe o ginete pelas redeas, deu-lhe a mão direita e ajudou-a a apear-se.

— Sois o barão de La Puebla? perguntou Valdez.

— Eu mesmo, servo e respeitador da vossa gentileza, respondeu elle com o sorriso vaidoso com que seduzia as parisienses.

— Não sois casado com D. Branca Pizarro, dama de sua alteza a sr.ª D. Catharina de Austria?

— Sim, nobre dama.

— Sou sua amiga, e venho fazer-lhe uma visita. Estou aqui perto, no solar d'uns meus parentes, e sabendo que tinha casado comvosco dirigi-me ao vosso castello. Terei a felicidade de a encontrar?

— Está nos seus aposentos. Se quereis acceitar o meu braço conduzir-vos-hei á sala e mandarei parte á baroneza de que a procuraes.

Valdez acceitou o braço do barão e entrou na sala. Os caçadores subiram tambem, mas ficaram na galeria.

Entrando na sala sentou-se n'um sofá de velludo carmezim com franjas de prata, o barão tomou logar ao pé d'ella em uma cadeira do mesmo estofo, e disse-lhe amoravel como póde ser um leão apaixonado:

— Sois amiga da baroneza?

— Muito.

— Se essa amizade vos prendesse aqui alguns dias!

— Quem sabe? respondeu ella lançando-lhe um olhar intelligente que o deixou em confusão.

— Então posso ter uma esperança?

— Talvez, tornou ella ferindo-o com o mesmo olhar.

— Oh! como me encheis de jubilo, exclamou o barão incendiado com aquellas palavras em que se denunciava uma promessa. E para cohonestar a

exclamação, seguiu: A baroneza é triste e vive muito só, eu tambem vivo quasi isolado n'este castello. Quando apanho um hospede detenho-o, a uma hospeda imploro a sua companhia. Se vos não prendem deveres ou negocios...

—Nada me prende. Sou senhora minha.

—Oh! tanto melhor. Então a baroneza não vos deixará sair.

—Mas, senhor, disse Valdez com um sorriso que significava a comprehensão absoluta dos sentimentos do barão, esquecestes-vos de dar parte á minha amiga de que estou aqui!

—Oh! que cabeça a minha! São os vossos olhos os culpados de tudo. O vosso nome?

—Maria Valdez, dama da rainha, que foi companheira de vossa esposa, e será sua amiga eternamente.

O barão chamou um pagem e mandou-o aos aposentos de Branca participar-lhe que a procurava D. Maria Valdez, sua amiga e companheira do paço.

Branca ao receber a noticia julgou caír sem sentidos. Esperava-a, mas não d'aquelle modo. Contava com uma inimiga de quem se afastaria fechando-se no quarto a titulo de doença, e pela fórma porque ella se apresentava não a podia evitar.

Tinha de soffrer a sua presença, os seus odios

disfarçados com o sorriso da amizade, os seus escarneos, e quem sabe que torturas, que flagellos horriveis, pois ella não vinha ao castello senão para se aproveitar da posição em que a deixara a imprudencia de Vasco.

Que planos traria ella em mente! Que perversidades não commetteria até se apossar da mão d'aquelle homem que a odiava, que lhe fugia, mas com quem jurara ligar-se!

Pallida, com palpitações violentas no coração, Branca ficou extatica, abysmada nos seus receios, com os olhos fixos no vacuo, quasi somnambula, até que de repente, lançando as mãos á cabeça, exclamou banhando-se-lhe o rosto de lagrimas.

—Estou perdida! Esta mulher vae matar-me. Saberá tudo e jogará com a minha honra como jogou com a sua.

E canído em uma cadeira prerompeu em choro afflictivo. Pepa tentou consolal-a mas em vão.

—Outro dia affligistes-vos com a chegada do cavalleiro que hoje se foi embora, lhe disse ella. Parece-me que era natural essa afflição. Hoje affligi-vos por causa d'essa dama que se diz vossa amiga.

—É uma inimiga, Pepa, é uma inimiga, que me traz a deshonra ou a morte.

—Uma inimiga?!

—Sim.

— Oh! minha senhora, exclamou Pepa exaltada por um sentimento de devotada sympathia. Se é uma inimiga e vos traz a deshonra ou a morte, eu sou mulher tambem, mas a minha vida podeis dispôr d'ella; dal-a-hei gratamente em vossa defeza.

— Obrigada, Pepa, muito obrigada. Não é mulher com quem se lute, nem o seu coração se póde abrandar com lagrimas. É uma fera que entrou no castello.

— E dizendo isso ao senhor barão elle não a expulsará?

— A estas horas já está louco por ella. É uma mulher formosa, e com attractivos a que os homens não resistem. E ella conhece-os. Se eu podesse deixar de ir á sala!

— Fingi-vos doente...

— Virá ao meu quarto com o titulo de amiga.

« Se eu previnisse, seguiu pouco depois, o barão contra ella...

— E porque não?

— Ha de acredital-a e rir-se das minhas prevenções. Oh, que desgraçada posição me colloquei! É preciso ir á sala. A terrivel penitencia começa hoje; mas não é Deus de certo que m'a dá. Elle sabe como estou innocente.

« Quero agua para lavar os olhos, seguiu Branca com admiravel resignação. Ao menos que não saiba que me aterrou só com a sua entrada. Quanto mais

abatida me vir mais me opprimirá. Se eu tivesse forças, se tivesse coragem...! Meu Deus, meu Deus, que creaste a pomba e não lhe déste garras para se defender do abutre!

Branca estava para sair do quarto quando o barão lhe appareceu.

—Oh! que demora, lhe disse elle. Uma senhora que vem de proposito visitar-te!

Branca não respondeu. Atravessou a galeria e entrou na sala.

Valdez estava só, recostada no sofá, com gesto de confiança, batendo o vestido com a ponta do chicote.

Ao vel-a sorriu-se, com um sorriso perverso, que fez estacar Branca e encrespar o seu breve sobrolho.

—Não me esperavas, Branca, lhe disse ella.

—Não, respondeu a nobre senhora com certa energia que abalou a rival.

—Pois devias esperar-me, observou ella levantando-se no sofá! Desde domingo passado que devias recear a minha presença.

—Porque? disse Branca com espantosa serenidade.

Valdez vacillou um pouco e proseguiu:

—Onde está Vasco?

—Perdão, lhe disse a baroneza, desculpae-me primeiramente que vos observe que não soffro in-

terrogatorios de quem não está auctorisado para m'os fazer. Venho á sala para receber uma visita, e bem deveis saber que o faço com o maior constrangimento. As nossas relações estavam terminadas. Não podiamos ser senão inimigas, mas eu não tenho reservas nem sou dotada de mao coração. Perdoei-vos a offensa. Agora parece que pertendeis reviver odios extinctos dirigindo-me perguntas offensivas. Se é para isso que me visitastes, perdoae-me, mas eu retiro-me.

Havia tanta dignidade e tanta nobreza n'estas palavras que Valdez chegou a persuadir-se que se tinha enganado. Mas o ciume não é sentimento que se combata, mormente quando a esse ciume anda estreitamente ligado um interesse.

Ouvindo a baroneza disse-lhe pondo-se de pé:

—Não são odios extinctos que venho reviver. Pelo contrario procuro a vossa... como me trataes por vós tratar-vos-hei tambem; procuro a vossa alliança.

—Não sirvo para alliada de ninguem. Estou retirada do mundo, vivo nos meus aposentos, segregada de todos. O que procuro é socego e paz.

—Não parece.

—Não parece como? qual é a minha vida? N'um convento não passava em maior retiro. Já vos disse que vivo no meu quarto, com a minha criada e com a minha costura.

— E desde domingo tambem?

— Pela segunda vez que fallaes em domingo. Tendo a bondade de vos explicar.

— Não era preciso, mas eu vos esclareço. Domingo chegou a este castello Vasco de Mendonça. Negareis isto?

Valdez não tinha a certeza, mas suppunha que devia ter sido no domingo.

— Vós sonhaes, Maria Valdez, e com estes sonhos offendeis-me cruamente. Os vossos zellos transtornam-vos a razão. Depois que casei não tornei a ver Vasco.

— E se eu vos disser que elle ainda está no castello?

— Procurae-o, e se estiver chamae-me adultera diante de meu marido, lhe disse Branca com tanta firmeza que a transtornou.

— Mas esteve a semana passada.

Branca fixou-a alguns momentos e disse-lhe depois cortejando-a e dispondo-se a saír:

— Sr.ª D. Maria Valdez, desculpae que me retire. A minha dignidade ordena-me que não troque nem mais uma palavra comvosco. Eu chamo o sr. barão para vos fazer companhia.

— Esperae. Tenho que vos dizer para vosso governo.

— Não vos pedi conselhos, nem os acceito.

— Branca, é melhor a paz do que a guerra, e

para vós principalmente que procuraes a paz. Attendei-me.

Branca tremia apavorada, mas apparentava ainda alguma firmeza.

Valdez seguiu:

— Vasco veiu visitar-vos?

— Não veiu, mas se viesse era bem vindo. Ninguem lhe fechava a porta. Meu marido tem plena confiança em mim. Que mais quereis que vos responda?

— Branca, tornou Valdez erguendo a cabeça e subjugando-a com o olhar, Vasco está no castello, e Vasco pertence-me. Se não está, esteve, e vós sabeis onde elle pára. Dizei-m'o e haverá paz entre nós. Bem sabeis que todos os meios são bons para mim contanto que obtenha o fim que desejo. Se m'o não dizeis é porque o amaes, e esse amor hei de reputal-o como um inimigo. Um inimigo combate-se até á morte. Para o combater tenho duas armas. A primeira é o amor de teu marido, a paixão, a loucura que elle tem pelas mulheres, que hei de saber explorar como explorei com Lopo; a segunda é o ciume, o odio, o rancor, o seu genio feroz que se exaltará quando eu lhe disser que o enganaes. Agora escolhei. A paz ou a guerra?

Era muito. Era demais para aquella alma atribulada e criminosa.

Branca não pôde supportar uma sentença tão

cruel. Saltaram-lhe as lagrimas dos olhos como se lhe chovessem das palpebras, e ia quasi a ajoelhar para implorar misericordia quando o barão entrou para annunciar o jantar e surprehendeu as lagrimas no rosto de sua esposa.

— Oh! exclamou elle,. olhando para Branca e olhando para Valdez e notando um contraste espantoso entre os dois semblantes.

Branca chorava e Valdez sorria.

— Vossa esposa, sr. barão, disse Maria, é uma criatura muito nervosa. Está ainda como nos seus tempos de donzella. Qualquer coisa a impressiona a este ponto.

Branca olhou para ella espantada e receosa. Valdez seguiu:

— Recordavamos algumas coisas do nosso tempo do paço, e taes são as suas saudades que desatou a chorar.

— Meu Deus!.. disse Branca comsigo mesma sentindo dilacerar-se-lhe o coração.

E de repente enchugando as lagrimas, arfando com violencia e procurando em vão alguma energia, olhou para o esposo, olhou para Valdez, e quasi abafada, tremula, não podendo com o peso do fragil corpo, saíu da sala, correu para o seu quarto e caíu nos braços de Pepa.

— Não posso, não posso, exclamou ella. Ou hei

de morrer de dôr ou de vergonha. Aquella mulher é o meu anjo mao.

O barão que não obteve mais explicações de Valdez do que as que lhe tinha dado, que eram saudades que sua mulher tinha de solteira, insinuando com estas saudades uma paixão violenta ainda, veiu ao quarto da esposa, e disse-lhe entre resentido e benevolo:

— Porque saístes da sala?

Branca não respondeu.

— Foi por causa das tuas lagrimas, seguiu elle, que te accusavam d'uma falta? Bem sei que amaste um homem, mas esse amor devia ter terminado com a nova posição que occupaste. Não te passaram ainda as saudades? Seja hoje a ultima vez que o manifestes diante de mim e diante de quem fôr. Vamos. O jantar está na mesa. É um dia de festa, não quero choros. Perdôo-te como te perdoei a maneira, porque me recebeste a mão d'esposo. Mas nota bem: O meu perdão não passa d'aqui. Uma infedilidade não t'a perdôo.

— Obrigada, lhe disse Branca. Agradeço a tua benovolencia. E crê que te hei de ser fiel toda a vida, tanto quanto possa ser. O teu nome será respeitado por mim mais do que o meu proprio.

— Creio que o farás. Agora limpa as lagrimas e vem para a mesa.

— Oh! não, não. Não vou, não posso.

— Não consinto. Parece mal, lhe disse o barão com aspereza.

— Não me é possivel, não tenho forças para tanto. Já fiz mais do que podia fazer.

— Mais do que devias fazer! Que mysterio é esse? Que mais fizeste do que devias?

— Em receber essa dama, disse Branca fixando os olhos turvos no marido como pedindo elemencia.

— Maria Valdez?!

— Sim.

— Pois não é tua amiga?! Não é tua companheira do paço? Ah! aqui anda algum mysterio! disse o barão sacudindo a cabeça como o leão sacudiria a juba.

— Perdão, perdão! exclamou Branca curvando-se atterrada e humilde.

— Perdão de quê?! Vamos. Conta-me tudo.

— Maria Valdez era minha companheira do paço, mas era minha inimiga, era minha rival, disse a pobre senhora em ancias crueis. Amava o homem que me amava a mim. Até me chegou a raptar e prender-me para elle não me ver mais. [1] A rainha expulsou-a, esse cavalleiro odeia-a, e ella entendendo que é por minha causa que a despresa, vem aqui para me torturar, porque é má, porque é perversa.

[1] Vide *Fidalgos do Coracão de Ouro.*

— Eu não sabia isso! disse o barão espantado.

— É uma verdade, e qualquer pessoa do paço te poderá dizer que é.

— É boa! seguiu o barão achando graça á aventura que tanto realce cavalheiresco dava á donzella que o enleara nos olhos de esmeralda.

— Se chorei, seguiu Branca, se não pude conter as lagrimas, é porque procurando eu, desde que sou tua esposa, viver em paz e harmonia comtigo, o que tenho conseguido, ella me disse que vinha aqui de proposito para se consolar do seu infortunio com o que me trouxesse ou galanteando-te ou descompondo-te commigo. E eu presinto o que vou soffrer. Conheço-a e sei o que são os homens.

O barão sorriu-se.

— Ah! sorris-te! Ahi está a minha condemnação. Ella já te domina.

— Branca, nada de criancices. Eu sei occupar o meu logar, e sei respeitar o teu. De galanteios não tenhas medo. E de intrigas eu não acredito senão o que vejo. Não queres vir á mesa? Não venhas. Eu direi que te achaste encommodada. Socega. Estás muito nervosa. Adeus. Até logo.

O barão saíu sorrindo-se dos receios da esposa e com mais esperança de possuir Valdez.

Branca quando o viu saír com aquelle sorriso de pronunciado cinismo, caíu n'um coxim e exclamou:

«Estou perdida! O barão será escravo d'ella e eu soffrerei vergonhas e martyrios incriveis. Ah! que terrivel vingança!

—Mas de que se quer ella vingar? perguntou Pepa participando das afflicções de sua ama.

Branca não respondeu. O seu segredo devia morrer com ella.

Depois de pensar muito tempo apertou as mãos da criada em convulsão terrivel, e disse-lhe n'um tom resoluto e energico:

—És minha amiga, Pepa?

—Oh! minha senhora, pois não sou.

—És capaz de fazeres um sacrificio por mim?

—Sacrifico a propria vida se fôr necessario.

—Se eu fugisse do castello acampanhavas-me?

—Acompanhava.

—Se eu fôsse para uma terra estrangeira ias commigo?

—Ia, minha senhora.

—Talvez que tenhamos de fugir dentro de trez dias.

—Mas como?!

—Eu pensarei n'isso. A rainha de Portugal é minha amiga, ella me protegerá. O rendeiro João dá a vida por mim, elle me acompanhará a Portugal.

—Mas pela porta não podemos fugir, sr.ª baroneza.

— Acompanhal-a-hei, minha senhora.

— Bem. É a resolução que tomarei se essa mulher realisar a sua vingança. Obrigada, Pepa. Logo que o rendeiro venha ao castello, dize-lhe que lhe quero falar. Deus ainda está comnosco. Elle não abandona os fracos e os humildes.

E Branca socegou com esta idéa salutar. D. Catharina estimava-a, e de certo a protegeria.

XVI

O JANTAR

No castello de um grande senhor que não estivesse empenhado como o barão e sobre o empenho não gozasse a triste fama de seductor e duelista, um jantar de caçada e a mesma caçada chamariam toda a visinhança, e mereceriam uma chronica que os lembrasse aos vindouros.

Mas nenhum visinho olhava para o barão com bons olhos, o seu modo de proceder alheava sympathias, era livre, soberbo e feroz, e o casamento com Branca e a reclusão d'esta levantaram rumores que afastavam toda a gente.

Á caçada só concorreram cinco pessoas, quatro mancebos descuidosos para quem o barão era um modelo, e um velho caçador, folgasão como um rapaz, que fôra modelo do barão.

Já se vê pelos convivas que o jantar devia ser alegre, que o festim devia ser ruidoso tanto pelo descomedimento do espirito como pela incontinencia do estomago.

O que podia acontecer é que a baroneza com a sua melancholia habitual, o seu semblante triste, o seu sorriso de conformação pezasse em todos os animos pela defferencia que tivessem para com ella; mas logo que se levantasse a desforra seria completa, o jantar tomaria ao postre as feições baltasarianas.

Ora como sabemos a baroneza não podia apparecer, não queria nem devia, era sacrificio e indignidade jantar com Valdez depois d'aquella ameaça. Levou esta noticia aos caçadores o proprio barão, dizendo-lhes que Branca tivera um dos seus deliquios que por dois ou mais dias a obrigavam a estar de cama.

A alegria foi geral, iam ficar á sua vontade, nenhuma etiqueta os podia estorvar.

A dama que encontraram á entrada do castello não podia ser uma dama de cerimonia, e era muito provavel que jantasse com a sua amiga.

E quando jantasse com elles, o desembaraço, a

liberdade em que vivia, os gestos, os modos varonis no montar, no andar, no falar, tudo indicava que se era uma senhora de qualidade tinha muito de aventureira, e se fosse aventureira que seria a rainha da festa.

Além d'isto os seus olhos de esmeralda exaltavam a imaginação, as suas fórmas d'estatua grega incendiavam os sentidos, e quando se ateiam estes incendios o proprio incendiario é deslumbrado, cegam-n'o, estonteiam-n'o as chammas, e a catastrophe fere a todos.

Estimavam até que Valdez viesse. Quem sabia a qual d'elles estava reservada aquella conquista romanesca!

Voltando á sala de recepção o barão deu o braço a Valdez e conduzio-a á sala da mesa. Não lhe falou em Branca, ella tambem não o interrogou.

Cheio de si e da sua futura conquista o barão annelava o bigode nos dedos, levantava a cabeça orgulhosa, firmava o pé com elegancia, isto em quanto passou a galeria; porque ao entrar na sala, onde já estavam os caçadores, o seu semblante carregou-se de uma nuvem de ameaça, a cabeça inclinou-se um pouco sobre o peito, o bigode em vez de o annelar retorcia-o estendendo horisontalmente as guias descommunaes.

Os caçadores olharam uns para os outros, sorrindo-se do despotismo do barão, mas aquillo era

natural n'elle. Logo que désse o braço a uma dama, o leão apparecia na sua soberba magestosa, não sacudindo o juba, mas retorcendo as guias.

Valdez não reparou em nada. Ainda não sabia de Vasco, não o sentira, não ouvira falar d'elle, e o seu pensamento não podia desviar-se d'esse objecto.

Quando entrou na sala notou-se-lhe um gesto de desespero no momento em que olhou para todos; não vira o cavalleiro; mas logo em seguida um leve sorriso lhe desfranzio os labios, um tom suave se lhe espalhou nos olhos. Olhando para a mesa contou os talheres e notou que alem da baroneza faltava mais alguem. O director viu isto.

O escudeiro tinha posto onze talheres contando com Vasco.

Podia ser elle, entendeu Valdez, que não tivesse chegado ainda, que viesse mais tarde, que se demorasse por qualquer circumstancia.

Sentando Valdez ao lado d'elle o barão mandou servir o jantar.

A mesa estava vistosa. Parecia um jardim na disposição dos ornatos, das jarras, das fructas e das flores. Tinha roupas da India e louças do Japão, e a riqueza e o lavor das pratas rivalisavam com as mais primorosas da epoca.

No meio da mesa erguia-se o que os nossos antigos chamavam *triumpho*. Era um castello de alcorce, com bandeiras, festões e grinaldas.

As lebres, os coelhos, as perdizes, um cabrito a uma cabeceira, uma pá de porco a outra, em salvas de prata, bem como as fructas em açafates de prata arrendada, cobriam a mesa dando pouco logar ás garrafas de christal em que os vinhos de Portugal e de Hespanha mostravam os topazios e os rubis do seu licor precioso.

Além d'estes cosinhados succulentos havia para os paladares mais exquisitos, marisco, achar, conservas, manjar branco e requeijão folhado.

Servida a sopa que era de linguas de porco, com olhos de alface e chicoria, apimentada a pellar, durante o serviço da qual ninguem deu uma palavra, o barão para não perder um gesto de Valdez, para estar prompto a satisfazer-lhe o menor capricho, mandou ao mordomo e ao capellão, um que trinchasse o cabrito, outro que cortasse o presunto.

— O teu cosinheiro é admiravel, barão, disse o director. A sopa estava deliciosa.

— O cosinheiro está velho, meu amigo, mas tem bom paladar e sabe do seu officio.

— Tenho pena que D. Pedro d'Ulme não esteja presente, seguiu o director com os olhos em Valdez. Queria ver o homem que não apreciava guisados, não gostava de fricassés, nem de sopas exquisitas, se lambia ou não o beiço com esta sopa de linguas.

— D. Pedro d'Ulme era poeta ao que me parece,

disse outro caçador. Não gostava de nada. Os poetas só gostam de si.

— Que era poeta vê-se até na maneira porque se foi embora, veiu um terceiro.

— D. Pedro era triste, mais nada, disse o barão. Vivi intimamente com elle oito dias, e poude observal-o bem.

Valdez ouvia tudo com excessiva attenção e olhava constantemente para o logar devoluto. Desconfiou que era Vasco esse D. Pedro d'Ulme de quem falavam, e cuja saída se tornou reparada ou pela precipitação ou pela excentricidade.

O director vio isto. Tão experimentado na caça como no galanteio desconfiou de Valdez.

Quem era ella que assim vinha ao castello visitar a baroneza, ella a cuja chegada a baroneza adoecia e D. Pedro fugia, e tanto olhava para um logar onde o fidalgo devia estar sentado?

Suspeitando uma aventura amorosa e aventura muito enredada, não só para se esclarecer senão tambem para intrigar o barão com D. Pedro e com Valdez, disse a este com intenção clarissima:

— Não gosto de rapazes tristes. Provam sempre mal. Quando vejo algum desconfio logo d'elle. D. Pedro era mysterioso.

O barão olhou para o director, mas não encontrou os olhos d'elle. Este porém descobriu-lhe o movimento, e continuou para o intrigar d'outro modo:

— Ora o que devemos confessar é que D. Pedro é um rapaz perfeito, bem educado... Fala as linguas, joga bem as armas, monta admiravelmente a cavallo... Tu não o conhecias, barão?

— Conheci-o aqui.

— Adoeceu no caminho e veio pedir-te hospitalidade.

— Ia para Sevilha.

— Para Sevilha pela raia! Bem diz o nosso amigo que o homem é poeta. Andava a estudar costumes, ou á cata de aventuras com os ciganos e os contrabandistas.

O barão tornou a olhar para o director, mas então com sobresenho; julgou que tambem houvesse desconfiado de alguma coisa, como elle proprio desconfiara e o seu visinho com quem tivera a pendencia de que falámos, e disse para cortar a conversação:

— Falemos dos presentes. Come esta talhada de presunto que é montanhez legitimo. D. Pedro já não é nosso, e decerto não o tornamos a ver. Além d'isto preside uma dama á nossa festa. A ella, sómente a ella, todas as homenagens, todos os respeitos, todas as attenções. Quem fizer o contrario offende-me.

— Bem, disse o director, sejamos olhos, coração e pensamento para a sr.ª D. Maria Valdez.

— O coração dispensa-o a todos com certeza. Olhos e pensamento é bastante.

— Decida a illustre dama, teimou o director. O coração de que falo é o que venera e adora, e não o que ama. Decerto que dispensa o amor de nós todos e principalmente o meu.

— Se me permittem, disse Valdez, porei de parte essa questão e voltarei ao primeiro assumpto. Desejo saber quem é esse fidalgo, de quem se tem occupado com demasiado interesse.

— Eu vos conto, lhe disse o barão. É um fidalgo leonez, que entrou casualmente no castello, e a quem eu não deixei partir, como faço a todo o hospede que me cae nas unhas. Vivo muito só e gosto de quem me faça companhia.

— Em que dia veio?

— Domingo passado.

Valdez suspendeu-se um pouco e seguiu:

— E foi-se hoje embora?

— Ha pouco. Andavamos á caça. Demos-lhe a saída principal para a guardar, e o patife deixou lá um pagem, que o encontrou casualmente no caminho com uma carta de uma tia de Sevilha, e não houve ninguem que tivesse mão n'elle.

— Para onde dava a tal saída?

— Para a estrada de Barrancos.

Valdez empallideceu. Logo viu que Vasco a conhecera na estrada e lhe fugira como fizera na Carriã.

O barão viu-a empallidecer e abysmou os seus olhos negros no rosto pallido d'ella.

Valdez continuou apparentando serenidade:

— Que feições tinha o leonez?

O barão ficou suspenso. Valdez particularisava muito. Elle já havia desconfiado de Vasco, e ás suas desconfianças juntavam-se a confissão de Branca e o mysterio da visita. Entendeu que D. Pedro era o amante das duas.

Como o barão não respondia, respondeu o director pausada e intencionalmente:

— As suas feições eram admiraveis. Ha muito tempo que não vejo um mancebo tão formoso. Tinha os olhos castanhos, meigos e mysteriosos. Uns olhos que só por si seduzem uma dama. Oh! e quantas terá elle seduzido! Aquella tristeza quem sabe se será um remorso! Eu se fosse mulher confesso a minha fraqueza, declarava-me rendido aos seus encantos.

— A sua figura não era regular? insisistiu Valdez, e a barba e o cabello louro-escuros?

— Isso mesmo, respondeu o director.

— Oh! exclamou o barão, que grande interesse não mostraes por elle! Por acaso o conheceis?

— Vi-o na estrada, disse ella com indifferença. Conheço-o ha muito tempo. Esse cavalleiro é portuguez. Frequentava o paço de D. Catharina de Austria. Lá o vi muitas vezes.

O barão saltou na cadeira, passou a mão pela testa ardente, e perguntou-lhe desorientado sem a menor attenção para com ella que era uma dama, que era sua hospeda:

— Agora sou eu que pergunto: Era portuguez o cavalleiro que disse ser de Leão? O seu nome?

N'aquelle momento o barão lembrou-se do nome de Vasco que Branca tinha dado uma noite ao fidalgo.

— O seu nome?! observou Valdez. Oh! Pois não se chama D. Pedro d'Ulme?!

— Quando o vistes no paço?

Valdez deu-lhe uma gargalhada significando que o entendia, e procurando desfazer as suspeitas que ainda não era tempo de avivar. Guardava essa tarefa para mais tarde.

Caíndo um pouco em si o barão começou a rir-se como quem achasse graça a uma brincadeira, e disfarçou ainda mais a impressão que devia ter causado o seu excesso, dizendo como um verdadeiro folião:

— Ao manjar, ao requeijão, e ao bello vinho de Malaga. Comece a verdadeira alegria. Uma saude á nossa rainha.

Todos saudaram Valdez e ella correspondeu graciosamente.

Valdez acabava de saber o que lhe convinha. Era claro que Vasco estivera no castello desde do-

mingo até o dia da caçada. Não podia ser outro o fidalgo de olhos castanhos, triste, esbelto, a quem o director chamara mysterioso, e de quem o barão concebera desconfianças como provou pela pergunta e no modo porque a fizera.

Tinha portanto a terrivel inimiga os elementos necessarios para começar o assalto, assalto sanguinolento em que o sitiado se renderia á discrição.

Continuando o jantar continuaram as saudes, os cerebros foram-se aquecendo, a palavra tornando-se facil, e D. Pedro d'Ulme e a sua esbelta figura desappareceram a pouco e pouco nas nevoas do Malaga e do Xerez.

A palestra generalisou-se, animada e equivoca, dividiram-se os convivas em grupos, ficando o barão só com Valdez n'um colloquio amoroso em que aquelle chammejava, e esta fingia chammejar.

Do seu quarto Branca ouvia o tinir dos copos, sentia o ruido dos brindes, e cada um d'estes sons era um annuncio doloroso de uma offensa e de uma oppressão que não poderia supportar.

Era de fé para ella que Valdez captivaria o barão, que faria d'elle um escravo, e leval-o-ia a commetter as maiores atrocidades para conseguir pela tortura que ella pezasse com toda a sua angustia no animo do fidalgo.

O jantar prolongou-se até ás quatro horas, a

tarde passaram-n'a no jardim, e á noite effectuou-se um serão em que se dançou a pavana e a chacota n'um estrepito e n'uma folia como não presenciara o castello em cinco seculos que contava.

Depois do serão os convidados sairam, e curiosos foram os commentarios que fizeram á visita de Valdez, á fugida de Vasco, á doença repentina da baroneza, profetisando a esta dias de lagrimas, horas de terriveis angustias, porque julgaram Valdez uma aventureira e tinham pleno conhecimento dos sentimentos do barão.

Logo que sairam os convídados, Valdez recolheu-se ao seu quarto, onde a esperavam duas criadas que o barão lhe tinha dado para o seu serviço, e o barão recolheu-se aos seus aposentos meio allucinado por aquelles olhos verdes que se lhe reproduziam em toda a parte.

Assim terminou a festa, bem triste, bem dolorosa para Branca. E mais triste ainda, de receios pungentes, de ancias cruelissimas para Vasco de Mendonça que nas trevas da noite, do fundo da encosta do castello, interrogava os sons que vinham d'aquella casa pavorosa, e todas as luzes que brilhavam como pirilampos n'esta ou n'aquella ogiva.

Não era só o amor que o pregava áquelle solo arido e triste, era tambem a dedicação, a necessidade de salvar Branca, o dever de protecção

áquella que podia ser victima da propria posição em que elle mesmo a collocara.

Desgraçado do homem que tem a loucura de amar uma mulher casada! Contrae obrigações que são crimes, e pratíca crimes que são virtudes.

XVII

DEDICAÇÃO

O barão passou mal a noite. Os olhos de Valdez appareciam-lhe no travesseiro, vagueavam-lhe pelo quarto, dizendo-lhe mil segredos, promettendo-lhe mil prazeres, e só alta noite é que lhe deixaram conciliar o somno.

O barão estava apaixonado, e a sua paixão provinha mais da frieza que instinctivamente conhecia na donzella, que do proprio interesse que o exaltava áquelle ponto.

Conhecer conscientemente os sentimentos da mulher, e jogar com elles com prudencia e arte, não era para aquelle traga-mouros em quem dominavam como no selvagem as forças primitivas da alma, e não a rasão e o affecto cuja alliança é um poder maravilhoso.

Valdez tambem não passara a noite socegada, porque pensara muito em Vasco, pensara muito em Branca, e receiava não tirar resultados do seu trama perverso, obtendo apenas martyrisar a inimiga sem conseguir aproximar-se do cavalleiro.

Mas era preciso fazer alguma coisa. Tanto Vasco como Branca zellavam muito a sua honra e a sua dignidade; ella Valdez era legalmente credora do fidalgo, que embora o odiasse lhe devia muito; por tanto entre a espada e a parede, entre o martyrio e a abnegação a baroneza, e o cavalleiro entre a deshonra e o dever, deviam naturalmente dar-lhe a mão de amigos, nobilitando-a e fugindo de se aviltarem.

Mas quem sabe o que elles fariam? O odio de Vasco não venceria n'elle o aviltamento do nome? Não daria a Branca forças para todos os martyrios e para todas as degradações o amor que consagrava ao cavalleiro?

Assim podia ser, mas ella não havia de cruzar os braços.

Adormecendo teve um sonho terrivel. Vio o castello embandeirado, a artilharia troando, folias no terreiro, e na capella toda illuminada e recendendo aromas, o capellão, aquelle mesmo capellão com quem jantara á mesa, lançando as bençãos nupciaes a Branca e Vasco.

Acordou sobresaltada e não dormio mais. Era

manhã. Entrava a luz pelas fendas da janella, tibia e frouxa, e ouviam-se fóra os pios incertos das aves que aguardavam o nascimento do sol.

Levantou-se. Era-lhe preciso justificar a sua demora no castello, e pensou n'isso.

Um meio lhe appareceu logo. Nunca faltam meios para a realisação de uma idéa má. Para praticar uma obra de caridade faltam ás vezes ao engenho mais feliz.

Vestindo-se, escreveu uma carta, lacrou-a, isto é: fechou-a com cera composta para esse fim, e chamou o pagem.

—Vaes sair.

—Sim, minha senhora, lhe disse o criado mais obediente que um captivo, porque a sua obediencia representava um capital.

—Levas esta carta a Moura e tornas-m'a a trazer.

—Cumprirei as vossas ordens.

—Aqui tens dinheiro. Mas parte depois que o barão estiver a pé, de fórma que te veja. Procura passar por elle para te interrogar.

O pagem cumprio á risca as ordens de sua ama, e depois do almoço partiu para Moura. Andando bem não podia estar no castello senão ao anoitecer.

Durante esse dia Valdez havia de pôr em execução a primeira parte do seu plano.

O barão soube logo onde ia o criado, e deu gra-

ças á circumstancia, fosse ella qual fosse, que lhe dava mais um dia para galantear a hospeda.

— Já sei, lhe disse elle ao almoço, deitando-lhe assucar na taça de leite em que ella migava biscoutos, já sei que mandastes o vosso pagem a Moura, e que de certo não deixaes o meu castello antes de elle voltar.

— Com certeza se permittis que eu espere em vossa casa a resposta da minha carta.

— Oh! esta casa é vossa, não é minha. Esperae, ficae, vinde quando quizerdes... O que sinto é a falta de distracções para vos entreter. A não ser algum passeio...

— Sim, disse ella rapidamente. Vamos passear. A cavallo. Vamos correr por esses campos.

— Apoiado. Uma carreira longa, a galope largo. Tenho dois cavallos corredores. Um é bravo, outro castiço. Qual preferes?

— É-me indifferente.

— Bem. Vou mandal-os aparelhar.

— E a baroneza? perguntou Valdez. Não nos quererá acompanhar?

— Que pergunta a vossa! A baroneza a acompanhar-nos! Parece que a não conheceis! disse elle estimulado subitamente pela curiosidade de se certificar do que lhe dissera Branca ácerca de Valdez e da relação que tinha a sua vinda com a saída de D. Pedro.

Valdez percebeu-o e mudou de assumpto com a pergunta que devia ter feito primeiro:

— Como se acha hoje? Não está melhor? Ainda não tive occasião de o mandar saber.

— Diz que está doente. Se está ou não é lá com ella. Vamos ao nosso passeio.

E dando-lhe o braço conduziu-a ao quarto para mudar de roupa, e logo entrou nos d'elle para fazer o mesmo.

D'ahi a meia hora o barão e Valdez montavam nos dois cavallos corredores, e risonhos, alegres, mirando-se ternamente, iam como dois amantes que em breve consagrassem em matrimonio.

Valdez mais bella do que nunca. Vestia saia flamenga de setim golpeada, com pontinhas de ouro em todos os golpes, cinto de ouro esmaltado de branco e preto, gorgeira d'ouro, arrecadas com perolas, gorra de velludo com pluma branca.

O barão trajava gibão rocho, aberto por diante, todo picado, calças golpeadas da mesma côr, pluma preta, talabarte de velludo vermelho, espada lavrada de ouro e azul, adaga do mesmo lavor.

Os criados no terreiro e as criadas na galeria olhavam para este par, uns deslumbrados e orgulhosos de terem por senhor um homem que vestia fatos tão ricos, montava cavallos tão bellos, e namorava damas tão formosas, e outros espantados da impudencia com que elle, na presença de sua

esposa, que chorava e se affligia, proclamava sua amante a hospeda ruiva galanteando-a sem o menor rebuço.

Os cavalleiros sairam em pia-fés e torcicolos, passaram a ponte, e desceram a encosta.

Previnida por Pepa a baroneza correu á janella e viu o par venturoso a trote largo pela encosta do castello, fluctuantes as plumas, brilhantes as roupas, sós, sem um pagem, e de certo em direcção de algum ponto onde não houvesse testemunha que os peturbasse nos seus enlevos.

Que manhã, que passeio, que esperanças, que ditosas esperanças para o barão que ignorava o fim de Valdez, e que alegria, que satisfação para ella que ia exaltando a imaginação d'este homem e tornando-o a pouco e pouco instrumento cego do interesse e vingança!

E não era só Valdez que conspirava contra Branca. O dia tinha-se ligado com ella. Estava um d'estes dias feiticeiros que expandem o coração e arrebatam o pensamento.

O ceu purissimo, o sol brilhante, doce, a aragem lasciva, sem flores a terra, risonha porém na sua formosura meridional.

« Ide, disse Branca, eu tambem irei.

— Pepa, seguiu ella, manda chamar o rendeiro João. Que me venha falar. Mas quem fôr que guarde segredo do que vae fazer, e o rendeiro

que entre como se não fosse chamado por mim.

Pepa saiu e d'ahi a pouco o rendeiro appareceu no castello em procura do mordomo.

Falou com elle alguns minutos e disse depois que queria ver a senhora baroneza.

Era este o costume do bom rendeiro. Amara a sua senhora desde que a vira, chamava-lhe o anjo do castello, e por vezes lhe manifestara tal respeito e tal devoção, que ella tinha direito a esperar d'este homem o sacrificio da propria vida.

O rendeiro teria cincoenta annos, era trabalhador, dedicado, e amigo antigo da familia. Os paes do barão ouviram muitas vezes o seu conselho em pleitos e em questões domesticas; e quando morreram recommendaram-lhe muito o filho.

Tudo concorria n'elle para se lhe confiar um segredo, e para se lhe exigir um grande serviço.

Recebendo-o no seu gabinete, Branca disse-lhe:

— João, mandei-te chamar porque preciso de ti.

— Oh! senhora baroneza, eu aqui estou, exclamou o bom velho.

— Desde que cheguei ao castello mostraste por mim a maior sympathia, e testemunhaste-me o maior respeito que se póde abrigar no coração de um bom servidor.

— É assim, minha senhora.

— E porquê? Sabes o motivo d'esse respeito e d'essa sympathia?

—Por tudo, senhora baroneza. Sois um anjo, formosa como elles, boa como elles.

—Mas não o sabieis quando me viste.

—A gente olha para a cara das pessoas e logo as conhece. E eu não me enganei. Estou velho e tenho pratica do mundo.

—Mas depois que vim, passado algum tempo, quando me visitavas não era com a tua cara alegre dos primeiros dias. Vinhas triste e despedias-te quasi sempre com as lagrimas nos olhos. Porque era?

O velho rendeiro deu um suspiro e os olhos humedeceram-se-lhe.

« Vês, seguiu Branca. Ahi estás com os olhos humidos. Tu que adivinhas, João? Que sentes tu?

—E a senhora baroneza, observou o velho, porque me diz essas palavras tambem com uma tristeza que se vê que é do fundo da alma?

Branca ficou suffocada e quiz conter as lagrimas, mas não pôde.

—Ahi está, seguiu o rendeiro. Vós soffreis muito e abafaes comvòsco esse soffrimento. Dizei, minha senhora, dizei o que vos afflige. Sou um rustico, ando com estas roupas de jornaleiro, mas tenho alma, tenho coração, e não saberei consolar desgraçados, mas sei chorar com elles. Oh! quando eu choro as minhas lagrimas são abençoadas, porque são santas.

— Eu não sou desgraçada, João.

— Sois desgraçada e muito, minha boa senhora, disse o rendeiro fitando-a com firmeza. A vossa infelicidade principiou com o casamento. Tenho observado tudo, e se não sei a verdade, adivinho-a. E vós que me mandastes chamar, hoje, depois do que se passou hontem, agora depois da offensa que acabaes de receber, é porque já não podeis supportar os desgostos, e quereis alguma coisa do pobre velho, que bem deveis saber, dá a ultima gota de sangue pela sua senhora.

— Quero, quero, disse Branca com mais confiança e mais segura da dedicação do rendeiro.

— Pois eu aqui estou, senhora baroneza. Não valho nada, mas o que eu poder fazer para vosso bem...

— Pódes fazer muito. Sabes alguma coisa do que se passa; já te contaram o que succedeu agora mesmo. Avalia bem a attribulação da minha alma.

— Hontem, disse o rendeiro, estava á porta do castello quando chegaram os caçadores. Vi no meio d'elles aquella dama ruiva. Não gostei d'ella nem da sua vinda ao castello. Soube depois que vinha visitar-vos, que era portugueza, e que a acompanhava um pagem unicamente. Peor. Conheço bem o meu senhor, e logo futurei alguma desgraça.

— E que julgas de tudo isto?

— Que hei de julgar, minha senhora? Que ten-

des de padecer muitos ultrages e muitas offensas que vos hão de ferir muito mais...

O rendeiro suspendeu-se. Não tinha confiança para ir tão longe como desejava.

— Fala, fala, lhe disse a baroneza com interesse.

— Eu quero dizer, seguiu o rendeiro, que é necessario muito amor a um homem para a esposa soffrer com paciencia a infidelidade e o despreso. E vós, minha senhora, casastes violentada e apenas respeitaes vosso marido. Mas esse respeito tem um termo, e o termo marcou-o elle acompanhando essa dama, vivendo desde hontem para ella, galanteando-a diante dos servos sem attenção para com o anjo que escravisou aos seus caprichos.

— E que devo fazer? Que me aconselhas? Tens a prudencia da edade, és o rendeiro mais antigo da casa, todos te respeitam e consideram. O teu conselho foi sempre ouvido pelos paes do barão. Sei que foram teus amigos e te confiaram segredos de familia.

— Devo a suas senhorias essas obrigações. Ás vezes aconselhei, mas n'este caso o meu coração pensa, mas a minha bocca não fala. Deus vos inspire, senhora baroneza. Nossa Senhora vos guie, que ella é mãe dos afflictos.

— Eu chamei-te, João, para me protegeres. E já que me não aconselhas protege-me.

— Disponha de mim, senhora baroneza.

— Em vista do que se passa resolvi saír do castello, abandonar meu marido, e deixal-o livremente com as suas amantes.

— Ides então para algum convento?

— Não, por emquanto não, mas talvez assim venha a acontecer. Quero ir a Portugal, falar com a minha rainha e senhora, e pedir-lhe protecção. Se eu fosse para um convento elle me arrancaria de lá, e do paço não o consegue de certo. Aprovas?

— Porque não hei de aprovar? A vossa dignidade é que vos aconselha. Andaes com prudencia.

— Mas eu quero partir hoje mesmo.

— E como?

— Ás dez horas da noite terás quatro cavallos no pomar, dois para mim e os outros para dois homens que arranjarás para me acompanharem.

— Ás dez horas lá estarão, senhora baroneza. Mas se vos vêem sair?

— Saio pela janella. Está tudo combinado com Pepa. A janella é baixa. Tu me trarás uma escada de mão.

— Acompanha-vos a vossa aia?

— Acompanha.

— Pois, minha senhora, eu não vos aconselhei, mas aprovo a vossa resolução.

— Aprovas e não sabes ainda quem é essa dama que appareceu no castello!

— O que é dil-o bem nas suas acções.

— Agora, João, ainda tenho a pedir-te outro favor. Tu ficas. Ámanhã o barão ha de querer saber de mim. Sabendo segue-me. Diz-lhe que tomei o caminho de Merida ou d'outro qualquer ponto.

— Tudo se arranjará.

— Depois de eu partir tira da janella a escada

— Eu o farei, minha senhora.

— E agora dize-me adeus, João. Levo saudades de ti. És meu amigo, e talvez sacrifiques os teus interesses por minha causa.

— Se sacrificasse, tinha muito gosto n'isso. Ide com Nossa Senhora. Ás onze horas os cavallos esperarão por vós.

— Apparece logo. Será bom que me acompanhes até á raia.

— Appareço, minha senhora, appareço, minha santa, seguiu elle com a voz embargada.

E tomando-lhe a mão beijou-lh'a ajoelhando aos pés do anjo que elle venerava com o extremo de um pae, e com a devoção de um crente.

Branca deixou caír duas lagrimas sobre a fronte encanecida do velho, e apertou-lhe a mão com reconhecimento e com affecto.

Estava salva ou julgava-se salva. Vasco mesmo

não saberia d'ella. Mas contava com o perdão do amante, e mais ainda, com a aprovação do que fazia sem lhe dar parte, evitando-o, fugindo-lhe tambem, porque n'essa fugida zelava a honra de ambos.

Desgraçada! Pobre victima do despotismo!

XVIII

NAS RUINAS DO CASTELLO

O barão e Valdez desceram a encosta e em breve desappareceram por detraz do outeiro que se erguia escalvado entre Barrancos e La Puebla.

—Onde vamos? disse Valdez.

—Não quereis uma planicie para correr?

—Sim. Ha alguma perto?

—Passando a raia. E podemos, se gostaes de ruinas, ir a um castello onde dizem haver phantasmas, mouras encantadas, nemures, abijões, lobishomens, tudo que a phantasia d'esta gente criou para se divertirem aos serões.

—Vamos.

—Não tendes medo?

Valdez sorriu-se.

— E se fosse de noite?

— Conforme. Sendo-me preciso ia.

— Então entraes! Subis ao castello!

— E não ha quem entre?

— Eu ou outra qualquer pessoa com a rasão esclarecida, e mais ninguem. O povo não. E se tiverdes essa coragem sereis a primeira dama que contará tal aventura.

— Vamos ao castello. Gosto de tudo que é extraordinario.

No rosto do barão brilhou um relampago de alegria que não passou despercebido a Valdez. O castello com as suas ruinas, as ruinas no meio do deserto, tudo exaltava a imaginação d'aquelle homem.

Se ia alegre, se ia expansivo, essa alegria turvou-se um pouco, essa expansão diminuiu bastante. Uma convulsão geral lhe abalou todo o corpo.

Passando a raia entraram na planicie, e ao longe, recortado no horisonte, avistaram o castello, que parecia ainda como no tempo dos arabes, uma sentinella de granito vigiando o christão.

— Lá está o alfobre dos duendes, disse o barão apontando para a torre.

— Ah! e que bella planice! exclamou Valdez erguendo-se na sela e preparando-se para uma carreira vertiginosa. Quereis correr o pareo, barão?

— Qual é a meta?

— O castello.

— Que premio ganha o que chegar lá primeiro?

— Vós conheceis os cavallos, e eu não, por isso não aposto.

— A fé de cavalleiro que correm parelhas. Tem a mesma velocidade.

Valdez pensou um pouco e disse depois com um sorriso feiticeiro que produziu no barão um estremecimento geral.

— O que chegar depois terá a pena de ficar uma hora dentro da torre só ou acompanhado do que chegar primeiro.

— Oh, exclamou o seductor, propondes um premio de tal ordem, de tanto valor e tanta importancia para mim, que eu vou arrebentar o cavallo para vos ter prisioneira uma hora.

— E se fôrdes vós o prisioneiro?

— Será uma fatalidade para mim. Vós não me fareis companhia.

— Não, com certeza.

— Então morro lá de saudade, de desespero, gritando contra a minha sorte, contra a desdita mais negra d'este mundo.

— Mas apesar da contingencia acceitaes?

— Não acceitar seria cobardia e frieza, e eu pelo prazer de vos contemplar uma hora, n'aquelle deserto, entre aquellas paredes derrocadas d'aquella

torre, arriscaria tudo que possuo, arriscaria a propria vida.

—Então vamos. Dae o signal. A planicie tem meia legua. Em dez minutos tereis o desgosto de ver do alto da torre como eu volto socegadamente para traz.

—Ou eu o supremo prazer de estar ao pé de vós declarando que vos amo, com a paixão violenta de um selvagem, mas com o respeito devido a uma dama.

—Dae o signal, que estou impaciente.

O barão deu o signal e ambos partiram a toda a brida.

O cavallo que Valdez montava era mais veloz, ia mais leve, e parecia orgulhoso da cavalleira cuja voz o animava com aquelle som argentino que ha de eternamente impressionar todos os entes racionaes ou não.

A meio da planicie adiantou-se ao barão, ganhou-lhe duas ou tres braças de terreno, e promettia chegar muito antes á metta, deixando o competidor n'um desespero horroroso.

Purpurino, offegante, com as esporas enterradas nos ilhaes do cavallo, o barão no meio do seu desespero via Valdez apenas como uma sombra, olhava para ella como um demonio cuja missão fosse tortural-o, blasfemava comsigo mesmo, arrepelava-se, chicotava o cavallo pela anca, pela barriga,

pelo peito, pela cabeça, mordia-o até, mas Valdez apparecia-lhe sempre na frente ganhando cada vez mais terreno.

A torre a cada passo ia-se vendo mais perto, como uma nuvem negra para o barão que ia cego de colera, porque se não chegasse primeiro Valdez voltaria para traz.

Ella tinha um fim como sabemos, e adiante do barão ria-se do desgraçado que a não comprehendia, do louco que abraçava a nuvem por Juno, e que julgava que ella se lhe entregaria nos braços pelo prazer de contar mais uma aventura.

Avançando sempre chegou finalmente á torre segundos antes que o barão, e estacando o cavallo, disse-lhe simulando satisfação da victoria:

— Ganhei, barão. Estaes condemnado a passar uma hora n'aquella torre solitaria, no meio dos duendes e dos lobis-homens, chorando a vossa derrota e phantasiando castigos para o pesado ginete, que naturalmente é quem ha de pagar todos os vossos desaires.

O barão limpou o suor da testa, esfregou os olhos incendiados que mal o deixavam ver, e fixando Valdez com um sorriso satanico, disse-lhe presa ainda a voz do excesso da fadiga:

— Ganhastes, é verdade. Ficastes victoriosa. Estou vencido. E ai dos vencidos, que serão escravos! Mas a escravidão é uma dôr, é um deses-

pero, esse desespero e essa dôr enlouquecem, e ao louco não se lhe chama escravo, não se lhe exige o tributo da guerra.

— Quereis dizer que não cumpris a pena.

— Não posso.

— Então rasgaes os vossos titulos de cavalleiro.

— Não sei quem sou, porque me não vejo a mim.

Valdez olhou para elle com um sorriso simulado de compaixão, e apeando-se de um salto disse-lhe entre severa e sarcastica:

— Como sois desleal vou dar-vos uma lição para vos lembrar eternamente que um cavalleiro não deve faltar á sua palavra nem estando louco nem em risco de vida. Um fidalgo de raça, nobre, brioso, que presa o seu nome e o dos seus antepassados, morre, endoudece, mas cumpre o que promette. Pertencia-vos ficar na torre uma hora, como me pertenceria a mim se perdesse. Não quereis sugeitar-vos á pena. Vou eu cumpril-a por vós. E como eu tinha tenção de voltar para traz logo que entrasseis, voltae vós para La Puebla que eu vou entreter-me com os duendes.

E dizendo isto subiu os primeiros degraus da torre parando rapidamente e ficando a olhar para elle.

Mas o barão não ouviu o que ella disse. Só a viu, formosa, poetica, com os seus olhos d'esme-

ralda, a sua saia de setim, o seu cinto esmaltado, a sua pluma Branca, uma fada, uma deusa.

Apeou-se e correu em seguimento d'ella.

—Pelo sangue de Christo, exclamou Valdez sempre sorrindo, que sois de uma deslealdade espantosa! Faltaes a tudo! Nem leal, nem generoso! Está perdida a cavallaria!

—Pelo amor de Deus, exclamou o barão meio allucinado, acabemos com brincadeiras. Basta de risos. O riso fica-vos mal, e além de ficar mal offende-me. Nega um sentimento que ambiciono despertar no vosso coração. E se não existe esse sentimento eu quero que elle exista.

Valdez apparentou seriedade, indireitou o corpo e do alto da sua estatura imponente perguntou ao tresvariado:

—A que sentimento vos referis?

—Essa pergunta é ociosa.

—Enganae-vos. Se é ao sentimento do respeito, não é preciso querer, porque existe, ao da amisade póde existir, ao do amor não ha querer que o desperte no coração de uma mulher.

—Hà nas minhas circumstancias, disse o barão com um olhar satanico.

—Que circumstancias?

—Maria, Maria, eu amo-vos, eu endoudeço, eu morro de desespero se me negaes o vosso amor!

—Então fazei as vossas disposições, lhe disse

Valdez n'um tom incrivel de sarcasmo. Confessae-vos a Deus, pedi-lhe perdão dos vossos peccados...

— Oh! não escarneçaes de mim, seguiu o barão subindo mais um degrao, ajoelhando e beijando-lhe a mão fria de neve. Olhae bem para mim e vede como vos amo. Sou um louco, sou um insensato, perdoae-me. A quem ama como eu perdoa-se.

— Pois bem; estaes perdoado. Mas não me torneis a ameaçar nem por gestos, nem por palavras. Ameaçaes uma dama, e isso é indigno. Viemos aqui para ver a torre. Entremos no alcaçar dos duendes.

Valdez subiu as escadas, serena, pausada, senhora absoluta de si, e o barão, aturdido, espantado, seguiu-a medindo os passos pelos d'ella, e principiando a imaginar que aquella mulher era um ente sobrenatural a quem leis diversas das suas governavam e dirigiam.

As escadas terminavam n'um patamar que devia ter ligação com o primeiro sobrado da torre. Mas esse sobrado não existia. Do patamar para as janellas não havia communicação.

Valdez sentou-se no ultimo degrao, como uma filha a quem acompanhasse o pae.

— Ora sentae-vos barão, disse ella com um gesto de confiança que desarmava o homem mais ousado. Temos de passar aqui uma hora, porque eu hei de

cumprir á risca o que prometti. Sentae-vos, e contae-me a historia das fadas e dos duendes cuja habitação invadimos.

—Não vos posso contar nada, disse o barão, de pé, diante d'ella, devorando-a com o olhar, conhecendo-se-lhe no rosto que o sangue começava a refluir-lhe ao coração.

—Oh, então querereis tambem que eu vos entretenha! Acompanho-vos a este deserto, faço-vos uma fineza que dama nenhuma vos faria, vence-vos no pareo, cumpro a vossa sentença e vós sois tão pouco agradecido que não procuraes um meio de eu não esquecer o tempo que passamos aqui? Que saudades e que impressões hei de levar d'estes sitios onde me vejo condemnada ao silencio e aos terrores que o silencio incute?

O barão não respondia, o semblante peturbara-se-lhe, e tornando a pegar na mão de Valdez ia a beijar-lh'a quando ella se levantou.

—Vamo-nos embora, disse Maria procurando descer. Estas ruinas fazem-vos mal. Pareceis-me um duende, um fantasma, mudo, pallido. Não sabia que ereis tão mao conversador. Nem uma dama vos inspira.

—Maria, Maria! exclamou o barão impedindo que ella descesse. Ficae. Para uma hora ainda falta muito.

—Então contaé-me a historia das fadas.

— A historia que vos conto é que vos amo. A historia que vos conto é que estaes só commigo a uma legua de povoado. A historia que vos conto é que sois minha!

— Vossa, eu?! Vossa sendo vós casado?! E Branca, vossa esposa, a quem juraste ser fiel?

— Não faleis de Branca, falae-me de vós. Dizei-me que o meu amor não é completamente despresado.

— Eu não offendo Branca, e não concorria para um cavalleiro manchar a sua honra. Deixae-me descer.

— Não desceis sem me tirar do coração esta incerteza.

— Já vos disse que respeito o vosso nome, e respeitando-o imaginae quanto devo respeitar o meu.

— Mas o respeito, disse o barão completamente transtornado, esse respeito de vós mesma, porque sois mulher, porque sois um ente fraco, precisa de uma garantia, e essa garantia falta-vos aqui.

— Nem aqui nem em parte nenhuma, respondeu Valdez. No povoado garantem'o as leis, no deserto garante-o... sabeis o quê? Fui educada em Africa, seguiu ella com um sorriso diabolico que gelava o barão, fui educada no paiz onde os indigenas envenenam as setas. Meu pae tinha um punhal hervado que mata apenas fira. Esse punhal foi a unica herança que me deixou. Trago-o commigo.

É a garantia do respeito que me deve todo o homem que tenha amor á vida. Agora deixae-me descer e vamos para La Puebla.

Como estatua de granito, adorno da escada em que acabava de ouvir aquellas palavras terriveis, assim ficou o barão pregado á pedra, sem impedir que Valdez descesse, abatido, aterrado, confundido na sua miseria e na sua fraqueza.

Valdez desceu, montou a cavallo, e aproximando-se da escada disse-lhe n'essa voz de reprehensão com que uma dama nos avisa de uma falta:

— Barão, estou á vossa espera.

Como um automato o barão desceu da torre, montou tambem a cavallo, e ao lado de Valdez seguiu mudo e cego o caminho de La Puebla.

Era um somnambulo. Estava vencido, dominado, magnetisado.

Valdez vendo-o assim, disse comsigo:

— É meu. Farei d'elle o que quizer. Ámanhã, se fôr preciso, torturará Branca; e Branca pela sua honra ou pela sua vida me entregará Vasco.

XIX

MEIOS BRANDOS

Desde as ruinas do castello arabe até La Puebla o barão não deu uma palavra a Valdez, Valdez tambem vendo-o sombrio e mudo não o interrogou, mas, em compensação, tanto um como outro meditaram muito, falaram muito comsigo mesmos, cada um no que mais lhe interessava.

Valdez desconfiou que tinha seguido um mau caminho exaltando-lhe rapidamente a sensibilidade sem primeiro lhe adormecer o espirito, deixando-lhe este em toda a liberdade para reagir contra a humilhação.

Pelo modo porque recebera a ameaça de uma defesa imprevista, e não só imprevista, mas tão extranha que tocava as raias do impossivel, e pelo aspecto carregado e colerico que apresentava na volta do passeio em antithese perfeita com a jovialidade que conservara na ida, Valdez quiz concluir que se tinha enganado. Começou a entender que a qualidade essencial do caracter d'elle era o orgulho, e como orgulhoso insoffrido para todos que julgasse seus vassallos, e vingativo para os que lhe negassem vassalagem.

Dois grandes prejuisos portanto acabava de co-

lher com o passeio á torre. O primeiro ter perdido tempo, o segundo ter descoberto o seu plano se a baroneza houvesse dito quem ella era, o que parecia certo pelo que se passara antes de jantar.

Ferido no seu orgulho, esmagado na sua vaidade o barão cotejava as informações que lhe dera a baroneza com o acto que Valdez acabava de praticar. Pareceu-lhe verdade tudo que dissera Branca, entendeu que não mentia o anjo que chorava, porque a esposa era agora para elle um anjo comparada com aquelle demonio; e começando a crer nas palavras de Branca só contestadas pela formosura de Valdez, começou a ver que fôra victima de um trama indigno, por emquanto sem consequencias, mas para o futuro de resultados terriveis.

Por isso meditava, mas ao mesmo tempo não se desprendia da idéa de possuir, e, ainda mais, de esmagar possuindo aquella mulher.

Entrando no castello, sem se importar com o que lhe podessem ler no semblante, não desfranzio a testa nem desassombrou os olhos, e usando para com a hospeda da cortezia que lhe era dada, ajudou-a a apear-se, e dando-lhe o braço conduziu-a ao seu quarto.

Valdez agradeceu com um cumprimento tão delicado como altivo, para reconquistar rapidamente todos os fóros de uma alta dama, para negar todas as intenções que descobrira, e separou-se do barão.

Este tambem entrou nos seus aposentos, e na realidade bastante confuso com as contradicções que observara.

Entrando no quarto Valdez sentou-se, e recopilando todas as observações que lhe sussitara o procedimento d'elle, que como sabemos não eram favoraveis aos terriveis projectos que concebera, por associação lembrou-se que Branca tambem se não deixaria vencer como uma pusilanime, e de certo invidaria alguns esforços para combater a aggressão.

Branca devia contar com amigos, com pessoas dedicadas, com a protecção de Vasco e de algum dos seus terriveis companheiros. Além d'isto tinha uma arma poderosissima, que eram as suas lagrimas.

O plano que se lhe afigurara tão claro, tão facil, tão exequivel, principiava a apparecer-lhe escuro, difficil e impraticavel.

Além d'isto estava só, em uma casa extranha, hospeda de um homem dissoluto e violento a quem exaltou talvez de mais para que trepidasse em praticar uma infamia.

Valdez estremeceu. A febre de reunir todos os elementos para sitiar o coração e a consciencia da rival, tinha passado. Veiu a reflexão, e a reflexão mostrava-lhe que a fatalidade que a perseguia continuava a ser coherente.

Mas ella o que havia de fazer? Cruzar os braços? Isso de maneira nenhuma. A sorte nem sempre havia de ser implacavel para ella.

Depois de passear muito tempo no quarto disse comsigo:

«Voltemos ao principio, ou por outra, comecemos por onde deviamos começar. Usemos primeiramente dos meios brandos. Pedirei a Branca que se empenhe por mim. Ella tem bom coração, talvez os rogos a commovam. Se não se commover ameaçal-a-hei com a denuncia. Não valendo a denuncia ha de valer a minha deshonra, não valendo a deshonra então sepultemo-nos todos. Vou mandar dizer a Branca que lhe quero falar, e logo servir-me-hei de outros meios para subornar o barão. Aquelle espirito é brutalmente altivo, é necessario subjugal-o. Depois de o subjugar, Branca escreverá a Vasco: «Se queres que eu viva desposa Valdez». Vasco me desposará!

Mandando por uma criada dizer a Branca que lhe queria falar, Pepa respondeu que a baroneza se achava mais encommodada e não podia receber ninguem.

«Bem, disse Valdez. Escrever-lhe-hei. Mandàme dizer que não póde ler a carta e não a abre, falarei á criada e dir-lhe-hei as minhas tenções. Levemos assim a cruz ao calvario. A paciencia tambem é precisa para justificar o desespero. Mas

vigiemos Branca, e ganhemos a confiança do barão.

Pouco depois chamaram-n'a para o jantar.

Valdez abriu a porta e viu o barão parado na galeria, esperando para a acompanhar á mesa. Deu-lhe o braço e acompanhou-o.

Durante o jantar a que assistiram apenas o capellão e o mordomo, quasi se não conversou, e tanto Valdez como o barão comeram muito pouco. Olharam, porém, um para o outro repetidas vezes, elle desconfiado e com receio de segundo ludibrio, ella voluptuosa, meiga, ingenua, chamando-o novamente ao laço, mas tão brandamente que ainda que elle conhecesse lhe não podesse fugir.

Depois de jantar, estando sós na sala, disse-lhe Valdez medindo os seus actos pela cortezia e pela graciosa hospedagem que o barão lhe dispensava:

— Antes do jantar mandei saber da baroneza e disse-me a criada que não podia receber ninguem. Sentiria sempre o encommodo de sua senhoria, mas n'esta occasião é para mim de profundo desgosto. Não quero dizer com isto que a vossa companhia não seja extremamente agradavel, Deus me livre de tal. Tendes o espirito dos francezes e a sinceridade dos portuguezes.

O barão ouviu-a, sempre de sobrolho franzido e vista afiada, e observou-lhe depois de se certi-

ficar que tudo quanto ella dissera era falso como ella mesma:

—Terei a sinceridade dos portuguezes e o espirito dos francezes, mas sou castelhano, nobilissima dama.

—E que tem a nacionalidade com os dotes que adquiristes?

—É que sendo castelhano essa graça franceza e essa sinceridade portugueza que me achaes, ha de ser naturalmente filha da vossa fantasia um pouco exaltada, ou da vossa extrema delicadeza. O castelhano é discreto; discerne a verdade do erro, o bem do mal, escolhe com acerto; sabe guardar um segredo, e tem uma reserva prudencial que é bem opposta á franqueza e á sinceridade.

—Barão, perguntou Valdez com extranha meiguice, tendes a bondade de me mostrar o alvo a que atiraes? Creio haver allusão senão nas palavras pelo menos na inflexão que lhes destes.

—D. Maria Valdéz, disse o barão aprumando o corpo e fixando-a com severidade, que juizo formaveis de mim antes de chegar ao meu castello?

—Que juizo?! Nenhum. Não vos conhecia...

—E depois que me conhecestes?

—Que ereis um homem amavel, franco, generoso, respondeu ella combatendo o olhar feroz do interloctor com outro de meiguice incomparavel.

— Sois uma dama perigosa, terrivel! exclamou elle andando a largos passos na longa sala e sacudindo as guias do bigode com desespero.

— Perigosa, eu?! Terrivel?! seguiu ella com o sorriso de enlouquecer amantes. Ah! barão, barão, que sois cruel para mim!

— Quem o póde ser mais do que vós, disse elle parando meio aturdido com a voz, com o gesto, com o pensamento falso ou verdadeiro que exprimiam as palavras da terrivel dama.

— Em quê? meu Deus?

— Esquecestes-vos, disse o barão já enleado e captivo dos seus desejos, do que se passou esta manhã na torre?

— O que se passou! Sois reservado? Eu não sou, e tinha mais razões do que vós para me queixar. Deixemos o passado. O presente é bello ao menos para mim.

O barão estremeceu. Valdez prendera-o de novo. Comtudo ainda pôde reflectir:

— Que quereis que eu conclua d'essas ultimas palavras? Dizei-me isso bem claro, porque eu posso enganar-me.

— Essa conclusão não sou eu que a devo tirar.

— Maria, observou elle entre amoroso e aspero, caminhando para junto d'ella, ha pouco dissestes-me que não podieis offender Branca nem consentir que eu aviltasse o meu nome. Agora parece

que dizeis o contrario. Quando estivemos na torre, um momento ao menos eu havia de dizer que me odiastes, no caminho que me aborrecestes, e agora...

— E agora?

— Que me amaes!

— Ah! pobre barão! exclamou Valdez levantando-se e indo a uma janella para ver se chegava o pagem. Parece que não tirastes o menor proveito dos vossos galanteios em Pariz. Não conheceis as mulheres. A mulher no mesmo dia, na mesma hora, ama, aborrece e odeia. Quando ella odeia, o homem deve odial-a, quando aborrece, aborrecel-a, quando ama, amal-a. O verdadeiro seductor procede assim. Tendes a fama, talvez por causa de algumas estocadas que déstes á conta de uma ou outra doida, mais nada.

O barão olhou para ella medindo-a e reflectindo na lição, pois Valdez acabava de lhe dizer uma grande verdade.

Mas essa verdade tinha o fim que elle não percebeu, de lhe enlear e confundir o espirito, baralhando-lhe as idéas na affirmação do que havia de negar, na negação do que affirmara, para não haver uma segunda luta, ou se a houvesse para ser dominado totalmente pela sensibilidade.

Maria percebeu a confusão em que o tinha deixado, e para o conservar assim e não entrar em explicações, disse saíndo pela sala fóra:

— Ahi vem o meu pagem.

— Ides esperal-o? perguntou o barão.

— Vou. Deve trazer-me uma carta de muita circumstancia.

— Permitti então que vos acompanhe.

Descendo as escadas atravessaram o terreiro e pararam na ponte levadiça. O pagem não apparecia.

— Enganastes-vos, lhe disse o barão.

— Não me enganei, respondeu ella vendo o pagem a subir a encosta. Elle lá vem.

— Mas como o vistes?

— Adivinhei.

O barão fixou-a algum tempo, e olhando depois para o lado, disse comsigo:

« Esta mulher quer-me endoidecer ».

O pagem chegou e entregou uma carta a Valdez. Já sabemos que era a mesma que ella tinha escripto.

Valdez fingiu lel-a, e logo que terminou a leitura, disse:

— Os meus negocios complicam-se muito, barão. Se me não daes hospitalidade por mais alguns dias posso soffrer graves prejuizos.

— O meu castello está ás vossas ordens, já vol-o disse e repito. Fazei de conta que estaes em vossa casa.

— Obrigada, muito obrigada. Serei eternamente

reconhecida aos vossos obsequios. E se me permittis recolho-me ao meu quarto, porque esta carta obriga-me a escrever umas poucas.

—Não ceaes?

—Não. Até ámanhã, barão. Hoje não vos faço companhia. Tenho de pensar muito. Adeus.

E Valdez atravessando o terreiro a passos rapidos, entrou no quarto, dispensou as criadas do serviço da noite, e fechou-se por dentro.

O que ella pretendia era vigiar Vasco. A resistencia de Branca denunciava força, e essa força devia vir principalmente da confiança que tinha no fidalgo, do amor que lhe consagrava, da certeza de que elle não era capaz de a desamparar.

Se havia relações com Vasca era necessario cortal-as.

Ás escuras, com a jane'la aberta, apesar de não haver luar, veria quem andasse na encosta ou quem se aproximasse do castello. E das janellas do seu quarto vigiaria tambem as janellas de Branca.

É isto o que a levou a despedir-se do barão ainda antes de anoitecer. Elle porém não podia adivinhar a causa de tal procedimento.

Confuso, aturdido seguiu-a até á galeria, e ficou diante da porta do quarto com pensamentos tenebrosos a queimarem-lhe o cerebro, e a consideral-a mais como um homem, mais como um inimigo que

vinha perturbar o seu espirito, que vinha humilhal-o, fazendo d'elle um folião, um titere, do que uma dama, que para o ser era muito forte, muito arrojada, e aventureira talvez.

Mas de que servem estes desesperos, estas desconfianças; de que servem os planos de Valdez, os seus tramas, os seus mysterios se o homem põe e Deus dispõe?

Vejamos como todo o seu trabalho ficou inutilisado, e a responsabilidade que pesou na sua alma pelas desgraças que sobrevieram.

XX

A FUGA

Já sabemos que Vasco tendo saído do castello antes do meio dia em direcção a Sevilha, á noite estava outra vez em La Puebla. De volta da capital da Andaluzia não era com certeza.

Voltando ao ponto em que deixara o pagem e onde estavam reunidos os caçadores, Vasco despediu-se d'elles mostrando o maior afadigamento, e tomou a unica estrada que tinha, que era a de Barrancos, para mais adiante atravessar a raia.

Seguido do pagem galopou sempre, e logo que se achou a distancia em que o não podiam observar, parou vendo primeiro que o não seguiam, e disse ao seu fiel Teolindo:

— Obrigado, rapaz. Prestaste-me um grande serviço.

— Então a dama ruiva ia ao castello por vossa causa!

— Aquella hyrcania, Teolindo, é a minha perdição. Aquella mulher traz a minha morte comsigo. Ainda estou apavorado com a sua presença.

— Se não fosse uma dama assentava-lhe muito bem um gibão de açoutes.

— Sabes, tornou Vasco, que não posso afastar-me para longe? Que me é preciso alguma casa em que me occulte?

— Não devemos estar longe de povoado. Aqui perto ha uma freguezia.

— Não me serve.

— Então, meu senhor, só se formos para Villa Nova, mas são quatro leguas d'aqui lá.

— É muito longe.

— Se é para vos não conhecerem podemos mudar de roupa.

— Dizes bem. Vamos á tal freguezia, compramos gibões e chapeos da serra, e voltamos para Barrancos.

Assim foi. Á noite entraram na mesma alber-

garia em que esteve Valdez, com um disfarce completo de contrabandistas, arremedando-os nos modos e na linguagem, e dizendo que esperavam os seus companheiros que vinham comprar gado a Portugal.

Ás oito horas embuçaram-se nos capotes e dirigiram-se a La Puebla.

Já sabemos o que fez Vasco n'essa noite. Observou o movimento das luzes, o andar apressado ou vagaroso das pessoas que via atravez das vidraças, e o que concluiu d'essa observação é que ainda não era tempo de prestar qualquer soccorro áquella que via desamparada e opprimida pela rival.

Ás onze horas, quando se apagaram todas as luzes no castello, e depois de se certificar, quanto lhe era possivel, que no quarto de Branca havia completo socego voltou para Barrancos.

Ahi porém lembrou-se de que lhe tinha dito que escrevesse para Seraz no caso de se ver completamente desprotegida, e disse ao pagem:

— Tens de partir, meu fiel amigo. Ao romper do dia é necessario que partas para Seraz.

— Prompto, meu senhor.

— Mas has de estar de volta á noite.

— Estarei. Diga o meu amo o que é preciso fazer.

— Recommendar a Soeiro que diga a quem me procurar que estou em Barrancos.

No dia seguinte o pagem partiu e á noite estava de volta.

— Cumpri as vossas ordens. Falei mesmo com o sr. Soeiro.

— Bem. Vamos agora a La Puebla.

E comsigo mesmo continuou o fidalgo:

«Talvez não tenha um portador a minha pobre Branca. Mas se o não tem deve suppôr-me aqui. E portanto ha de ir á janella, porque me deve esperar.

Emquanto elle sobe a encosta voltemos ao castello, e observemos o movimente das diversas pessoas que tomam parte n'este drama.

Valdez, embuçada n'um manto escuro, sem luz no quarto, estava sentada á janella olhando para a encosta, e de quando em quando debruçava-se no balaustre e observava as janellas de Branca.

Como arrefeceu, como lhe esfriara o corpo com o relento da noite, pois estamos no principio do inverno, levantava-se, agitava-se um pouco passeando no quarto, e voltava de novo ao seu posto de observação.

Observando-a e indo a cada instante á porta do seu quarto, o barão andava desassocegado, andava inquieto, e tendo ceado sem dar uma palavra ao mordomo e ao capellão, correu todo o castello para ter um pretexto de passar muitas vezes pelo quarto da hospeda.

Esteve na sala d'armas, na' sala de recepção, esteve nos seus aposentos, atravessou trinta vezes a galeria, e finalmente desceu ao terreiro, e, o que não fazia desde a vespera, andou na cavalhariça a ver os cavallos, a conchegar-lhes as camas, e aos cavallos de Valdez até os fez levantar e arranjou-lhes as camas de novo.

Depois d'isto poz-se a passear no terreiro. Tendo passeado muito e sentindo-se fatigado, talvez mais do espirito do que do corpo, sentou-se na soleira da porta da torre de menagem, encostou os cotovellos aos joelhos, fincou a cara nas mãos e meditou nos tramas ou extravagancias de Valdez, e ao mesmo tempo nas suas formas gregas e nos seus olhos portuguezes.

O rendeiro tendo de tarde disposto todas as coisas para a noite sem pedir ajuda a ninguem, porque entendeu que era esse o melhor meio de não dar logar á mais simples suspeita, ás nove horas apparelhou quatro mulas do serviço das suas terras, umas com andilhas e outras com albardas, e mandou pôr a pé dois dos seus criados em quem confiava plenamente.

Deu as suas ordens aos criados, mandou-os sair para o pomar com as mulas, e depois, tomando uma escada de mão, dirigiu-se ao castello, desceu ao fosso, e aproximou-se das janellas da baroneza.

Logo que anoiteceu Branca accendeu uma alam-

pada a Nossa Senhora das Dôres que tinha n'um oratorio dentro do seu quarto, e ajoelhando diante da lacrimosa imagem começou a orar com a devoção e com a confiança que ha de inspirar eternamente em uma alma candida a magua immensa e indiscriptivel da mãe do Redemptor.

Orou muito tempo, pedindo-lhe perdão do passo que ia dar, entregando-lhe a sua causa como justa e como santa, e rogando-lhe que pelas suas dôres a amparasse na viagem que ia emprehender como a amparara sempre na conservação da sua honra, e do nome de seu marido.

Quando se ajoelhou Branca tremia, tudo á roda d'ella eram pavores, o menor ruido assustava-a, a todo o momento ouvia o barão bater-lhe á porta; mas pouco depois entrou a tranquillidade na sua alma, os ruidos afastaram-se, os pavores sumiram-se, e socegada, serena levantou-se da oração com um sorriso tão extranho nos labios que parecia o sorriso de um anjo que respondesse a um sorriso da virgem.

Arranjando depois as malas, o que não quiz fazer antes como quem não contasse com a approvação da sua protectora, acondicionou as roupas que lhe podiam ser mais precisas, tirou as joias de um cofre e guardou-as em uma bolsa de couro, isto é, na sua escarcella, e esperou conversando com a aia que o rendeiro chegasse.

Para o sentirem Pepa abriu uma janella apagando todas as luzes e deixando apenas a alampada acesa no oratorio. Essa luz apezar de frouxa alumiava o quarto, e deixava ver das trevas o que se passava no interior.

Vasco viu essa luz, e ao vel-a, inesperadamente, tendo estado até áquella hora o castello em trevas, ao contrario da noite antecedente, o que o torturou com receios e alanceou com conjecturas, o coração saltou-lhe no peito, bateu-lhe com violencia e um tremor frio lhe gelou os membros.

Estava sentado em uma pedra junto de Teolindo, a quatro ou cinco braças distante do fosso, e apenas viu a luz apparecer atravez dos vidros, tibia, indecisa como um crepusculo, depois mais clara por isso que abriram a janella, e como um vulto humano uma sombra interceptal-a em parte, Vasco suppoz milhares de coisas, e entre ellas que o barão assassinara Branca, e que essa luz era derramada pela vela funeraria que se colloca á cabeceira do morto.

Ergueu-se rapido e aterrado e correu como um louco até ao tronco de uma arvore que defrontava com o quarto de Branca. Mas apenas ahi chegou viu um objecto que lhe pareceu uma escada apoiar-se á janella, e apparecerem ao balcão duas figuras que conheceu serem mulheres.

Passando-lhe o receio de uma violencia á vista

dos novos objectos que destruiam completamente qualquer idéa de morte, uma nova dôr, uma nova tortura lhe opprimiu o coração. Entendeu que a sua amante, a mulher que lhe pedira apoio e protecção confiada na sua lealdade e no seu amor, tentava evadir-se e pedira a um estranho essa protecção e esse apoio, que era a ultima prova que elle lhe queria dar de devoção e de respeito.

Com as suas magoas e com os seus receios encostou-se ao tronco da arvore, e sempre nobre, sempre generoso, tendo vindo alli para a proteger, esperou, se na realidade ella fugia, que saisse para se despedir d'ella, ou dando-se algum incidente, o que Deus não permittisse, para lhe mostrar que o seu braço era valoroso e o seu coração magnanimo. Amava, consagrava-lhe um amor estranho, desinteressado, nobilissimo, por isso magoou-se, mas não se indignou com o procedimento de Branca.

Depois que abriu a janella Pepa voltou para junto de sua ama, e disse-lhe não sem um leve estremecimento na voz, resultado ainda da commoção que se apoderara de Branca e de que ella participara:

—Está chegado o momento, sr.ª baroneza. Devem ser dez horas. Senti-vos com animo de abandonar vosso esposo?

— Sinto, Pepa, porque elle é só meu esposo no nome e não o é no coração; sinto, porque me of-

fende publica e indecorosamente, sem a menor attenção para a dama quando não fosse para com a esposa; e porque mais dia menos dia, dominado pela hospeda, ha de tratar-me como uma adultera, e talvez açoutar-me como uma escrava para maior infamia e maior vergonha do meu nome e da minha familia. Para fugir com um amante eu não teria animo, mas fujo como a esposa offendida e aterrada, para ir aos pés da sua rainha implorar-lhe compaixão. E fujo na companhia de quem? Na tua e na do rendeiro João, ou de pessoas a quem elle me possa confiar. Se existe crime é só no acto da fuga, mas para esse crime ha clemencia na terra e perdão no ceo.

N'este momento sentiu-se o bater da escada no balaustre da janella.

—Ahi está o rendeiro, disse Pepa sobresaltada.

—Está? perguntou Branca refluindo-lhe todo o sangue ao coração.

—Oh! não vos falte agora o animo.

—Não, não falta. Vae ver se é elle.

Pepa foi á janella, trocou algumas palavras com João e voltou.

—É elle, minha senhora.

—Bem, murmurou Branca meio desfallecida, mas procurando animar-se. Então vamos. Passa-lhe as muxillas.

Pepa atirou com as muxillas ao fosso e veio ter com Branca para descerem a escada.

— Espera, lhe disse ella. Antes de descermos rezemos uma oração a Nossa Senhora.

E ajoelhando-se ambas rezaram uma estação Áquella que do ceo velou sempre pelos afflictos, e acabando de rezar dirigiram-se á janella.

O rendeiro fôra previdente na escada que escolhera, porque apoiando-a no balaustre ella chegava á padieira, facilitando a descida ás duas fugitivas.

Pepa encostou um tamborete ao balaustre para servir de degrao, e subindo passou ao peitoril e poz um pé na escada.

— Desce-se bem, minha senhora, disse ella, que d'aquelle modo queria experimentar se havia algum perigo para a sua ama.

— Desce então.

Pepa desceu, chegou ao fosso sem o menor inconveniente nem difficuldade, e Branca desceu depois.

— Ver-nos-ia alguem? perguntou a baroneza ao rendeiro.

— Ninguem, minha senhora. Podeis estar descançada.

— Os cavallos?

— Esperam-nos no pomar.

— Vamos por aqui? disse ella apontando para a direita.

— Sim, minha senhora.

João desceu a escada, encostou-a ao muro, e pegando nas muxillas tomou pela parte septentrional do castello que era a mesma que indicara a Branca. Para esse lado não havia janellas.

Branca e Pepa seguiram o velho criado, mas a meio do caminho pararam rapidamente. Viram um vulto que os seguia de perto.

Esse vulto era Vasco. Apenas se convenceu que Branca fugia do castello, desceu ao fosso e seguiu-a. Teolindo desceu tambem e acompanhou-o.

XXI

FUGIU!

A janella do quarto de Valdez distava do theatro das ultimas scenas que vimos de escrever, vinte braças ou mais; alem d'esta distancia a noite estava escura; mas ella com a vista da mulher zelosa e vingativa sentiu passos para lá da ponte levadiça e viu umas sombras que lhe confirmavam esses passos.

Não era preciso mais, não necessitava de mais

indicios para tomarem os seus receios as proporções da certeza.

« É Vasco! disse ella. É Vasco que vem falar com Branca ».

E debruçando-se no balaustre, procurou distinguir vozes, pois da janella para o fosso, sendo elles, não falariam tão baixo que no meio d'aquelle silencio se não percebesse alguma coisa.

Não ouviu nada. Afiou a vista para enchergar algum movimento, a subida talvez á janella, e nem uma sombra, tudo negro, tudo em silencio.

« Ah! exclamou ella, tremula de commoção, de ciume e de colera, Vasco subiu para o quarto de Branca ».

Correndo á porta do quarto impellida por uma idéa de vingança, disposta a communicar as suas suspeitas ao barão, resolvida a ferir, a matar Branca, e entregar Vasco ás iras do marido offendido, parou contida por uma reflexão egoista, e meditou antes de abrir a porta.

Ella podia querer tudo, a morte de Branca, a morte do barão, o incendio do castello, mas Vasco salvo no meio das chammas ou vivo no meio dos cadaveres.

Entendendo que elle estava no quarto de Branca, e que subira por alguma escada, nada mais facil do que subir ella tambem, e encontral-o lá, ao pé da adultera, criminoso, abatido, acabrunhado, e

exigir-lhe então a satisfação da sua divida a troco da perda da sua honra e da honra da sua amante.

Aprovando o seu mesmo plano, e orgulhando-se até de o ter concebido, abriu a porta, desceu as escadas, atravessou o terreiro, e sem reflectir na difficuldade, procurou abrir a porta do castello.

Uma tranca pezada corria de uma hombreira a outra, e era necessario um pulso forte para a mover das passadeiras de ferro para o interior da parede.

Com as suas mãos pequenas e mimosas, mas temperadas da força que desenvolvem o ciume e a raiva, Valdez correu a tranca, levantou a aldrava, tambem pezada e enorme, e saiu do castello.

Da ponte havia para o fosso uma escada praticada na rampa; desceu-a, e correu para a janella de Branca, onde viu brilhar a luz de que já falámos, para suprema confirmação do que suspeitara.

Ainda mais: a luz era frouxa, a vidraça estava aberta, e o silencio não era cortado pelo som mais brando.

Mas a escada? Nenhum indicio d'ella, nem outro qualquer objecto que denunciasse a subida de Vasco.

Comtudo a escada podia ser apanhada, e elles podiam conversar sem que o mais leve murmurio passasse do interior do quarto, e Pepa mesma não saber da presença do cavalleiro.

Mas o modo de ver? de subir aos aposentos?

Trepar ás grades das lojas e passar depois para o balaustre? Isso era impossivel. Mas impossivel que seja qualquer coisa, podendo nós observal-a, examinal-a, experimental-a até, fazemol-o. Parece que o espirito se não satisfaz sem o concurso da vista.

Valdez aproximou-se da parede para ver se podia subir, e deu com um pé na escada que o rendeiro não levara, porque não podia com ella e com as muxillas ao mesmo tempo.

Vendo a escada não reflectiu um momento. Levantou-a ajudando-se com a parede, e encostou-a, não de frente, pois não podia, mas de lado, apoiando-a no angulo formado pela hombreira e pelo balaustre.

Subiu logo e entrou no quarto.

Assentado no alisar da porta da torre, o barão meditava, como sabemos, nas extravagancias e nos tramas de Maria Valdez, quando o sobresaltou um sussurro de pés descendo rapidamente a escada.

Contendo-se na posição que conservava, dirigiu apenas os olhos para o vulto, não podendo suppôr quem fosse a pessoa que descia áquella hora ao terreiro, e do sobresalto passou rapidamente ao espanto quando conheceu a hospeda.

Valdez passou junto d'elle, ligeira não como uma ave, mas como um demonio, e foi, como já disse-

mos, abrir a porta do castello, e depois de a abrir saíu.

Quem usava como ella d'um punhal envenenado, e provara com a scena da torre que lhe não faltaria coragem para usar d'elle, tambem saía de noite, ás dez horas da noite, as portas de um castello situado n'um deserto, e saía sem um criado, sem pessoa alguma que a podesse proteger.

O espanto do barão deixou de existir á vista d'esta reflexão que lhe acudiu rapidamente.

Mas ficou a curiosidade, o receio, o ciume a picar-lhe o cerebro, a criar-lhe na imaginação fantasmas extravagantes, e de tal modo, de tal arte que teve medo de Valdez.

Levantando-se procurou uma arma e viu que não trazia nenhuma. Subiu aos aposentos e pegou na sua espada predilecta, na espada dos dois anneis.

Voltou então com mais segurança, e pé ante pé saiu a porta, atravessou a ponte, e parou a observar e a escutar os passos da hospeda.

Á direita da porta, na terceira janella começavam os aposentos da baroneza. N'essa janella viu luz, e alumiada por essa luz uma escada de mão cuja extremidade passava acima da varanda.

Surprehendido fixou a vista n'aquelle objecto, e immediatamente, viu um vulto, que devia ser Valdez, subir a escada e entrar no quarto.

O que pensou n'aquelle momento não o podemos dizer. A janella aberta, a escada lançada á janella, e Valdez subindo por essa escada, porque não podia suppôr que fosse a baroneza, eram tres factos tão extraordinarios que se se demorasse a pensar n'elles, um momento que fosse, endoudecia com certeza.

Saltando ao fosso subiu tambem a escada, entrou no quarto e espiou Valdez.

Era o quarto uma pequena camara em que Branca passava os seus dias, sentada á janella a bordar e a olhar para Portugal. Ao fundo da camara estava o oratorio de Nossa Senhora das Dôres, em que ardia a alampada, derramando essa luz frouxa, causa de tão variadas impressões e tão encontradas desconfianças.

N'esta camara não havia ninguem, ou só havia essa imagem, terna, meiga, chorosa, atravessada pelas espadas da dôr, que parecia chorar, enternecer-se e perdoar as fraquezas e desesperos dos que a viam e tão cegos das suas paixões não a tomavam para exemplo de abnegação e humildade.

Depois de a examinar, Valdez passou á segunda camara que era o toucador de Branca. Deserta.

Passou á terceira que era o quarto de dormir. Ninguem do mesmo modo.

Entrou na quarta que era a camara da criada; nem a criada, nem a ama, nem Vasco.

Julgou que sentindo-a tivessem fugido para o interior do castello, para a galeria, para a capella, para o eirado.

Como não tinha luz apalpou as portas. Todas fechadas por dentro e os ferrolhos corridos.

Apalpou as paredes suppondo que houvesse alguma porta falsa que lhe porporcionasse um esconderijo. Nenhum indicio de existir tal porta.

Assaltou-a então a idéa de que tivessem fugido, que Branca se soccorresse de alguem e até mesmo de Vasco para lhe fornecer a escada, e que temendo-a se dirigisse a algum convento, o que não achava provavel, ou nos braços do amante procurasse algum êrmo onde não fosse a vingança ou a justiça perturbal-os na sua ventura.

Procurou adquirir a certeza. Foi ao oratorio e tirou a alampada que pendia de uma corrente de prata. Era uma caçoula de jaspe côr de rosa, que podia sustentar na palma da mão.

Com esta luz, que simbolisava as crenças da sua rival, a sacrilega abrio os contadores, e quiz saber pelo desaranjo da roupa ou por alguma cousa que suppozesse faltar se ella fugira ou não.

Effectivamente as roupas estavam em desordem, tinham bolido n'ellas como quem não esperava servir-se mais de algum d'esses objectos.

Mas isto não era ainda bastante. Pepa podia ser desenrajada. Um cofre, porém, um cofre de

ébano marchetado a prata, aberto sobre um contador, veiu esclarecel-a completamente.

Esse cofre devia ser das joias, e elle estava vasio.

O barão observou toda esta scena ora escondido na janella quando Valdez veiu ao quarto de lavor, ora n'este quarto quando ella passou aos outros.

No momento em que ella abriu as gavetas avançou alguns passos para o interior, e vendo-a examinar o cofre, já desconfiado do que ella tinha como certo, appareceu rapidamente.

Surprendida Valdez voltou-se, e não o conhecendo á primeira vista lançou a mão ao punhal. O sangue frio e a coragem admiravel de que dispunha, mostraram-lhe o barão á luz tibia da alampada, com o seu bigode enorme e o seu sobrolho negro carregado sobre as palpebras.

Não se atterrou, nem se admirou tão pouco. O barão podia-a ter visto passar.

Exprimindo espanto, rancor e pezar exclamou na sua voz argentina, dando um movimento ao corpo correspondente aos sentimentos que a agitavam:

— Fugiu!

— Fugiu quem? bradou o barão crescendo para ella levantado na ponta dos pés e lançando chammas dos olhos encolerisados.

— A baroneza acaba de fugir.

— Com quem?

— Talvez com o vosso hespede.

— Que hospede?

— Com D. Pedro d'Ulme, que se chamou sempre Vasco de Mendonça, amante d'ella antes e depois de casada.

— E vosso tambem! volveu o barão com voz cavernosa quasi esmagado de desespero e de vergonha.

— Meu, sim: confirmou ella com terrivel impudencia.

— A vós é que eu devo esta infamia, á vós somente, seguiu elle avançando um passo para Valdez, turva a vista, ardentes os labios do halito da colera.

— Antes de eu chegar ao castello já estaveis infamado, respondeu-lhe a hospeda levantando a cabeça e levando novamente a mão ao punhal.

— D. Maria Valdez! gritou o barão cerrando os punhos e envolvendo-a n'um olhar de fogo.

Com toda a sua presença de espirito Valdez olhou para elle alguns segundos e disse-lhe com compaixão e com despreso:

— Sois um desgraçado. Sois um louco. Enganavos todo o mundo. A desforra que tiraes é ameaçar uma dama. É porque não tenho como vossa esposa um homem ao pé de mim. A essa não a ameaçaes nem a castigaes, porque a protege um cavalleiro.

«Barão, seguiu ella com voz de reprehensão, sonora e altiva, Branca fugiu ha um quarto de hora, o muito. Procurae-a, que eu vou procurar o amante. Onde estão os vossos criados, os vossos servos? Chamae-os, e não desperdiceis tempo em offender uma dama, que é aviltar-vos como cavalleiro quando o peso da deshonra como marido é grande, é enorme.

E saindo por diante d'elle com o olhar e o gesto sobranceiro, chegou á janella, saltou para a escada e desceu ao fosso com tanta agilidade como se fosse um homem.

O barão desceu depois, aturdido, convulso, enleado, sem saber o que havia de fazer, e chegando ao fosso, no meio das trevas e do silencio, ignorando o destino de Branca, começou a blasfemar, tirando pelos cabellos e pelas barbas, quasi n'um paroxismo de loucura.

No goso perfeito das suas faculdades, e talvez com a imaginação ainda mais viva, estimulada pela necessidade, Valdez meditou nas circumstancias e nos meios da fuga e disse serenamente ao barão:

— Já reparastes n'essa escada? Vasco não a trazia de longe. Vasco ou fosse lá quem fosse. Algum rendeiro vosso a trouxe para aqui.

Um relampago de luz feriu a intelligencia do barão. João era amigo de Branca. Podia ser o rendeiro. connivente na fuga.

Valdez seguiu:

— Se corresseis a casa de todos os vossos rendeiros talvez encontrasseis alguns indicios, talvez vos esclarecessem em alguma coisa.

O barão não respondeu. Voltou rapidamente para o lado septentrional do castello, seguindo o caminho do fosso, que era o mesmo que seguira Branca.

Mas Branca tinha parado ao ver um vulto. Esse vulto era Vasco. Portanto iam encontrar-se todos.

Valdez, tão interessada como o barão em colher alguns esclarecimentos, foi atraz d'elle.

XXII

O ULTIMO ADEUS

Vendo que um vulto a seguia de perto já dissemos que Branca parara. O rendeiro que ia ao lado d'ella parou tambem. Nem um nem outro podiam fazer a mais leve conjectura ácerca da pessoa que os seguia.

O barão não era, porque esse falaria logo. Salteador tambem não, porque não viria só.

Com a autoridade de criado antigo da casa e a

coragem do homem que pisa um terreno a que podia chamar seu, porque esse terreno o vira nascer e n'elle morreria com certeza, João dando um passo á retaguarda perguntou a meia voz, não por medo, mas para não ser ouvido no castello:

— Quem vem lá?

Vasco não respondeu, mas parou. Conhecera a voz do rendeiro com quem havia falado algumas vezes, e logo concluiu que fôra ao valimento e devoção do velho servidor que Branca entregara a sua desgraçada causa, e portanto que a entregara melhor do que a elle mesmo.

— Quem é? tornou o rendeiro.

— Descança, João, disse Vasco manifestando claramente na voz a commoção que o abalava. Segue o teu caminho descançado e na paz do Senhor. Não careces de auxilio, bem sei, e oxalá não careças, mas...

Branca conheceu a voz de Vasco, viu outra vez ao pé de si o homem que tanto amava, dedicado, terno e amante como sempre, lembrou-se do erro que commettera perante o seu amor, e arrependida, apaixonada, mas com pejo de dizer uma palavra que indicasse o seu crime diante do rendeiro, prendeu as mãos de Pepa como se fossem as do fidalgo e murmurou tão baixo que só ella podia ouvir:

— Dize-lhe que me perdôe. Dize-lhe que tenha pena de mim.

O rendeiro ignorava tudo, mas vendo o modo porque falava o desconhecido, pois não se lembrava da voz d'elle, e observando os gestos da baroneza, comprehendeu a situação, e tão generoso como dedicado afastou-se do fosso, adiantando-se até á entrada do pomar.

Vasco então aproximou-se e disse a Branca:

—Eu não podia falar diante do vosso rendeiro. Nem devia falar diante de Pepa, porque de certo é tudo estranho para ella. Mas o que tenho a dizer-vos podia até ouvil-o vosso esposo. E se por acaso elle não tivesse confiança em vós, depois que me ouvisse dobraria o joelho em veneração dos sentimentos mais nobres que se tem obrigado em coração de mulher.

—Não me accusaes?! exclamou Branca surprehendida com aquellas palavras.

—Eu accusar um anjo de virtude e de abnegação! Tinha-vos offerecido o meu valimento, o meu braço, porque não imaginei que o Senhor tivesse collocado ao pé de vós esse homem serviçal e probo a quem podeis confiar a honra e a vida com mais segurança do que a mim proprio.

Branca desprendeu as mãos de Pepa e voltando-se para Vasco disse-lhe com sentimento e com pezar:

—Eu confiava plenamente em vós. Dois annos me affirmaram que ha muita generosidade e muito

amor no vosso coração. Mas a resolução de deixar o castello foi tão rapida, da manhã para a noite, que não tive tempo de mandar ninguem a Serpa onde me dissestes que vos encontraria. Falei ao rendeiro contando com o vosso perdão. Perdoae-me e compadecei-vos de mim, que sou uma grande desgraçada.

— Perdão de quê, Branca, se eu vos estou a louvar!

—Mas no modo porque me trataes adivinho resentimento.

— Devia ter-vos tratado sempre assim. Sempre não, mas ao menos depois que casastes. E já que nos encontramos aqui, trazidos pela desgraça a este logar, vós fugindo a um marido despotico e devasso, de certo porque nem uma recordação de amor vos prende a elle, e eu n'um delirio de paixão e portanto de insensatez querendo ajudar-vos n'essa fuga — encontrados aqui n'estas tristes circumstancias, sem esperança de nos tornarmos a ver, e com a santa intenção de não nos procurarmos, perdoemo-nos mutuamente as nossas culpas. Perdoae-me o ter vindo ao vosso castello recordar-vos um passado feliz, esquecendo o meu dever e fazendo com que esquecesseis o vosso. Eu vos perdôo não me terdes castigado quando não cedi aos vossos rogos para saír d'esta casa, onde a minha presença era um crime. Bem sei que sou

o maior criminoso. Bem sei que sou a causa dos trabalhos que vos affligem, mas a grandeza da offensa está sempre em porporção do animo que a a recebe, e por isso, perdoando vós muito e eu quasi nada, sairemos quites e satisfeitos um de ao pé do outro. Ides talvez para um convento. É o vosso logar. O meu é na guerra. Pertence-vos a sepultura de uma santa, a mim a de um soldado. Juremos a Deus que no meio das nossas paixões e dos nossos desvarios o amamos sempre, respeitando por elle o nosso nome, sem odiarmos aquelles que nos feriram, e que nos afastamos com o coração alanceado, mas limpo de malquerenças, entregando-nos nas suas mãos misericordiosas, e esperando que não nos desampare n'este valle de dores e de miserias. Segui o vosso caminho, baroneza de La Puebla. Eu vou seguir tambem o meu. Chorae por vós, que eu chorarei por mim. As leis separaram-n'os. Justas ou injustas devemos obedecer-lhes. Padecer é dos homens, soffrer é dos anjos. Soffre, que eu padeço. A grandeza e a intensidade do vosso amor estão provadas para mim. Era essa grandeza que eu julguei adornar o affecto que vos consagrava. Enganei-me. Era só vosso esse atributo, porque eu cedi, uma, duas, trez vezes, e vós ainda agora acabaes de ter uma victoria esplendida em deffeza da dignidade e da prudencia do vosso sexo. Eu sou o barro, o miseravel limo,

apaixonado e cego, vós o espirito, a luz, a força. Sois a mãe, a filha, a esposa, eu sou simplesmente um aventureiro. No teu coração ha o germen de amores sublimes, emquanto no meu o amor mais puro é o que tenho por vós, e esse é um amor criminoso, porque é cego, porque me domina, porque me escravisa a vontade. Não era aqui que me devia achar agora, e eu aqui estou. E sei que se me dissesseis: segue-me, acompanha-me, que eu vos seguiria cohonestando o acto com o pretexto de proteger uma dama que emprehende uma jornada perigorosa. Mas não, não. Não digaes tal coisa. Estendei-me a vossa mão, apertae a minha e dizei-me adeus, o ultimo adeus, o adeus da eternidade.

Em ancias, em soluços, quasi vencido esse poder que o cavalleiro tanto admirava n'ella, quasi subjuda pela voz, pela commoção, pelos sentimentos d'elle, que lhe exaltavam o amor, Branca estendeu-lhe a mão e ia a dizer-lhe alguma coisa que não era o adeus que elle lhe pedia, quando o cavalleiro ainda senhor de si a avisou com uma severidade em que transpirava o affecto mais profundo:

—Só vos peço um adeus, Branca. Um adeus simplesmente. O adeus d'este valle de trevas até ao mundo da luz. Lá me direis o que vos prohibe a minha paixão. Não me sinto em estado de vos

ouvir, porque uma palavra vossa é uma sensura á iniquidade que nos separou e um louvor a insensatez que me trouxe e me detem aqui. Adeus, baroneza de La Puebla. Ide para o convento ou para onde vos seja menos dolorosa a vida. E onde vos achardes orae por mim. Eu estarei na Asia, na Africa, na America, em qualquer ponto em que a patria reclame o meu braço temperado pela fé e pelo amor. Dizei-me adeus. Só adeus!

— Adeus!... pôde pronunciar Branca em tom de voz que mal se ouvio, mas inclinando a cabeça para o peito de Vasco, quasi desacordada, n'um deliquio de suprema ventura e de suprema dôr.

Vasco olhou para essa cabeça alguns momentos; a certeza que a possuia, que era sua, que se desse o braço a Branca a levaria comsigo sem que houvesse um momento de hesitação, conservaram-lhe o poder que sustentara até alli, e então com religioso respeito, com profunda veneração pousou os labios n'aquelles cabellos formosos, e desviando-se um pouco disse a Pepa n'essa voz que é o ultimo hausto do que morre:

— Ajuda tua ama. O rendeiro espera-a.

E empurrando-a docemente entregou-a á criada.

Branca abraçou-se em Pepa, e Vasco, encostando o cotovello á parede do castello, apoiou a cabeça na mão, aturdido de dôr, confuso, a rasgar-se-lhe o coração, a fugir-lhe a vista, sentindo

precipitar-se n'um vacuo onde perdia a consciencia de si mesmo.

Estava tudo acabado, e acabado o que não devia ter principiado. Restava-lhe a vida. Mas essa vida para que lhe servia?

Porque o não matava a dôr, alli, n'aquelle fosso, alli mesmo ao pé de Branca, onde seria sacramentado pelo anjo que esperava talvez o trespasse d'elle para desprender o vôo da terra, onde seria ungido pelas lagrimas da martyr cuja via dolorosa teria alli o seu fim?

Vamos saber porque lhe restava a vida e porque o não matava a sua dôr immensa.

XXIII

DUELLO DE MORTE

Tendo cortado o angulo do castello o barão ouviu vozes e enchergou vultos. Parou logo. Valdez parou atraz d'elle.

Teolindo descobrindo um homem que se aproximava, juntou-se a Vasco e disse-lhe:

— Gente.

Vasco voltou a cabeça e percebeo o vulto parado no meio do fosso. Caminhando logo para

Branca, que ainda se conservava nos braços de Pepa sem forças para se desprender d'aquelle logar, avisou-a de que alguem a podia ver e que muito perto se achava um homem.

Branca assustou-se e no primeiro impulso correu até ao fundo do castello. Ahi porém deteve-se lembrando-lhe que seria o barão, e que sendo elle se encontraria com Vasco.

Apenas Branca se afastou Vasco cingiu-se á parede, embuçando-se até aos olhos para que esse vulto, fosse quem fosse, densas as trevas como eram, passasse sem o distinguir.

Como o barão tivesse parado sem motivo algum que parecesse ter relação com o empenho que o movia, por isso que áquella hora já Vasco ou Branca deviam estar longe, Valdez aproximou-se d'elle e disse-lhe referindo-se aos vultos que tambem enchergara:

— São ratoneiros.

N'este momento Branca e Pepa correram ao longo do fosso, e o barão capacitou-se que eram o que Valdez dizia esses vultos que fugiam precipidamente, e continuou no seu caminho.

A meio do fosso, junto de Vasco e de Teolindo, vendo, apezar da escuridão, duas sombras recortadas na parede em fórma de homens, tornou a parar, mas então recuando um passo e lançando a mão á espada.

Não suspeitando da presença de Vasco, mas entendendo que aquelles homens tinham alguma relação com o que se passava, podendo até ser gente assalariada para impedir que seguissem a baroneza no caso de a descobrirem, perguntou preparando-se para agredir:

— Quem está ahi?

Vasco não respondeu. De fórma alguma lhe convinha responder. A sua voz era conhecida, e calando-se, sem se mover, o barão poderia passar, despresando quem não queria resistir, ou não insistindo com quem pertendia occultar-se.

O barão porém não se achava em estado de reflectir, estava encolerisado, o seu desejo era descarregar a ira fosse sobre quem fosse, demais a mais não imaginava alli quem lhe offerecesse resistencia, por isso tornou a perguntar desembainhando a terrivel espada dos dois anneis:

— Respondeis ou não, patifes de todos os diabos?

Teolindo tocou no braço de Vasco como quem lhe perguntava se queria que mettesse uma bala na cabeça d'aquelle insolente. O pagem trazia o seu arcabuz e n'um momento avivava o morrão.

O fidalgo não respondeu e deixou-se ficar, firme e mudo como uma estatua, pregado á parede do castello. Esperava que o barão desistisse ou se aterrasse com tão extranha confiança que elles

mostravam ter em si mesmos ou na innocencia do que os detinha n'aquelle logar.

Em vez de abrandar o barão tornou mais desesperado, dando um passo para a frente:

— Pelo sangue de Judas, falae ou espeto-vos na parede!

Com a sua admiravel presença de espirito Vasco desviou-se da parede, passou por defronte do criado que lhe ficara á esquerda, e foi collocar-se entre o barão e Valdez, embuçado na capa, o chapeo derrubado até aos olhos, para ver quem era a pessoa que o acompanhava, e se poderia, sem derramamento de sangue, terminar o conflicto.

Vendo este movimento o barão julgou-se provocado, e como não esperava que lhe resistissem quanto mais que o offendessem, com o jogo da *espada rasgada* fez terreiro e poz-se em *anteperada*.

— Oh! oh! exclamou o barão. Sois de pluma e capa! A fé que tendes espada tambem!

Vasco ainda se conservou embuçado, nem ouviu bem o que lhe dissera o barão, porque o corpo se lhe arripiou e o espirito se lhe peturbara ao conhecer Valdez, causa unica de todas aquellas desgraças e quem sabe de quantas outras que podiam sobrevir.

Valdez não o conheceu, porque o não podia suppôr alli, e o barão vendo que elle, apezar de ter tomado posição para se bater, não se desembuçava

nem desembainhava a espada, o que lhe pareceu um supremo insulto ao seu nome e á sua coragem, perdeu a cabeça e atacou-o.

Vasco então deu um passo para traz, e sem se desembuçar, tirou da espada e cruzou-a com o adversario.

Tinha a certeza de desarmar o barão aos primeiros golpes, por isso que sabia que elle não era forte na esgrima, e desarmando-o obteria occasião de fugir sem que suspeitassem da sua presença.

Encostado á parede Teolindo apalpava o arcabuz, resolvido a matar o barão se por acaso ficasse vencedor, quasi porém convencido que seu amo o poria fóra do combate, destro e agil como era, e mestre consumado em todas as armns.

Cruzando as espadas Vasco deu-lhe um *sus* e um *contrasus* rapidos para lhe experimentar a firmeza, pois estes golpes eram apenas no ferro, e, em seguida, com um *talho largo* procurou fazer-lhe perder a guarda para lhe enlear a espada e arrancar-lh'a das mãos.

Nada conseguiu. O pulso do barão era de ferro, a espada não lhe saíu da guarda.

— Ah! ah! disse o barão, acautelando-se e alongando o braço para convidar o adversario ao jogo de ponta e poder apanhar-lhe a espada nos anneis. Sois de capa e espada, marao! Hei de saber d'onde viestes e que negocios vos trazem ás minhas ter-

ras. Procuraes desarmar-me? Eu vos digo como as setas se mudam em grelhas.

Apenas viu a posição que elle tomara Vasco lembrou-se da espada traiçoeira com que o barão se ufanava de ter vencido varios antagonistas, e tomou as maiores cautellas para não caír no laço.

Não atacou mais, e todo o seu jogo foi unicamente de defeza.

Notando esta resistencia e as observações do barão, Valdez começou a suppor que era Vasco o embuçado que resistia por aquella fórma, e um receio espantoso, um terror horrivel se apoderou do seu espirito. Se fosse o cavalleiro, se fosse o amante de Branca, mataria e teria o maior empenho em matar o barão, e a vida d'este homem era para ella o unico penhor de esperança. Morrendo, Branca se lançaria nos braços de Vasco.

Mas que havia de fazer? Metter-se ao meio dos contendores? O barão não era homem que cedesse, e muito menos depois que alguem se oppozesse aos seus intentos, ou com receio d'elle ou com pena do contrario.

Lembrou-lhe porém um recurso, recurso extremo, com que podia salvar o barão, porque era de fé para ella que da parte de Vasco militavam as melhores vantagens.

Esse recurso era agarrar o cavalleiro pelos braços, voltal-o para o lado opposto, e dar ella as cos-

tas ao barão. Depois empurral-o, desvial-o, chamar para o castello, e evitar assim a continuação do duello até que chegassem os criados.

Teolindo porém veio contrarial-a n'este feliz proposito.

Todo olhos no barão ao principio, chamou-lhe a attenção um movimento de Valdez, e julgando que seu amo teria de se bater com dois adversarios, desviou-se da parede, caminhou para a terrivel dama que imaginou um homem, e apontou-lhe o arcabuz ao peito.

Valdez ficou petreficada, a olhar para aquelle homem, sem se mover, sem pestanejar, e o pagem, mudo, firme, com a arma á cara, disposto a usar d'ella logo que o entendesse conveniente.

Vendo que Vasco só tomava a defensiva, o que neutralisava completamente os seus planos, o barão procurou outro meio de o chamar ao laço obrigando-o uma ou outra vez, mesmo para se defender, a atirar-lhe algum golpe.

Para isto atacou-o rudemente, jogando-lhe um *revés* ao braço direito e outro ao esquerdo, um *fendente* á cabeça, uma *guia* ao peito, um *revés da primeira*, ou golpe por baixo, a *quinta da primeira guarda* ou golpe á perna, mas com isto não logrou senão conhecer que estava esgrimindo com um mestre consumado.

Comtudo ainda lhe restava um modo, se não de

apanhar um golpe de ponta nos anneis, pelo menos de buscar com elles a ponta da espada, e quebral-a depois para o atacar a torto e a direito, e esse modo pol-o logo em execução.

Jogou-lhe um *talho largo*, e em vez de lhe esperar a espada na primeira guarda, tomou a segunda, levantando o braço e recuando-o, de fórma que achando-se superior á espada de Vasco apanhou-lhe a ponta nos anneis e carregou para a torcer.

Vasco recuou vendo que tinha caído no laço, mas o barão avançou de maneira que continuou a conservar-se entre elles a distancia primitiva.

O fidalgo então puchou a espada para si, mas o barão prevendo este jogo acompanhou-lhe o movimento sentindo logo a ponta da sua espada tocar no peito do adversario.

Se o cavalleiro não se sustentasse n'aquella posição estava varado de um lado ao outro, se se sustentasse tinha em poucos momentos a espada partida, vendo-se na necessidade de se render á descripção.

O momento era solemne; estava lavrada a sua sentença de morte, tinha de morrer.

—Barão, disse então elle em voz profunda e terrivel, lembrae-vos do que vos disse na sala d'armas.

Referia-se Vasco ao uso que faria da adaga se se

batesse contra um homem que se servisse de uma espada como aquella.

—Ah! sois vós! exclamou o barão acceso em ira, pois o conhecera ás primeiras palavras.

—Eu sou, e se me mataes morreis tambem.

—Pelo sangue de Judas, maldito, que vaes morrer!

E torcendo a espada com toda a força quebrou a de Vasco, e enterrou-lhe a sua no peito, atravessando-o de um lado ao outro.

Tendo desembainhado a adaga Vasco correu pelo ferro, e aproximando-se do barão, rasgou-lhe o ventre do vasio esquerdo até a verilha direita.

Um momento depois caíam ambos no chão debatendo-se nas convulsões da morte.

Valdez petreficada como estava, petreficada ficou a olhar para os dois cadaveres.

Teolindo deixou caír o arcabuz, correu para Vasco, louco de dôr e de desespero, levantou-o nos braços, chamou por elle, mas só os eccos funebres do castello responderam á sua voz dolorosa. O seu querido amo, aquelle moço no vigor da vida, aquelle fidalgo tão bello, tão nobre, tão valente, o seu amo que tanto estremecia estava morto!...

XXIV

FALA O CAPELLÃO E O MORDOMO

No angulo do castello a cincoenta passos do logar onde se effectuara esta scena de sangue, Branca escutava em anciedade aterradora as vozes do marido, o tinir dos ferros que parecia tocarem-lhe com as pontas agudas, e seguia em cuidado mortal todas as peripecias do duello.

Se o podesse evitar, se a honra e a dignidade a não forçassem a permanecer na espectativa mais horrivel que se póde conceber, ella correria como louca e atirar-se-ia ao meio dos combatentes, offerecendo ás espadas o seu peito innocente.

Mas que lhe podia resultar d'esse acto tão heroico como sublime? A sua deshonra e a deshonra de Vasco. Ella bem observara que o fidalgo não queria por modo algum que o barão o conhecesse, e tanto que nem uma palavra, um monossyllabo lhe ouviu pronunciar durante quasi toda a luta, que pareceu durar um seculo.

Quando porém se deu uma pequena suspensão na aggressão e na defeza, que se não sentiu o tinir de ferros por alguns momentos, o que aconteceu logo que as espadas se prenderam deixando de bater uma na outra, a sua anciedade e o seu

receio subiram de ponto julgando que a luta terminara, e que esse termo, fosse qual fosse, era a realisação de uma desgraça annunciada no principio do encontro.

Ouviu depois a voz de Vasco, distinguiu perfeitamente as palavras: Lembrae-vos do que vos disse na sala d'armas, em seguida as outras: Se me mataes, morreis tambem, e então, em todo o seu ser, no seu coração, no seu espirito sentiu um abalo tão violento que julgou ficar louca.

Não decorreu um minuto, e se decorresse teria enlouquecido, que no silencio d'aquella noite pavorosa não echoasse o som de dois corpos caíndo desamparados, e apoz este som não cortassem o espaço os lamentos de Teolindo.

— Morto! disse ella n'um tom de voz que parecia uma interjeição de susto, e como fulminada tombou nos braços de Pepa procurando um apoio. Dos braços da criada foi ao chão, pesada, inerte, sem accordo algum. A commoção fôra muito superior ás forças do seu espirito para que ella resistisse a uma desgraça tamanha.

Um pouco mais distante o rendeiro, estranhando a demora, e parecendo-lhe ouvir som confuso de ferros e a voz do barão, voltou ao fosso, e o primeiro espectaculo que se lhe deparou foi Pepa querendo levantar a baroneza e chamando por ella angustiada e afflicta.

Perguntando o que acontecera soube pela criada que o barão se estivera batendo com o fidalgo que elle deixara com sua ama, e que este ou o esnhor ou ambos tinham morrido no duello.

O rendeiro correu ao local onde se dera o conflicto, e viu dois homens estendidos no chão — o barão e Vasco; outro ajoelhado, com a cabeça n'um dos cadaveres e as mãos amparando a cabeça, em soluços e prantos — Teolindo, o criado fiel e amigo; e uma mulher, de pé, immovel, como estatua do tumulo que Deus abrira alli, n'aquelle fosso, ao amante tresloucado e ao marido despotico — Valdez.

Apalpando os cadaveres e vendo que não davam signal de vida, o rendeiro ajoelhou no meio d'elles, ergueu as mãos ao ceo, e encommendou as suas almas a Deus, n'uma oração fervorosa e singela como podia ser tudo que concebesse o seu espirito bondoso e justo.

Depois caminhou para o castello, chamou os criados, as criadas, o capellão, o mordomo, e communicou-lhes a desgraça que acabava de ferir a baroneza e todos os familiares do barão. E como podia ser que desvirtuassem sua ama por se achar no fosso, fazendo-a causa d'aquelle conflicto, disse aos primeiros que appareceram, que a baroneza, para impedir o duello, correra ao fosso com a criada, mas não podera deter as iras dos contendores.

Todos do castello correram ao fosso, com archo-

tes, com lanternas, e conhecendo o fidalgo que julgavam chamar-se D. Pedro d'Ulme, e vendo ainda pasmada, hirta, a hospeda que reputavam amante do barão, entenderam que o duello fôra motivado por ella, e attonitos a principio, sentidos depois, encolerisados afinal, gritaram á uma apontando para Valdez:

—Essa mulher é a culpada de tudo.

A estas vozes Teolindo levantou-se, pois absorvido na sua dôr não se importara com as luzes e com os rumores dos que iam chegando, e vendo a dama ruiva que não conhecera nas trevas, fitou-a com os olhos turvos das lagrimas e deslumbrados da luz dos archotes, e passados alguns momentos exclamou apontando para ella com ambos os braços na terrivel expressão da sua magua dilacerante:

—Essa mulher é uma serpente! Matou o meu amo, matou o senhor barão. Dêem cabo d'ella, que vendeu a alma ao diabo!

—Morra, morra! gritaram todos os servos e todos os criados, formando um circulo á roda de Valdez.

Valdez não os ouvia nem via tão pouco. A vida de relação como que se extinguira n'aquella alma que se abysmava em si mesma, ou se ligava ao espirito que voara ao eterno deixando animar o involucro que jazia a seus pés.

Colericos, rancorosos, fanaticos, os criados esperavam que um d'elles fosse o primeiro a agarrar a possessa, quando o rendeiro appareceu no meio d'elles e lhes disse com a autoridade dos annos e do respeito que lhe tributavam.

—Quereis matar uma mulher que não podeis julgar, e que só Deus sabe se é criminosa? Deixae esta senhora que se é causa das desgraças que presenciamos, sente-as tanto ou mais do que vós.

—Mas vendeu a alma ao diabo, observaram alguns retendo na memoria as palavras de Teolindo.

—Levantae os cadaveres, levae-os para a capella e deixae a dama commigo, ordenou o rendeiro procurando distrail-os.

Os criados hesitaram, e um retorquiu:

—Se não vendeu a alma ao diabo, tem o diabo no corpo.

—Isso então não é comvosco. É com o senhor padre capellão.

O capellão estava presente, e vendo que se referiam a uma das funcções do seu ministerio, entrou no circulo e falou pela primeira vez:

—Dizeis bem. Sou da mesma opinião. Essa senhora traz o demonio comsigo. Levae-a para a capella, que eu a exorcismarei com agua e com oleo até afugentar o espirito máo.

Os criados socegaram.

Levando os cadaveres em padiolas disseram a

Valdez que os acompanhasse, mas ella não ouviu a ordem; viu apenas levantarem o cadaver de Vasco, e seguiu-o maquinalmente.

Depositados os corpos na capella do castello o capellão leu os responsorios, aspergiu os cadaveres, e depois de mandar accender uma alampada, disse a um moço que fazia as vezes de sachristão:

— Vae buscar o oleo dos exorcismos.

Pelo que observara, pelo modo por que Valdez apparecera no castello, pela doença repentina que causara á baroneza, pelo passeio que dera só na companhia do barão, e ultimamente pelas desgraças de que a faziam causa, o capellão convenceu-se que a dama estava possessa.

Conjurar o demonio a saír d'aquelle corpo, exorcismar depois quando o espirito mao se mostrasse rebelde, usar da formula e da ceremonia para combater o genio malfeitor que se apossara d'aquella alma, foi o que o padre entendeu que devia fazer, e por isso impondo as mãos em Valdez gritou com voz poderosa:

— Satanaz, deixa a creatura do senhor.

Valdez não se moveu. Tinha os olhos fitos no cadaver de Vasco e nada via nem sentia do que se passava á roda de si.

— Satanaz, tornou o capellão, restitue a fala, o movimento, a voz á filha d'aquelle que te precipitou nos infernos.

O mesmo silencio, o mesmo quietismo.

Vendo a inefficia da conjuração, o bom do padre um pouco aterrado e no meio de uma assembléa que respeitava e acatava as crenças dos seus maiores, as crenças dos povos e dos sabios da antiguidade, abriu o livro das orações e principiou em voz baixa com um certo respeito que se communicou a todos:

— *Exorcizo te, creatura salis, per Deum vivum... Oremus clementiam tuam...*

E tomando o hysope, principiou a aspergil-a e proseguiu:

— *Exorcizo te, creatura, aquæ... Oremus. Deus, qui ad salutem...*

Houve uma pausa, todos os olhos se fitavam na possessa, o capellão fitava-a como procurando descobrir a saída do genio mao, mas Valdez continuava firme, erecta como uma estatua de pedra.

O capellão recorreu aos oleos e disse a oração correspondente:

— *Exorcizo te, creatura, olei...*

Nem á agua nem aos oleos Valdez deu accordo de si. Pasmada, em pasmo terrivel e doloroso, não tirava os olhos do corpo do homem que tanto amara, e tão feroz, tão barbaramente que lhe roubara a vida não podendo roubar-lhe o coração.

O mordomo que ainda não tinha falado, e a quem ainda não ouvimos a voz no decurso d'este

romance, entendeu que era a occasião de falar, por isso que era elle a primeira pessoa do castello depois do fallecimento do barão e na ausencia da baroneza, e então disse:

— Se vos apraz, padre capellão, dae hoje as orações por terminadas. É tarde, todos precisam descançar. Ámanhã continuareis se assim o entenderdes conveniente.

— E quem guarda a possessa?! perguntou o capellão receando que o demonio, ainda de posse de Valdez, lhe roubasse a occasião de uma victoria que confirmaria o poder da religião.

— Ficará na torre de menagem, respondeu o mordomo, até que el-rei lhe dê algum destino. Reputo-a criminosa e por isso a prendo. As justiças que se informem depois.

Um julgava-a criminosa, outro possessa. Que julgará o leitor? Ás leitoras não pergunto, porque já sei a sua opinião.

Decedido isto o mordomo convidou Valdez a acompanhal-o.

A este convite, a esta voz que a mandava saír de ao pé do cadaver do homem que extremecera, Valdez acordou do seu marasmo e sobresaltada olhou rapidamente para todos.

Foi horrivel este momento. Esclarecendo-se-lhe a razão conheceu onde estava, o que tinha feito, e lembrou-se em sintese atroz do seu passado tris-

tissimo, desde Mazagão até Lisboa, desde Lisboa até La Puebla.

Era doloroso o sangrento desenlace de todos os seus tramas, obstinados e perversos.

Uma lagrima, talvez a primeira lagrima sincera da sua vida, correu-lhe lentamente por uma das faces e espraiou-se nos labios entreabertos a suspiros concatenados de dôr.

Sem dizer uma palavra, sem soltar um queixume, acompanhou o mordomo, e a passo lento e quebrado subiu para a torre de menagem.

Mobilaram-lhe o primeiro aposento, deram-lhe uma escrava para a servir, e pouco depois, a porta chapeada de ferro rangendo nos quicios resoou-lhe ao coração como a tampa de um tumulo.

Assim terminou este drama passado á luz dos archotes, drama doloroso e compungitivo, que por muitos dias deixou aterrados os habitantes do castello, e mais de um seculo se contou ao lar das familias do occidente da peninsula.

A baroneza já estava no seu quarto, desacordada ainda, e só pela manhã conseguiu restituir-lhe os sentidos um cirurgião que foram a toda a pressa chamar a Merida.

Antes ficasse desacordada para sempre o anjo que veiu a este mundo para ensinar ás infelizes como ella, que acima do amor está a honra e acima da iniquidade dos homens a justiça de Deus.

CONCLUSÃO

Tendo velado toda a noite junto do cadaver de seu amo, Teolindo montou a cavallo ao romper do dia e partiu para a Carriã. Foi dar parte á mãe e á irmã de Vasco do funebre acontecimento do castello.

Bem triste, bem pesaroso andou o dedicado pagem essas quarenta leguas que o separavam do solar.

A noticia foi recebida na Carriã com lagrimas e com gritos de toda a gente da casa, e a illustre dona resolveu ir a La Puebla buscar o corpo de seu filho.

No castello a tristeza era geral. Todos os familiares trajavam lucto, a capella estava vestida de negro, os sinos dobravam a finados, e os amigos e conhecidos do barão vinham uns apoz outros dar os pesames á baroneza.

Branca não recebia ninguem. Só com Pepa choravam ambas. Se lhe mandavam perguntar alguma coisa não respondia.

O cirurgião embalsamou os cadaveres, e no dia seguinte com solemnes exequias, foram depositados no carneiro da familia.

Na torre de menagem Valdez ouviu os sinos e os officios quasi sempre de joelhos.

Era sincero o seu arrependimento, profunda a sua saudade.

Na circumstancia da prisão não pensava. Para ella estava tudo acabado. Ahi ou em outra qualquer parte, livre ou presa, com commodidades ou sem ellas, a sua vida tinha de ser uma morte apparente, sem esperanças, sem paixões, sem odio, sem amor, indifferente a tudo, tão fria como fôra vulcanica, tão quieta como fôra torvelinho.

A posse d'aquelle homem era o seu vello d'ouro, fez tudo que humanamente era possivel para o conquistar; não pôde porque a morte o roubou para si; acabou tudo por consequencia; mais coisa nenhuma a estimulava a dar um passo; o homem, o luxo, os quadros ridentes da natureza cobria-os um veu luctuoso que a afastava do mundo para a concentrar com a sua alma.

Sempre triste, sempre debaixo do pezo enorme da sua dôr, a baroneza levantou-se o primeiro dia para ir á capella rezar pela alma do homem para quem vivera amando-o e chorando, e do que lhe dera o nome d'esposa embora o não amasse, embora elle a tivesse offendido na sua dignidade de mulher e na sua liberdade de amante.

Fechada no seu quarto o dia todo, apenas saía para cumprir aquelle acto religioso, e voltava novamente aos aposentos sem falar com pessoa alguma, sem se importar com os negocios do cas-

tello. Uma occasião que o mordomo a procurou para lhe dizer a resolução que tomara ácerca de Valdez, respondeu que essa dama tinha morrido tambem.

Oito dias depois, por uma carta do mordomo, appareceu em La Puebla D. Rodrigo Pizarro. Participaram-lhe tudo, e o fidalgo castelhano deliberou que Valdez ficasse entregue aos cuidados do capellão, e que elle a soltasse quando entendesse que a dama portugueza estava livre do demonio, ou acalmada nas paixões ferozes com que flagelava a humanidade.

Em virtude d'esta sentença, o capellão que tomava por demonio disfarçado a serenidade, o quietismo, a indifferença em que ella caíu, reteve-a um anno na torre apezar de a reclamarem Ouransaangué e Antonia Dias, personagens que conhecemos dos romances anteriores.

Depois de solta Valdez voltou para Lisboa, para casa de sua mãe, e o que posso dizer ao leitor é que morreu muito velha em cheiro de santidade.

No dia seguinte á chegada de D. Rodrigo entraram no castello as senhoras da Carriã acompanhadas de Teolindo, e seguidas de umas andas para transportarem o cadaver de Vasco.

Branca não esperava este ultimo golpe. Os restos mortaes do cavalleiro eram para elle um objecto de extrema veneração. Tinha-o alli, a dois passos

do seu quarto, aquelle corpo gentil, involucro de uma alma nobilissima; a elle, Vasco que amara como poucos, e como poucos morrera, devotado e sincero, leal e generoso.

A separação era cruel.

Quando saíu o cadaver Branca chamou o irmão e pediu-lhe que a acompanhasse a Tordezillas.

O irmão annuio, e Branca, entrando no convento, vestiu o saco da penitencia e consagrou os seus dias a Deus. Foi uma freira exemplar, e por muito tempo exerceu o cargo de directora das educandas. Poucas como ella as podiam previnir contra os perigos da sociedade.

Saíndo o prestito funebre do castello de La Puebla, Teolindo marchou sempre na frente para arranjar nas estalagens aposentos para as senhoras.

Antes de chegar a Moura sentiu atraz de si um cavallo galopando, e viu que o cavalleiro era o criado de Valdez. Parou com o aspecto carregado e a ferver-lhe na cabeça uma idéa que tinha pouco de humanitaria.

Vendo que Valdez ficava presa, o criado despediu-se e voltava para sua casa. Não dava mais uva aquelle chão tão rico.

Teolindo esperou-o e fazendo-o parar disse-lhe:

— A tua ama?

— Ficou presa.

— Sabes que tive sempre vontade de lhe dar um gibão de açoutes?

O criado sorriu-se.

— E como não podesse satisfazer este apetite, seguiu Teolindo, lembrou-me depois que a maneira de ficar consolado era desancar-te com um páu até ficares em lençoes de vinho. És tão patife como ella.

— Essa agora! observou o criado em tom de motejo.

Teolindo esperava uma provocação, aceitou esta.

Tirou o arcabuz do arção da sella e estendeu-o nas costas do collega com toda a força de que podia dispôr. O pagem foi ao chão bradando em altos berros por soccorro, mas ninguem lhe acudiu. Nem hoje quanto mais n'esse tempo lhe apparecia alma viva!

Teolindo seguiu o seu caminho um pouco aliviado de pesares, acompanhou o cadaver de seu amo á Carriã, e ahi morreu administrador do solar. Bom rapaz, que tambem justiçava por suas mãos.

FIM.

INDICE